

**UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI
PROGRAMA DE MESTRADO EM HOSPITALIDADE**

ARAXÁ: TURISMO E IDENTIDADE

ALESSANDRA BURGER DE AGUIAR

**SÃO PAULO
2006**

**UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI
PROGRAMA DE MESTRADO EM HOSPITALIDADE**

ARAXÁ: TURISMO E IDENTIDADE

ALESSANDRA BURGER DE AGUIAR

Dissertação apresentada à Banca Examinadora,
como exigência parcial para a obtenção do título de
Mestre do Programa de Mestrado em Hospitalidade,
da Universidade Anhembi Morumbi, sob a
orientação da Profa. Dra. Maria do Rosário R. Salles

**SÃO PAULO
2006**

BANCA EXAMINADORA

Agradecimentos

A Deus, por ter me dado condições físicas e materiais para realizar esta pesquisa.

Aos meus pais, modelos de vida e dignidade. Sempre me apoiando e incentivando a levar em frente todos os meus projetos de vida, superando e crescendo com os desafios e obstáculos. Obrigado por terem me encorajado a vencer mais este desafio.

À Profª Drª Maria do Rosário R. Salles, pela competência, dedicação, paciência e boa vontade durante todo o processo.

A todos os professores do Programa de Mestrado em Hospitalidade da Anhembi Morumbi, pelo profissionalismo e dedicação ao programa. Em especial a Profª Drª Sênia, o Prof. Dr. Davis e a Profª Drª Célia, pelas valiosas considerações que enriqueceram a minha pesquisa.

Às colaboradoras da Secretaria do Mestrado, pelo atendimento durante todo o período do Mestrado, em especial a Alessandra, pelo apoio e ajuda providencial.

Ao Prof. Dr. Selmane Felipe e Profª Edmeia, pelo auxílio tão indispensável. Foi muito bom poder contar com vocês.

À Profª e amiga Rosa Vilaça, pela paciência e boa vontade.

Ao Luís Cláudio e a Celina, por terem sido extremamente hospitaleiros me recebendo em São Paulo.

Ao José Luiz, pelo incentivo e paciência durante o final desta pesquisa. Muito obrigada por me entender.

Mineiro que vai, mineiro que fica, mineiro que vem – tudo é mineiro uai.

Tudo é sonhador. Porque. O que, primeiro, define o mineiro é a busca do sonho impossível. É este dar a vida por um sonho ou uma quimera.

Pelo sonho da Liberdade, Felipe dos Santos foi arrastado nas patas de um cavalo.

E se pudesse gritar, gritava, como quem grita o nome da mulher amada:

- Liberdade!

Pela quimera da liberdade, essa amante tardia, que chega sempre depois da hora (embora um dia sempre chegue), Tiradentes deu a vida e se mais vidas tivesse, mais vidas daria à amante única.

O mineiro Santos Dumont, na busca do impossível, deu asas ao sonho humano de voar.

O mineiro Juscelino plantou uma cidade de concreto no cerrado como se plantasse uma flor.

Que fez o mineiro Ivo Pitanguy senão realizar o sonho impossível, decretando a eterna juventude na magia do seu bisturi?

Mineiro é religioso, mesmo quando ateu.

Mineiro tem sempre um sino tocando dentro do peito.

Tem sempre uma procissão passando, com beatas cantando desentoadas, na sua memória.

E se o mineiro não fosse assim, acima de tudo um devoto, teria conspirado contra Deus, que deu a Minas esta valentia, esta determinação, esta busca do sonho, onde o sonho estiver, mas privou Minas do mar tão desejado. Se Minas tivesse mar, o mineiro planta sonhos como se plantasse uma roça de milho.

Acho que toda manhã o mineiro deveria ajoelhar-se em dois bagos de milho, à moda das beatas do interior de Minas, e rezar assim:

- Obrigado, Senhor, por fazer de mim um mineiro. (Roberto Drummond)

RESUMO

O Município mineiro de Araxá, localizado na região do Alto Paranaíba do Estado de Minas Gerais e o Grande Hotel de Araxá fazem parte de um período bastante conhecido da história dos hotéis-cassino e grandes hotéis no mundo e no Brasil em particular, onde se identifica com a política desenvolvimentista do poder público que viu na ocupação do interior do país, uma das metas a serem atingidas para a segurança e o desenvolvimento regional e nacional. Nessa perspectiva, as estações de tratamento hidroterápico foram alvo de investimentos e de atração de um público cativo durante o Governo de Getúlio Vargas, que permitiu o conhecido apogeu dos hotéis-cassino e sua posterior decadência iniciada no período do governo Dutra, mas que determinou profundas mudanças no sistema turístico e hoteleiro. Desta forma, este trabalho objetiva compreender como esse processo determinou, de certa maneira, uma configuração para a identidade da cidade de Araxá que teve, no turismo e no lazer dos seus habitantes, seu ponto de inflexão, considerando-se todo o entorno do Hotel, o chamado Complexo do Barreiro, que permanece e determina, juntamente com uma “vocação gastronômica artesanal” regional, o caráter atual da identidade de Araxá. Para tanto, o trabalho caracterizou-se por uma pesquisa de campo de caráter qualitativo, sem preocupação com representatividade estatística, que consistiu em apreender a percepção de moradores e pessoas representativas do poder local, e que utilizou técnicas como as entrevistas feitas à pessoas consideradas representativas do poder local e a moradores, que de alguma forma, participaram e vivenciaram diferentes fases do desenvolvimento turístico e hoteleiro do município. Foi possível assim, perceber, através dos depoimentos, como se desenvolveu esse processo e o peso representado pelo Grande Hotel e sua repercussão na vida e identidade do município. Apesar de existir, em alguns momentos, diferenças de opiniões, podemos afirmar que todos deixaram claro que a hospitalidade da cidade é um aspecto de grande relevância para a atividade turística presente e para seu futuro progresso. Os entrevistados destacam os turistas como fonte de renda e procuram usar a hospitalidade mineira que acreditam estar arraigada na população araxaense em geral, como um chamariz para o turista. Consideram indiscutível a relevância das águas termais para o desenvolvimento turístico de Araxá, bem como o Grande Hotel, que atraiu para a região investimentos no setor hoteleiro, de alimentação e entretenimento, melhorias na infra-estrutura básica e de acesso à região, além do fluxo de turistas.

Palavras-chave: Turismo; Araxá; Hotelaria; Identidade; Barreiro.

ABSTRACT

The county of Araxá, in Minas Gerais, one of the Brazilian states, located in the region of Alto Paranaíba and the *Grande Hotel de Araxá* are part of a very well-known period in the History of casino-hotels and great hotels in the world and particularly in Brazil, in which a developmental policy of the public power could be identified. That policy saw the occupation of the countryside as one of the goals to be achieved for the regional and national security and development. In that perspective, the stations for water-therapy treatment were target of investments and attraction for some regular guests during the government of President Getúlio Vargas. Those investments led to the golden era of the casino-hotels and a subsequent downfall started during the government of President Dutra, but which determined dramatic changes in the tourist and hotel system. Thus, the present study aims at understanding how that process determined somehow a configuration for the identity of Araxá, having tourism and entertainment of its inhabitants as its inflexion point, considering all the surroundings of the Hotel, known as "*Complexo do Barreiro*", which keep on being the same and still determine the current features of the identity of Araxá. The study is characterized by a qualitative field study, without statistical concern. The research consisted in apprehending the perception of the inhabitants and relevant residents of the local power. Interviews were used to obtain the opinion of those who participate and lived the different phases of the tourist and hotel development in the county. It was possible, therefore, to notice through their statements, how the process has developed and its importance for the Grande Hotel and its repercussion in the life and identity of the county. Although existing, at some moments different opinions, we can affirm that everybody made it clear that the town hospitality is an aspect of great relevance for the tourist activity and for its future progress. The interviewed ones show the tourists as an income source and they try to use the hospitality, that they believe to be attached to the araxaense population in general, as a lure for the tourist. They consider unquestionable the relevance of the thermal waters for the development of the tourism of Araxá, as well as the *Grande Hotel*, that has attracted for the region investments in the sector of hotels, restaurants and entertainment, improvements in basic infrastructure and of access to region, besides the tourist flow.

Key-Words: Tourism; Araxá; Hotels; Identities; Barreiro.

Lista de Abreviaturas

A.I.H. – Associação Internacional de Hotelaria
CAMIG – Companhia Agrícola de Minas Gerais
CBMM – Companhia Brasileira de Metalurgia e Mineração
CODEMIG – Companhia Mineradora do Desenvolvimento de Minas Gerais
COIND – Cooperativa Integral do Desenvolvimento do Planalto de Araxá
COMTUR – Conselho Municipal de Turismo
HA – Hectares – medida de terra
IEPHA/MG – Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado de Minas Gerais
SENAC – Serviço Nacional de Aprendizagem de São Paulo
URCA – Urbanização Carioca

Lista de Ilustrações

Ilustração 1 Grande Hotel de Araxá.....	26
Ilustração 2 Copacabana Palace.....	26
Ilustração 3 Parque Balneário Hotel - Santos.....	27
Ilustração 4 Hotel Quitandinha.....	28
Ilustração 5 Grande Hotel Águas de São Pedro.....	29
Ilustração 6 Grande Hotel Poços de Caldas.....	30
Ilustração 7 Cassino da Urca.....	30
Ilustração 8 Vista Geral do Grande Hotel na Década de 1930.....	49
Ilustração 9 Ruínas do Hotel Rádio.....	51
Ilustração 10 Hotel Colombo: em 1929 e hoje.....	54

Lista de Mapas

Mapa 1 – Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba.....	32
Mapa 2 – Mapa dos Municípios Limítrofes de Araxá.....	33
Mapa 3 – Mapa das Rodovias de acesso de Araxá.....	34
Mapa 4 – Mapa de Araxá em 1811.....	36
Mapa 5 – Área do Complexo do Barreiro.....	83

Lista de Tabelas

Tabela 1 – Periodização da Cidade segundo categoria.....	37
Tabela 2 – População economicamente ativa.....	38
Tabela 3 – Principais produtos cultivados no município.....	39
Tabela 4 – Resultado destas análises.....	44
Tabela 5 – Meios de Hospedagens da Cidade de Araxá.....	56
Tabela 6 – Ocupação Média Hoteleira.....	81
Tabela 7 – Número Estimado de Hóspedes nos Hotéis.....	81

SUMÁRIO

Introdução.....	10
Capítulo 1 – Os Grandes Hotéis – Cassino: Turismo, Curismo e Araxá.....	17
1.1 Hotelaria: o processo histórico.....	17
1.2 Estâncias hidrominerais e potencialidade dos hotéis-cassino.....	22
1.3 Principais hotéis-cassino no Brasil.....	25
Capítulo 2 – O Desenvolvimento do Turismo e Hotelaria em Araxá	32
2.1 Caracterização Geral do Município.....	32
2.2 A Hospitalidade e a relação com a gastronomia.....	42
2.3 As potencialidades medicinais das águas araxaenses.....	44
2.4 A hotelaria araxaense: histórico no contexto de Araxá.....	45
Capítulo 3 – O Grande Hotel e Termas de Araxá.....	58
3.1 Projeto arquitetônico.....	58
3.2 A execução das obras.....	60
3.3 A infra-estrutura do Grande Hotel.....	61
3.4 O processo de decadência.....	72
3.5 A restauração e a reabertura do Grande Hotel.....	78
3.6 Resultado de Pesquisa: População em geral e lideranças públicas e privadas: visões e contradições	85
Considerações Finais.....	96
Referências Bibliográficas.....	98
Bibliografia Ampliada.....	101
Anexo 1. Termo de Consentimento.....	105
Anexo 2. Roteiro de Entrevista com Representantes Civis da Cidade de Araxá.....	112
Anexo 3. Roteiro de Entrevista com Representantes do Poder Público e “Trade Turístico”.....	113
Anexo 4. Documentação fotográfica e cartográfica.....	114

INTRODUÇÃO

O fato de ser mineira, de Araxá, levou-me a problematizar questões relativas à hospitalidade e ao turismo. Trata-se de um dos setores que crescem mais rapidamente na economia global, e os países em desenvolvimento têm tentado expandir essa área para impulsionar os investimentos estrangeiros e as reservas financeiras. Ao mesmo tempo em que fica claro que o crescimento descontrolado do setor pode resultar em sérios problemas ambientais e sociais, as Nações Unidas argumentam que tais efeitos negativos podem ser controlados e reduzidos. Ao argumentar que o turismo precisa tornar-se auto-sustentável, os países, em geral, organizaram um “debate” em abril de 2006, na Comissão para o Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas, buscando unir governos nacionais e locais, a indústria turística, sindicatos e grupos ativistas em torno desse tópico.

Desde os primórdios da civilização, a hospitalidade foi cercada de uma aura divina. Os deuses gregos, segundo a mitologia, protegiam toda manifestação de hospitalidade e castigava aqueles que violavam a tradição da arte de receber andarilhos. Algo semelhante a hotéis ou a outras formas de hospedagem sempre acompanhou os passos dos viajantes. As primeiras referências a hotéis datam do século XVIII, com uma proliferação maior no século XIX.

Aproximadamente, metade dos gastos do turismo refere-se à hotelaria, mas esse movimento considerável não está distribuído de forma harmônica entre os meios de hospedagem, sendo que os estabelecimentos de pequeno porte representam 80% do total da oferta de hospedagem. Os 20% restantes, freqüentemente pertencentes às cadeias internacionais, lideram o mercado. (SERSON, 2000)

Na área do turismo de saúde, os avanços da medicina impulsionaram a divulgação e a popularização do termalismo, facilitando a expansão do setor turístico nas cidades que oferecem tal benesse. Araxá possui, na sua formação geológica, algumas riquezas minerais como as águas sulfurosa e radioativa, minerais dos quais se obtêm fertilizantes e o pirocloro, usado em vários produtos industrializados.

A hospitalidade mineira encontrada na cidade e o complexo turístico do Barreiro, tornam Araxá uma cidade de efetivo potencial turístico, desde os tempos indígenas até as modernas concepções da atividade turística. A criação do Grande Hotel de Araxá uniu o

potencial natural da região, as termas, a atuação do estado, os valores históricos e a hospitalidade da população local.

Tratar Araxá como um potencial turístico, é discutir questões relativas ao Grande Hotel do Barreiro e à própria hospitalidade da cidade, ressaltando seu contexto histórico, cultural, político e econômico.

De sua origem indígena, Araxá herdou o próprio nome que em tupi-guarani tem o significado, por extensão, de um lugar alto onde primeiro se avista o sol. Ao implantá-lo, a intenção dos governos estadual e federal foi fortalecer a imagem do Estado diante de seus cidadãos. A sua construção esteve inserida nas propostas políticas adotadas na Era Vargas, ou seja, tratava-se de interiorizar o país e buscar alternativas econômicas para o Brasil.

O termalismo influenciou a utilização das estâncias climáticas para outros fins além da cura, como o lazer, a contemplação, a prevenção, o relaxamento e a estética, dentre outros. A correlação existente entre as estâncias hidrominerais e o turismo, representada pelo fluxo periódico de pessoas nessas áreas, tornou-se assunto de interesse nacional pelo que representa para diferentes camadas da sociedade.

O conjunto das obras do Parque do Barreiro foi realizado durante o governo estadual de Benedito Valadares (1933-1945). Foram seis anos de trabalho ininterrupto, iniciando-se em 1938. O Parque foi criado pelo paisagista Burle Marx, apresentando um cunho regional acentuado. Ambicioso para sua época, o projeto do complexo do Barreiro exigiu a disponibilização não só de recursos financeiros, mas também de profissionais habilitados.

É interessante observar que, no início do século XX, as casas comerciais como confeitarias, salões de barbeiro e os salões de bilhares apostavam nos turistas como clientes. O comércio ligado a automóveis, fábricas de manteiga e cerveja contribuiu para o cenário progressista de Araxá. Havia divulgação da qualidade dos serviços oferecidos por profissionais qualificados como médicos, farmacêuticos e professores.

O Grande Hotel foi palco de grandes festas, congressos, feiras e encontros nacionais e internacionais, atraindo o centro do mundo político, social, empresarial e científico. O cassino, que operou nos dois primeiros anos de seu funcionamento até a decretação de sua ilegalidade em 1946, foi um forte atrativo para o luxo e poder da alta sociedade brasileira. A lei que proibiu a atividade dos cassinos afetou o setor hoteleiro do Brasil. O Complexo Turístico do Barreiro alternou, então, momentos de esplendor e de decadência. Em 1994, o município solicitou sua interdição devido ao estado calamitoso das instalações.

Em 1997, começaram os trabalhos de restauração que terminaram em 2001, sendo hoje conhecido nacionalmente pela beleza, preservação da arquitetura e decoração originais e pela oferta de serviços terapêuticos e estéticos.

Comer bem é um privilégio de quem visita Araxá. Sua culinária recebeu influência dos índios, dos primeiros colonizadores portugueses e dos tropeiros bem como dos imigrantes italianos, espanhóis, árabes e franceses. Com a implantação do Grande Hotel, a transferência de ensinamentos de seus chefes de cozinha, a comida caseira araxaense foi temperada com requintes da comida internacional, tornando-se conhecida pelo seu sabor inconfundível.

Os doces de Araxá são famosos em todo Brasil, a fabricação caseira de compotas, balas, cristalizados acabaram tornando-se mais uma atração para o turista que vinha inicialmente em busca da famosa qualidade terapêutica das fontes termais. O clima favorável, solo rico e fértil, região produtora de leite e queijos e fartura de frutas tropicais favoreceram o desenvolvimento na produção de doces na região, somando a cultura e costumes de fabricação que eram passados de geração para geração. Os doces de Araxá aos poucos começaram a serem comercializados entre vizinhos e amigos, conquistando posteriormente uma clientela variada.

A riqueza da culinária de Araxá pode ser encontrada em livros de receitas tais como "Araxá Põe a Mesa" de Fernando Braga Araújo (1998), ou nos restaurantes que procuram estar sintonizados com o perfil turístico que a cidade luta para reconstruir.

O presente trabalho discorre sobre a evolução do processo de periodização do turismo na cidade de Araxá e seu papel e grau de importância na implantação do complexo compreendido pelo Grande Hotel do Barreiro e as Termas, em todas as suas fases, usando, como marco, a construção do hotel. Usando depoimentos de lideranças significativas do poder local e das associações mais representativas de Araxá, busca compreender a relação entre o referido hotel e o desenvolvimento da identidade turística da cidade.

No cotidiano de Araxá, hoje, é possível perceber uma mentalidade coletiva que se traduz na consciência dos seus problemas mais prementes e na busca de alternativas para solucioná-los. A cidade viveu períodos de transição tais como a perspectiva de fazer do Barreiro uma estância turística, a inauguração do Complexo Turístico superando expectativas, a explosão inicial da indústria mineradora nas décadas de 50 e 60 renovando os planos e os sonhos da população e a situação atual, quando todos sentem o conflito de reafirmar a vocação para a pecuária e agricultura, destinar investimentos à industrialização, aos setores do comércio e de serviço, ou retomar cada vez mais a exploração do potencial turístico do Barreiro com o setor do turismo.

As discussões em torno de um maior investimento no potencial turístico da cidade, a introdução do ecoturismo, do turismo rural e de aventura, por exemplo, são indicativos do momento de transição agora vivido. O debate e a reflexão sobre a realidade atual permanecem. Revivendo sua história, o araxaense tenta rever o passado, na esperança de que o sonho de prosperidade ou um lugar ao sol possa ser comum a todos que vivem nessa terra.

Analisando a evolução do processo de periodicização do turismo na cidade de Araxá, tem-se, em vista, o papel e o grau de importância da implantação do Complexo compreendido pelo Grande Hotel do Barreiro e das Termas em suas diferentes fases de desenvolvimento.

- Entender o desenvolvimento dos grandes hotéis e hotéis-cassino no Brasil dentro do processo mais geral de turistificação.
- Refletir sobre o processo de turistificação da cidade de Araxá, com foco no Grande Hotel e gastronomia local, tendo em vista a construção de uma identidade local.
- Verificar as representações do turismo local, do processo de turistificação da cidade.

Tendo em vista todo o processo de construção da identidade turística de Araxá, objetivou-se demonstrar o peso e a relevância do Grande Hotel para esse desenvolvimento.

- Qual a relação entre o Grande Hotel, a economia e a gastronomia local e o processo de turistificação de Araxá?
- Como o processo de turistificação da cidade impacta a vida dos moradores?

Percebendo este momento de reflexão sobre o passado turístico que a cidade viveu e a situação atual, a proposta do presente trabalho foi discutir os aspectos relevantes do desenvolvimento turístico do município de Araxá, com destaque para o Grande Hotel do Barreiro, avaliando as intervenções que definiram e determinaram a identidade turística para o município. Apesar de existirem obras informativas sobre o desenvolvimento da cidade, a pesquisa enfoca a história araxaense, relacionando o desenvolvimento local com a implantação do Complexo do Barreiro e os aspectos ligados à identidade local, através da análise de documentação e depoimentos de pessoas representativas do poder e sociedade locais, associações mais representativas e cidadãos comuns.

A teoria das representações sociais (WOODWARD, 2000) serviu de apoio nas entrevistas realizadas, onde se buscou conhecer a visão dos moradores e dos líderes locais. O uso desse instrumento teórico-metodológico é pertinente porque, segundo Jodelet (1986), a teoria das representações sociais pode ser utilizada como *“uma maneira de interpretar e de pensar nossa realidade cotidiana, uma forma de conhecimento social.”* (JODELET, 1986, p. 473) Não representam somente um conjunto de idéias construídas individualmente, mas são

os resultados de uma estratégia. São idéias criadas conjuntamente pelos membros de um grupo social comum, para entender as diferentes nuances e códigos apresentados pela realidade e poder conviver com as mesmas. A transformação da realidade cotidiana e as dificuldades surgidas continuamente são vividas de modo individual pelas pessoas, apesar das formas diferentes de enfrentamento e compreensão entre pessoas com a mesma história, conceitos e linguagem. Assim, as representações sociais não devem ser confundidas com as opiniões elaboradas por uma única pessoa, mas devem ser entendidas como fruto da convivência em grupo, como uma construção coletiva, onde concepções foram avaliadas, assimiladas ou não, com o objetivo de melhor reproduzir e se relacionar com os diversos elementos do cotidiano.

Assim, a natureza da pesquisa foi de base qualitativa, com o uso de entrevistas, observação e análise de estudos e documentos. O material coletado foi analisado pela da técnica de análise de conteúdo (BARDIN, 1988). Com esse método, foi possível problematizar as informações, verificando, não somente o seu conteúdo como também o contexto e o momento histórico em que foi produzido, procurando conhecer o que estava “*por trás das palavras sobre as quais se debruça.*” (BARDIN, 1988, p. 44)

Num primeiro momento, realizou-se pesquisa bibliográfica, de caráter exploratório, que consistiu na consulta à bibliografia, a teses e dissertações existentes sobre o tema, além do estudo de documentação histórica sobre a cidade e região, que permitiu aferir um referencial teórico ao trabalho.

Em seguida, numa segunda fase, a pesquisa caracterizou-se como pesquisa de campo, com a utilização de técnicas de entrevista e questionário a pessoas significativas para a pesquisa, como será explicitado adiante.

Existem poucos livros sobre a cidade de Araxá. Um dos mais importantes é *Das águas passadas à terra do sol* de Glaura T. Nogueira Lima (2003). Trata-se de um livro de história, que usa vários tipos de fontes, como jornais, fotos antigas, revistas e mesmo uma bibliografia regional, com ênfase nos livros sobre a história de Minas Gerais. Outro livro, de Zema (1988), traz várias impressões de pessoas importantes sobre a cidade, descrevendo fatos relevantes. O interessante, neste caso, do ponto de vista da pesquisa histórica, é que a autora reproduz o texto de outro livro publicado em 1942 – *O Barreiro de Araxá*, de Carlos Luz. Enfim, apesar da linha descritiva, a obra não pode deixar de ser utilizada como fonte importante para aqueles que escrevem sobre o município. Consultas à biblioteca da cidade e ao Arquivo Público do Município foram usadas para coleta de dados históricos e geográficos.

Com o objetivo de conhecer a opinião e as representações dos moradores de Araxá sobre o impacto do Complexo do Barreiro na vida da cidade e em suas vidas, foram realizadas 10 entrevistas com moradores, escolhidos de maneira aleatória entre os dias 09 e 23 de abril de 2006. Essa escolha, contudo, procurou identificar os diferentes níveis sociais, culturais e econômicos. As entrevistas foram realizadas individualmente, em ambiente adequado para os entrevistados. Os critérios foram delineados com base em Lomônaco (1970, p. 57), que utiliza a profissão e o grau de escolaridade, para categorizar os indivíduos de acordo com seu prestígio social. Não houve preocupação com a representatividade estatística, pois o objetivo foi trabalhar qualitativamente, sendo os depoimentos orais uma fonte de informações imprescindível dentro da proposta do estudo. As questões do roteiro para a entrevista foram elaboradas visando a obter informações sobre o processo de identidade turística em Araxá. Além dos moradores comuns, foram entrevistadas personalidades relevantes nas áreas econômica, social, cultural e turística. As personalidades foram escolhidas em campos diversos de atuação. As entrevistas foram gravadas com autorização dos participantes e o motivo do trabalho foi explicado previamente. As entrevistas foram entendidas, neste estudo, como *“uma conversação efetuada face a face de maneira metódica; proporciona ao entrevistador, verbalmente, a informação necessária”* (LAKATOS, 1992, p.107).

A observação foi usada como técnica complementar, devido ao fato de a pesquisadora ser moradora da cidade. De acordo com Lakatos (1992) a observação trata *“do uso dos sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos e fenômenos que se deseja estudar”* (LAKATOS, 1992, p. 107). Foi realizada mediante contato sistemático com o atual Grande Hotel, observando-se a frequência de hóspedes, a administração, divulgação do hotel na mídia local e nacional e o relacionamento entre o complexo do Barreiro e a população.

As técnicas utilizadas, juntamente com o estudo e análise do material coletado, responderam à pergunta sobre a contribuição do Grande Hotel para a identidade turística de Araxá, além de permitir que os objetivos propostos, de analisar a evolução do processo de periodização do turismo na cidade, entender as fases do desenvolvimento do turismo na região e a relevância do Grande Hotel na identidade turística da cidade, fossem alcançados.

A presente dissertação está assim organizada: no primeiro capítulo é feito um levantamento histórico dos hotéis cassinos e o desenvolvimento da hotelaria no Brasil. O contexto histórico e político daquelas fases juntamente com o desenvolvimento do uso terapêutico e estético das estâncias hidroterápicas e termais são retratados em seu cenário de riqueza e sofisticação.

No segundo capítulo, uma incursão pela história de Araxá mostra suas atividades econômicas e a importância do turismo para seu crescimento, visando a entender o significado da hotelaria e das águas minerais neste contexto.

O capítulo 3 reflete sobre a formação do Complexo do Barreiro e a sua importância para a cidade e seus moradores. Discute o encerramento das atividades do Grande Hotel, analisando o longo e turbulento processo de restauração, que sofreu muitas paralisações, devido ao fracasso dos primeiros processos de licitação, discutindo as mudanças de administração por que passou o hotel, sua situação hoje e o papel do Complexo do Barreiro no cotidiano da comunidade araxaense.

Finalmente, discutimos a situação do Grande Hotel, no presente como um polarizador das atrações turísticas de Araxá, as consequências deste papel na vida econômica, social e política da cidade.

1. OS GRANDES HOTÉIS-CASSINO: TURISMO, CURISMO E ARAXÁ

O objetivo deste capítulo é apresentar uma discussão da evolução dos grandes hotéis-cassino de uma maneira geral, em alguns países do mundo, e especialmente no Brasil, sua relação com o desenvolvimento do turismo e suas interfaces com a hotelaria. Esta análise se dará, procurando fazer o panorama histórico do turismo e discutindo o impacto dos grandes hotéis-cassino e/ou estâncias hidrominerais na constituição da identidade turística dos municípios. Portanto, neste capítulo se apresentará de forma breve, uma evolução dos principais hotéis-cassino no mundo e no país, pontuando suas características e influências no “processo de turistificação” das cidades sede e aspectos políticos e sociais deste contexto.

1.1. Hotelaria: o processo histórico

“A origem da palavra hotel é francesa e no início, significava especialmente a residência do rei da França.” (DIAS, 1990, p.30) Entretanto, com o tempo, passou a ser genérica, para nomear os edifícios de caráter público ou privado. Para serem assim designados, havia uma imposição: deveriam ser suntuosos e imponentes, diferenciando-se dos demais da mesma localidade. Na França, ainda hoje, o vocábulo hotel além de usado para designar lugar de hospedagem, é utilizado, também, para destacar, na paisagem local, outros edifícios imponentes.

A Associação Internacional de Hotelaria (A.I.H.), depois de muitos debates em Encontros e Simpósios, sobre o conceito que melhor definisse a palavra Hotel, apresentou a seguinte definição:

Um hotel de turismo é uma empresa de alojamento destinada a receber hóspedes que se propõem a nela fazer uma estada temporária, à qual vem se juntar, geralmente, uma empresa de restauração, sob uma forma mais ou menos elaborada. O hotel de turismo, paralelamente a seus recursos técnicos e humanos, deve corresponder às necessidades da demanda, que modernamente são estipuladas pelos progressos realizados nos domínios de alojamento, nutrição e bem-estar. Daí a importância, tanto para o dirigente como para o pessoal que explora o hotel, de serem profissionalmente qualificados e de respeitar o essencial das altas tradições de hospitalidade (DIAS, 1990, p. 80).

Historicamente, uma das maiores atratividades dos grandes hotéis foi a implantação de cassinos, cuja origem não pode ser datada exatamente. Especula-se que os chineses foram os primeiros a fazerem registro desse tipo de jogo em 2.300 a.C., o que leva a crer que, a partir

de então, esse tipo de jogo esteve presente em todas as sociedades. No “auge do Império Romano, os legisladores decretam que todas as crianças deveriam aprender como apostar e jogar dados.” (WEBER, 1988, p. 221) Num cassino, a vedete é a roleta. E a grande pergunta é: quem a inventou?

Em meados do século XVII, teria ela sido apresentada pelo cientista Blaise Pascal e jogada pela primeira vez em um cassino em Paris. Em contrapartida, acredita-se que o alemão Johann Gutenberg foi responsável pela impressão do primeiro baralho. Ao francês, cabe, ainda, a invenção das cartas de jogos de azar em 1837. Na verdade, há muitos mitos e lendas em relação aos jogos. Conta-se, por exemplo, que a classe francesa do século XVI, tornou-se perita no jogo egípcio da roleta. Napoleão interessou-se, por sua vez, pelo jogo de cartas *vingt-et-un* conhecido, hoje, como *blackjack*. Num contraponto, os ingleses desenvolvem uma diversão conhecida como *hazard* (jogo da sorte), o precursor do popular jogo de dados. Em relação ao moderno *poker*, acredita-se que seja uma combinação de influências persa, italiana e inglesa, incluindo ainda, técnicas de apostas francesas (<http://www.Clubapostar.com>).

“No século XVIII, a maior parte dos viajantes era constituída de pessoas de melhor poder aquisitivo e que dispunham de cartas de apresentação para ficar em residências particulares em seus destinos.” (DIAS, 1990, p.32) Na falta desta carta, os viajantes viam-se obrigados a alugarem aposentos ou quartos em estalagens. O primeiro hotel familiar data de 1774. Com o advento das ferrovias, veio a prosperidade hoteleira, o surgimento dos hotéis de trânsito – hospedarias de diligências.

No século XIX, “com o aumento da solicitação de transportes, a evolução das viagens e a crescente complexidade da vida comercial e industrial, foi surgindo a necessidade de um organizador de viagens que pudesse fazer os arranjos necessários para a estada em hotéis, bem como preparar as excursões.” (DIAS, 1990, p. 33) Tratou-se de uma fase extremamente importante para hoteleiros e empresas de transporte. Em 1850, T. Cook inaugura viagens ao exterior, tanto no Continente Europeu quanto nos EUA e outros países. Em 1867, Cook cria o *coupon* hoteleiro, também conhecido por *voucher*. Este equivale a um recibo constando os serviços recebidos pelo cliente. Na primeira metade do século XIX, há o registro de uma revolução no mundo dos albergues, pousadas e hospedaria. O fato gerador de tal revolução deu-se por conta do início simultâneo da hotelaria (albergues, pousadas e hospedarias) com grandes e luxuosos hotéis apresentados à sociedade.

Além das hospedarias, pousadas e albergues, os hotéis de trânsito também sofreram um grande impacto, pois as pessoas não usavam mais as estradas, e tiveram que se adaptar aos passageiros das ferrovias.

As ferrovias foram responsáveis por estimular um outro tipo de hotel: o *terminus hotel* ou hotel terminal – localizado no destino final do trem – pela mesma razão que mais tarde, as companhias aéreas reconheciam a necessidade de construção de hotéis de aeroporto (DIAS, 1990, p. 35).

Contudo, “o movimento mais conhecido no século XIX foi, sem dúvida, o termalismo, cujo fluxo de pessoas aos balneários produziu a conversão destes em lugares para o lazer e o descanso.” (REJOWSKI, 2002, p. 44) Ainda sobre a evolução da hotelaria, encontramos citações preciosas e importantes na bibliografia deste setor, tais como:

Na segunda metade do século XIX, tanto em Londres como nas grandes cidades da Europa e na América, a administração dos maiores hotéis começou a passar das mãos de um único proprietário, ou de uma família, para alguma forma de organização empresarial. Surge a rede hoteleira com vários estabelecimentos utilizando uma administração comum e freqüentemente, um mesmo nome, como por exemplo, as cadeias Hilton, Ritz e outras (DIAS, 1990, p. 36).

Agora, todos os setores ligados direta ou indiretamente ao Turismo vão se beneficiar com os progressos técnicos trazidos pela revolução industrial.

A atividade turística existe quando, entre outros valores, se pode reconhecer:

(...) uma atividade humana, caracterizada exteriormente pelo abandono provisório do domicílio e obedecendo a motivos psicofísicos;
 (...) é o espelho técnico-econômico previsto em seu favor. Esse conceito engloba, então, simultaneamente, um elemento subjetivo e o substrato material que lhe serve de base. O turismo apresenta, pois, uma fase móvel e dinâmica, seguida de uma fase imóvel e estática. Na terminologia francesa, a primeira fase, que se refere aos transportes, é denominada turismo ativo; quanto à segunda, aquela relativa à estada e seu desenrolar, é definida com o termo turismo receptivo (KRAPP, 1952 *apud* DIAS, 1990).

No caso do Brasil, a preocupação com estas questões surgiria no final do século XIX e início do século XX. Nascia, àquela época, um novo tipo de elite: mais preocupada em conseguir mais educação e cultura, haja vista, ter esta elite um poderio econômico que lhe permitia desejar isto. Assim, os “senhores do café” ou “barões do café” – como eram conhecidos – passaram a desfrutar dos requintes do mundo europeu, para onde seus filhos iam estudar, adquirindo hábitos e gostos mais refinados.

Em meio a essa paixão pelos costumes da sociedade européia, surgiu, também o gosto pelo turismo associado às Estâncias Hidrominerais e Climáticas. Aliás, ressalte-se que o Brasil, neste quesito, é pródigo. Seguindo a isso, ganhou força o interesse pela criação de hotéis cassinos. Diversão, recreação e terapia encontrados num único espaço. Podia-se dizer que era a idealização de uma “atmosfera européia” (DUARTE, 1996, p.12).

Luxo e requinte eram o que não faltava a esse ambiente. Conheciam-se a época apenas pelo “glamour” desses hotéis, cuja construção foi toda feita com material importado da Europa. Mobiliário e enxovais também eram europeus.

No século passado, houve a consolidação da indústria hoteleira no Brasil. Iniciou-se a ênfase nas técnicas profissionais (de cozinha, serviço, recepção), com o objetivo de personalizar o atendimento ao hóspede e oferecer-lhe, sobretudo, qualidade nos serviços (DUARTE, 1996).

Nas primeiras décadas do século XX, pôde-se observar nos hotéis, perfeitamente, as origens européias criando tentáculos no setor sócio-econômico do país, sobretudo em cidades com potencial turístico. Antes, no século XIX, as primitivas casas de hospedaria foram transformadas nos pioneiros e legítimos hotéis implantados na capital paulista. Pode-se dizer que a construção da São Paulo Railway, ligando Santos e São Paulo, foi um grande impulso na hotelaria brasileira. Outro marco na hotelaria paulistana foi a inauguração do Hotel Terminus. Localizado na atual Avenida Prestes Maia, possuía mais de 200 quartos. Hoje, em seu lugar, temos o edifício da Receita Federal. Em 1923, surge o imponente Hotel Esplanada, com 250 apartamentos, localização privilegiada – ao lado do Teatro Municipal. Esse hotel, sem dúvida, mudou a trajetória dos hotéis em São Paulo, principalmente por apresentar novidades na sua arquitetura: possuía um belíssimo *hall* de entrada, todo em mármore de Carrara, três luxuosos salões-restaurantes, *grill room*, salão de chá “*point*” da elite paulistana (www.copacabana.com/cassino).

Quando se fala em hotel, no Brasil, não se pode esquecer do Rio de Janeiro, àquela época, capital do país. Comparado ao desenvolvimento hoteleiro paulistano, o carioca não foi menos importante. O Rio, também, possuía uma ligação importante com o turismo resultante de viagens a negócios, devido à borbulhante vida comercial e industrial da cidade, mas, sobretudo, por sua beleza e opções de lazer, além de ser conhecida pelos seus atributos paisagísticos e naturais e pela sua música popular, encarnada na saudosa Carmem Miranda. Na capital carioca, indiscutivelmente, o marco na hotelaria foi o Copacabana Palace, que transformou a cidade em ícone mundial, referência essa, mantida e cultuada até hoje, principalmente pelos estrangeiros. Faz parte, ainda, da história da hotelaria carioca, o Hotel Glória, fundado em agosto de 1922, com 700 apartamentos, o que lhe conferiu a possibilidade de ser considerado o maior do país (BOECHAT, 1998). Com a implantação do Estado Novo, houve um surto no desenvolvimento econômico do país, nas décadas de 1930 e 1940. Com política econômica favorável e autorização para o funcionamento de cassinos em todo o território nacional, em 1938, em 04 de fevereiro, sob a tutela do Decreto-Lei 241, inaugurou-se um novo tempo no Brasil. A importação da cultura européia e a busca da terapia curativa transformaram-se num forte binômio, que fez com que houvesse a junção das estâncias climáticas e hidroterápicas, onde se encontravam os maiores hotéis cassinos da época.

Entretanto, a autorização era restrita para cumprimento do objetivo sob o qual a lei foi concebida: terapia curativa para o espírito e corpo. Portanto, incluíam-se nesta autorização apenas estâncias hidroterápicas, climáticas e balneárias. Por isso, na década de 1930, as estâncias hidrominerais-climáticas foram alvo de grande fluxo turístico, com o objetivo específico de tratar a saúde (MAGALHÃES, 1945).

Com o incentivo governamental, foram construídos hotéis-cassino em várias estâncias. Destacaram-se Grande Hotel de Poços de Caldas, Grande Hotel de Araxá, Grande Hotel São Pedro, em Águas de São Pedro. Os três foram restaurados e ainda se encontram no mercado hoteleiro, mas sem a magnitude dos cassinos, proibidos por força de Lei do então Presidente da República, Eurico Gaspar Dutra, em 30 de abril de 1946. Conforme a lenda, atendendo a um pedido de sua esposa, Dona Santinha, e assim justificando:

O presidente da República, usando da atribuição que lhe confere o artigo 180 da Constituição e considerando que a repressão aos jogos de azar é um imperativo da consciência universal, considerando que a legislação penal de todos os povos cultos contém preceitos tendentes a esse fim; considerando que a tradição moral, jurídica e religiosa do povo brasileiro é contrária à prática e a exploração dos jogos de azar; considerando que das exceções abertas à lei geral decorrem abrigos nocivos à moral e aos bons costumes, considerando que as licenças e concessões para prática e exploração dos jogos de azar na Capital Federal e nas estâncias hidroterápicas balneárias ou climáticas; foram dados à título precário, podendo ser cassadas em qualquer momento (CORREIO DA NOITE, 1946 *apud* Site <http://copacabana.com/cassino>).

A proibição causou espanto na Capital e nos estados. Tudo foi muito rápido, não deixando espaço para contestações e protestos. A lei entrava em vigor a partir da sua publicação no “Diário Oficial”. O fato gerou para as estâncias hidroterápicas, balneárias e climáticas do país – com turismo ainda incipiente – um grande impacto. Foi evidente a mudança no mercado hoteleiro do Brasil. Quanto ao aspecto político-econômico, permaneceu e permanece até hoje, a sensação de que a gestão dos investimentos públicos de grande porte, nem sempre estão na pauta de prioridade dos governos. O fechamento dos cassinos provou isso, haja vista a “ordem” dos investimentos na construção dos mesmos.

Com a proibição, a demanda de turistas da elite brasileira para estas estâncias caiu drasticamente. Além da proibição do jogo, a revolução provocada pela descoberta e uso dos antibióticos, após a Segunda Guerra Mundial, também provoca impacto na gestão turística destas estâncias curadoras, haja vista aqueles serem um medicamento de alta resolução na cura de muitos males. Hoje, a trajetória hoteleira vem redesenhando sua história. O país vem sendo invadido por inúmeras cadeias internacionais de hotel. Têm-se desde grandes luxuosos hotéis, *resorts*, apart-hotéis, pousadas, hotéis-econômicos, supereconômicos, até o mais recente conceito em hotel: o *fast-sleep*, um hotel que fica dentro do aeroporto, para que nele o

hóspede possa permanecer de 2 a 4 horas. O primeiro no Brasil foi inaugurado em 2006, no aeroporto de Curitiba (RODINI, 2006). Suas instalações possuem cama, TV e Internet. Inegável, então, a dificuldade criada para a sobrevivência dos grandes e luxuosos hotéis-cassino.

1.2 Estâncias hidrominerais e potencialidade dos hotéis-cassino

Ainda hoje, a história dos hotéis-cassino é povoada de mistérios e desperta nas pessoas fascínio. Por isso, as pesquisas são constantes para vencer a lacuna deixada pela existência desses hotéis no Brasil. Pergunta-se frequentemente, por exemplo, por que não podíamos ser uma *Las Vegas* à brasileira. Por outro lado, afirma-se que eles foram suportes para o desenvolvimento econômico-cultural das cidades onde existiram. Todos têm a marca característica da época, grandiosidade e luxo das instalações físicas, inspiradas na hotelaria de luxo européia.

O Grande Hotel de Araxá constituiu-se em um dos marcos desse período. Junto a ele, outros ícones, dessa época, devem ser destaques na hotelaria nacional: Hotel Copacabana Palace, Parque Balneário de Santos, Quitandinha, de Petrópolis, Palace Hotel de Poços de Caldas; Grande Hotel de São Pedro.

Alguns autores destacaram que, em 1880, já havia um acentuado desejo de imitar estilos de vida pertencentes às classes abastadas e privilegiadas, possuidoras de propriedades rurais que serviam de lazer, prática comum entre aqueles de poder aquisitivo alto, o que lhes permitia migrar para outros lugares nos finais de semana (WEBER, 1988).

Já àquela época, sobretudo nas cidades européias, havia problemas de saúde eram associados à vida urbana, principalmente nas metrópoles. A “fuga” das grandes cidades para o interior era sinônimo de prestígio e saúde. Passeios, danças, espetáculos, encontros e jogos faziam parte do desejo e até permitia-se a transgressão de regras.

Esse comportamento era fruto da sociedade repressiva em que viviam, onde todos haveriam de seguir um modelo, um padrão de vida, alicerçado em idéias pré-concebidas (WEBER, 1988).

Na época, as viagens eram justificadas, num primeiro momento, pelos efeitos medicinais atribuídos às águas, o que, de certa forma, exigia um tempo maior de permanência no local. Aliado a isso, configuravam-se como centros de lazer e eram conhecidos, também, como estações de prazer. Para a cidade, o turismo movimentava a economia, pois o turista gerava divisas no mercado de hospedagem, e serviços como alimentação, entretenimento e

diversão para uma clientela cada vez mais crescente. Configura-se aí “que o tradicional dia de descanso passara de um único dia festivo a um período mais longo – *les vacances*, as férias” (WEBER, 1988, p. 219). Na verdade, esses destinos foram precursores de um estilo de vida sócio-econômico de circulação de dinheiro, mesmo antes das ditas “cidades normais”.

Há de se ressaltar que existiam duas categorias de centro de férias: os balneários, locais dotados de piscinas termais com diferentes características minerais e as estações de água, locais conhecidos pelos efeitos terapêuticos e estéticos advindos das propriedades termais, sulfurosas ou radioativas, existentes na água, sendo que os balneários, durante algum tempo sequer, aproximaram-se da fama das estações de águas.

Os romanos tinham apreciado as virtudes de uma nascente ou fonte de águas medicinais, e as estações de águas mais antigas da França vangloriavam-se de ter origens romanas, como seus nomes freqüentemente relacionados a *aquae* (Aix ou Aigues) atestam. Em 1603, Henrique IV inaugurou a moderna era termal, ao reservar as águas de Aix-em-Provence para oficiais feridos a seu serviço. Em 1605, instituiu um Superintendente de Águas Minerais para o reino, decretando que a função deveria ser exercida pelo médico real (WEBER, 1989, p.221).

Durante os séculos que se seguiram, houve grande disseminação do poder e dos efeitos de cura das lamas ou águas minerais.

O que eventualmente fazia a nobreza que podia pagar a viagem dispendiosa de Paris a Versailles (embora Paris tivesse suas fontes minerais em Auteuil, Passy, Batignolles, entre outros). No século XVIII, a voga, o status era freqüentar as estações de água que já estavam bem estabelecidas (WEBER, 1989, p.221).

Entretanto, nem tudo eram flores. O custo e dificuldades das viagens somadas à precariedade de higiene e comodidade constituíam-se senão para que esse tipo de turismo crescesse. Por outro lado, havia quem se dispusesse a enfrentar os obstáculos, a fim de tornar a vida mais agradável em detrimento até de um turismo em busca de uma melhor saúde. “Já em 1806, em Mont-Dore, ou em 1811, em Plombières, expulsaram-se os pobres que antes usavam os banhos sem pagar” (WEBER, 1988, p.222).

Na Europa, encontram-se as termas francesas que, se comparadas às inglesas, não eram tão grandes. Se comparadas as suas concorrentes da Europa Central, não eram tão elegantes.

Depois de 1871, entretanto, “o nacionalismo termal” reorientou os curistas patrióticos para os estabelecimentos franceses, que cresceram em importância. Um relatório oficial de 1844 regozijava-se com a mudança maciça na clientela e a resultante expansão e melhoramento das estações de águas francesas. No começo do século XX, meio milhão de pessoas ganhavam todo o seu sustento ou parte dele na indústria termal (WEBER, 1988, p.223).

Com o advento da industrialização da água mineral, foi possível para a população usufruir águas minerais sem que tivessem de viajar até sua fonte original. Em 1910, um estudo oficial exibiu uma cifra de 115 milhões de garrafas comercializadas a cada ano,

correspondendo a uma renda anual de 15 milhões de francos. O efeito disso não pode ser negado, nem desprezado. Isso equivale dizer que o mundo estava conhecendo, através das estações de água, uma forma também de fazer “jorrar” dinheiro.

A expansão continuada de estações de águas durante a depressão das décadas de 1880 e 1890 sugere que, se a crescente indústria do lazer não podia ir contra as tendências cíclicas, encontrava bastante munição para seguir funcionando, quando a maioria das outras indústrias decaía (WEBER, 1988, p.225).

Entre 1880 e 1890, Charles Garnier – renomado arquiteto de Paris – projetou um hotel-cassino com competição de tiro ao pombo, um ginásio, ringue de boxe, sala de esgrima, pista de corrida, campo de golfe, quadras de tênis, campo de futebol e campo de pólo. Nessa época, apareciam como contraponto à elegância dos hotéis-cassino, as hospedagens, muitas vezes desconhecidas. Por outro lado, ofereciam empregos sazonais à população local.

Ainda nessa época, na Europa, o padrão hoteleiro não gozava de boa qualidade. Havia problemas com a higiene, o mobiliário, os serviços prestados e com a infra-estrutura que não oferecia diversão. Alguns ofereciam um sanitário por andar. Somente as estações de férias possuíam bons hotéis e hospedagens para atenderem apenas à alta sociedade. Entretanto, com o passar dos tempos, os padrões alternavam-se. Poucos tinham viajado por lazer e se utilizado de hospedarias, cujos gestores eram do setor público. A maioria, quando viajava, era hospedada por familiares e amigos. Aos poucos, profissionais liberais, como médicos e advogados prósperos, começaram a freqüentar as estações de férias em número cada vez maior, pois esperavam comodidade e serviços modernos. Os novos hotéis passaram a adotar um novo padrão. Eram mais luxuosos já na virada do século: “palácios” ofereciam luz elétrica gratuita, lavatórios e banheiros em todos os andares. Elevadores, cabines telefônicas, restaurantes e salas abertas ao público tornaram-se algo de inusitado (COSTA, 1987).

O século XIX firmou-se pela popularização das viagens para descanso e restabelecimento. Passaram de privilégio de poucos para a oportunidade de muitos que teriam ao seu alcance os seus desejos realizados. Vale ressaltar que não houve uma democratização “ampla e irrestrita”, pois não se tornaram bens de massa. Com isso, o turismo de antes se livra de sua roupagem antiga – justificado para o tratamento de saúde – e apresenta uma nova face: turismo de lazer e consumo – de curismo para turismo. Em conseqüência, a maioria das estações de águas e de férias abandonaram suas aspirações primeiras e decidiram atrair todos que tivessem tempo livre e dinheiro para gastar. Ou seja, novos tempos: mercantilização do turismo; fonte de renda e enriquecimento.

Não há ninguém doente. As mazelas, os reumatismos, as seborréias ficam por aí, noutras hospedarias. Estamos num hotel snob. Avisos por todos os lados participam

aos doentes de verdade que o lugar não os admite. É exclusivamente de cura mundana.

Não é ao lado das fontes de enxofre que saram dos males da luxúria, o holocausto de todos os vícios, de todos os crimes, de todas as ganâncias, da podridão humana, ao Deus Moloc do jogo? Nas estâncias daquele tempo o jogo era o grande negócio: Fica no final de uma roleta, que parece complemento e a oração principal. Tudo aí não se paga – os licores, o café, os charutos, as águas (CASTELLS, 1983).

As mudanças ocorridas na Europa, de alguma maneira, influenciaram o Brasil. Embora não fossem numerosos, os “palácios” tornaram-se vanguarda no mercado de hotelaria. Criavam-se novos padrões como os de limpeza, por exemplo. As estações de águas tornaram-se, no final do século, paradigma. Agiam e apresentavam-se como modelo. Ditavam, de certa forma, um *modus vivendi*. Foram pioneiras em planejar e desenvolver paisagens e ruas. Relembre-se aqui, os famosos jardins de Burle Marx do Grande Hotel de Araxá. Os projetos de seus quartos e áreas públicas eliminavam armadilhas de poeira, tapeçaria, estofos pesados – e introduzia a moda do branco.

Depois disso, criou-se uma nova cultura para as pessoas enfermas à procura de tratamento ou cura. Deixaram de ser turistas em “férias” para se tornarem turistas “de intervalo”. Ou seja, preferiam os meses fora de “época”, pouco concorridos, para fazerem suas viagens. Foi assim que Poços de Caldas (Minas Gerais) passou a ser cognominada “Estação do Baú” (Arruda, 1990), pela caracterização do turista que freqüentava esse destino.

1.3 Principais hotéis-cassino no Brasil

Como já foi dito neste estudo, os hotéis-cassino foram frutos de uma política governamental desenvolvimentista do interior do país, que incluía as estações hidroterápicas. Ressalte-se, pois, que todo o investimento e gestão eram do setor público.

O Grande Hotel de Araxá, hoje já não mais gerenciado pelo Estado e completamente restaurado, pode ser considerado um dos mais importantes monumentos arquitetônicos do Brasil. Possui 283 apartamentos, sendo um deles suíte presidencial; aloja imponentes salões com lustres de cristal da Boêmia; o mobiliário é riquíssimo; o piso é revestido com mármore de Carrara; as janelas possuem cristais franceses bisotados. Conta, ainda, com salões de festas, de inverno e leitura, *scotch bar*, boate, restaurantes, salas de jogos e cine-teatro, corredores panorâmicos, área para convenções, feiras e eventos de grande porte. As termas ficam anexas ao Hotel, mas com passagem interna. A sua entrada, uma rotunda com vitrais e afrescos com alusão à origem indígena de Araxá. Existe ainda, uma ampla piscina emanatória com água morna, banhos de lama, pérola e outros. Possui um salão de beleza aberto ao

público e um centro estético. Hoje, o Grande Hotel de Araxá encontra-se administrado pelo grupo Ouro Minas, de Belo Horizonte.



Ilustração 1 – Grande Hotel de Araxá (Fonte: Acervo Fundação Calmon Barreto)

Outros Grandes Hotéis implantados em outras cidades brasileiras merecem destaque, como o Copacabana Palace.

O glamuroso Hotel Copacabana Palace da cidade do Rio de Janeiro foi projetado pelo arquiteto francês Joseph Gire, com fachada inspirada no Hotel Carlton, de Cannes. Inaugurado em 1920 e palco de grandiosas festas promovidas pela elite carioca. Como o Grande Hotel de Araxá, serviu como “alojamento” para grandes encontros, confrontos e debates políticos, fazendo surgir um cotidiano inédito. Naquela época e até hoje, o bairro de Copacabana é a vitrine da modernidade. Tudo acontecia e fervilhava ali. Amenizou-se com a mudança da capital federal para Brasília. Ainda assim, o luxo e a qualidade do hotel tornou-se uma referência nacional no mercado de hotelaria. E ainda é assim nos dias de hoje (BOECHAT, 1998, p.78).



Ilustração 2 – Copacabana Palace (Fonte: Lage, 2000).

Já na cidade de Santos – São Paulo –, o Parque Balneário Hotel foi inaugurado em 1914, com 250 apartamentos. O hotel tornou-se o centro turístico de Santos nas décadas de 1930 a 1960, com seu luxo e requinte. A obra durou cerca de quatro anos, e todos os materiais empregados foram importados da Europa: lustres de cristal belga, mármore de Carrara, mobiliário italiano, maçanetas de porcelana francesa, louças inglesas. Até os uniformes dos funcionários foram importados. Em 1960, o Balneário foi vendido ao Santos Futebol Clube, que lá instalou sua sede social e manteve o hotel por algum tempo, posteriormente foi vendido para o empresário Armênio Mendes. O edifício foi totalmente demolido, o que representou uma grande perda arquitetônica nacional e o próprio descaso para com o patrimônio. Em seu lugar, surgiu um hotel de linhas modernas, sendo atualmente o terreno ocupado pelo Hotel Turismo Parque de Balneário e Shopping Center Balneário.



Ilustração 3 – Parque Balneário Hotel – Santos (nos dias de hoje) (Fonte: Lage, 2000).

O Hotel Quitandinha de Petrópolis, segundo informações obtidas no site da cidade, fora construído em 1944 por Joaquim Rolla para ser o maior cassino da América do Sul. O estilo arquitetônico fora definido como normando, que é característico dos cassinos europeus que faziam sucesso na Normandia, antes da Segunda Guerra Mundial. Seu interior lembra cenários de filmes americanos, o que no Brasil ficava conhecido como “Hollywoodiano”. Construída numa área de 50.000m², possui banheiros em mármore, lustres com pingentes de cristal e um sistema de iluminação suficiente para iluminar uma cidade de 60.000 habitantes. Seus salões podem abrigar até 10.000 pessoas num só evento. O Teatro Mecanizado, com três

palcos giratórios, tem capacidade para 2.000 pessoas. O lago tem formato do mapa do Brasil, com o farol da Ilha de Marajó.



Ilustração 4 – Hotel Quitandinha (Fonte: Lage, 2000).

Freqüentavam o hotel, milionários, atrizes e políticos. Com a proibição do jogo em 1946, o Hotel Quitandinha perdera a sua principal fonte de renda e sobrevivência e, por isso, seus apartamentos foram, pouco a pouco, sendo vendidos para particulares. A partir de janeiro de 1989, iniciou-se um processo de restauração do prédio, e atualmente, sua parte social é utilizada para congressos, eventos, shows e feiras (ANDRADE et alli, 2001).

Do Grande Hotel São Pedro, sabe-se, segundo informações recolhidas no site APEOESP (<http://apeoesp.org.br/novacoloniaspedro/dadoscidade.htm>), que ele fora resultado de um empreendimento, em 1935, dos irmãos Moura – empresários paulistas e donos da empresa Águas Sulphídricas e Thermas de São Pedro S/A – que objetivavam também, a instalação de um balneário na cidade com fins hidroterápicos e residenciais. Por se tratar de um projeto arrojado e ambicioso, fora necessário adquirir vários terrenos na região, reunindo em única área, cerca de 650 alqueires de terra. Para a implantação do projeto, foram convocados os melhores profissionais da área. Em 19 de junho de 1940, o interventor do Estado, Adhemar de Barros destacou do município de São Pedro, uma área reservada à futura instalação da estância, denominada Águas de São Pedro, cuja administração das obras foi entregue à empresa Águas Suphídricas.

No ano de 1938, inicia-se a construção do Grande Hotel Águas de São Pedro em estilo *art déco*, arquitetura típica dos anos 30/40, por influência direta da cultura francesa no país. O projeto do hotel fora de Luiz Carmelindo. No ano de 1940, em 25 de julho foi inaugurado o Grande Hotel Águas de São Pedro, data coincidente com a fundação da cidade. Desde o final de 1969 até os dias de hoje, o hotel pertence ao Serviço Nacional de Aprendizagem de São

Paulo (SENAC) revestido da condição de hotel-escola. Atualmente, é considerado o mais bem equipado e importante Centro de Formação Hoteleira.



Ilustração 5 – Grande Hotel Águas de São Pedro (Fonte: Lage, 2000).

Em Poços de Caldas – Minas Gerais –, uma casa de banhos já funcionava desde o ano de 1886, com a finalidade de tratar doenças cutâneas através dos efeitos medicinais da água sulfurosa e termal da Fonte dos Macacos. O nome “Poços de Caldas” tem relação com a história real portuguesa. Na época em que foram descobertos os poços de água sulfurosa e térmica, a cidade de Caldas da Rainha, em Portugal já era uma importante terma utilizada para tratamentos e muito freqüentada pela família real. Como as fontes eram poços, surgiu o nome Poços de Caldas (pocosdecaldas.mg.gov/historia).

Com a construção do hotel-cassino, a aristocracia brasileira, e até a de outros países, desfilava pelos seus portões. O Presidente Vargas tinha uma suíte especial a seu dispor, com a mesma decoração ostentada no Palácio do Catete – Rio de Janeiro –, então Capital do país, àquela época. A suíte, ainda hoje, preserva a originalidade da época. Todavia, sem sombra de dúvida, a grande atração ainda é a piscina “térmica” alojada num suntuoso salão sustentado por colunas de mármore de Carrara. Como não podia deixar de ser, o Hotel também fora cenário para celebridades como Sílvio Caldas, Carmem Miranda, Orlando Silva. Entre os políticos destaquem-se Benedito Valadares e Juscelino Kubitschek. Como não era exceção, o hotel também foi surpreendido pela proibição do jogo. Para contornar o revés da proibição e da decadência do interesse pela atividade termal, os gestores colocaram Poços de Caldas na rota dos que faziam “lua-de-mel”, o que se tornou elegante e prova de poder aquisitivo. Assim, puderam ganhar fôlego e “respirar”. Hoje, o Palace Hotel pertence à Companhia Mineradora de Minas Gerais, mesma proprietária do Grande Hotel de Araxá. A administração

do Grande Hotel de Caldas Novas está a cargo da Rede Carlton de Hotéis (Andrade et all, 2001).



Ilustração 6 – Grande Hotel Poços de Caldas (Fonte: Lage, 2006).

Finalmente, temos o famoso cassino da Urca, cuja sigla foi criada por uma empresa de empreendimentos imobiliários do Rio de Janeiro, responsável por fazer um grande aterro aos pés do Pão de Açúcar, além de lotear a área para um bairro elegante. Foi neste local que se construiu o Cassino da Urca, que mais tarde teria uma filial em Poços de Caldas. Pois bem, URCA significa ou tem as iniciais da empresa loteadora: Urbanização Carioca. Lembrando que Urca fora nome de bairro residencial, hoje tombado a pedido da Associação dos Moradores da Urca (Castells, 1983).



Ilustração 7 – Cassino da Urca (Fonte: Lage, 2000).

Depois da explanação sobre o tema, conclui-se que, das estâncias hidrominerais de Minas Gerais (São Lourenço, Caxambu, Lambari, Poços de Caldas, Conceição do Mato Verde e Araxá), destacam-se os Grandes Hotéis de Araxá e Poços de Caldas, apesar da grandiosidade de todas as outras estações hidrominerais. Vale lembrar, pois, que após a proibição dos jogos, os hotéis que centralizavam suas atividades somente nos cassinos desapareceram. A sobrevivência de um hotel de porte do Grande Hotel de Araxá não se deu através de um processo simples. Houve várias fases, até mesmo a de fechamento do hotel por um longo período.

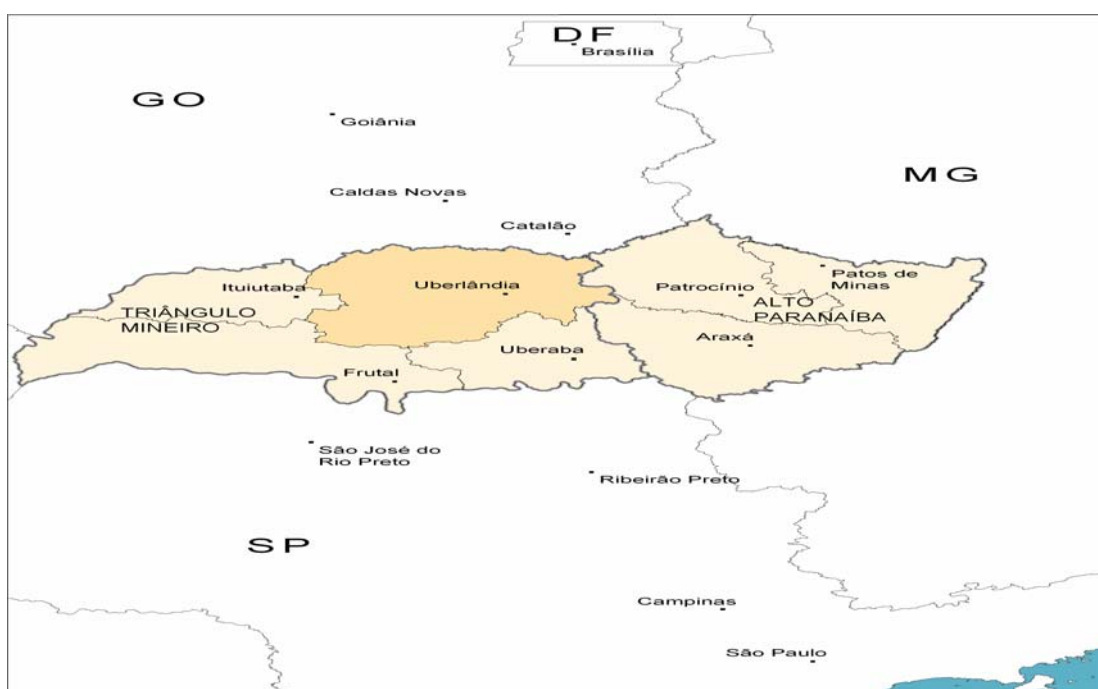
Estas temáticas serão tratadas posteriormente, no terceiro capítulo, mas antes, será feita uma análise sobre o processo de turistificação da cidade de Araxá, que vivenciou o pequeno, mas importante período dos hotéis-cassinos e os impactos deste período, vivenciados, ainda, nos dias de hoje.

2. O DESENVOLVIMENTO DO TURISMO E DA HOTELARIA EM ARAXÁ

Neste capítulo, será feita uma análise da cidade, discutindo um pouco de sua história, destacando as principais atividades econômicas e a importância do turismo para o seu crescimento, procurando entender o significado da hotelaria e das águas minerais neste contexto.

2.1. Caracterização Geral do Município

Trata-se de uma cidade do interior de Minas Gerais, localizada no sudeste do Brasil, com uma área de 588.384 quilômetros quadrados. A população total do Estado é 17,8 milhões de habitantes em 2000 (IBGE), sendo que 1.865.852 habitantes pertencem ao Triângulo Mineiro. Apesar de Araxá estar localizada no Alto Paranaíba, de uma maneira geral, os autores costumam associar o município à região do Triângulo, área localizada entre os rios Paranaíba e Grande.



Mapa 1 – Localização do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba (Fonte: FIBGE, 2005)

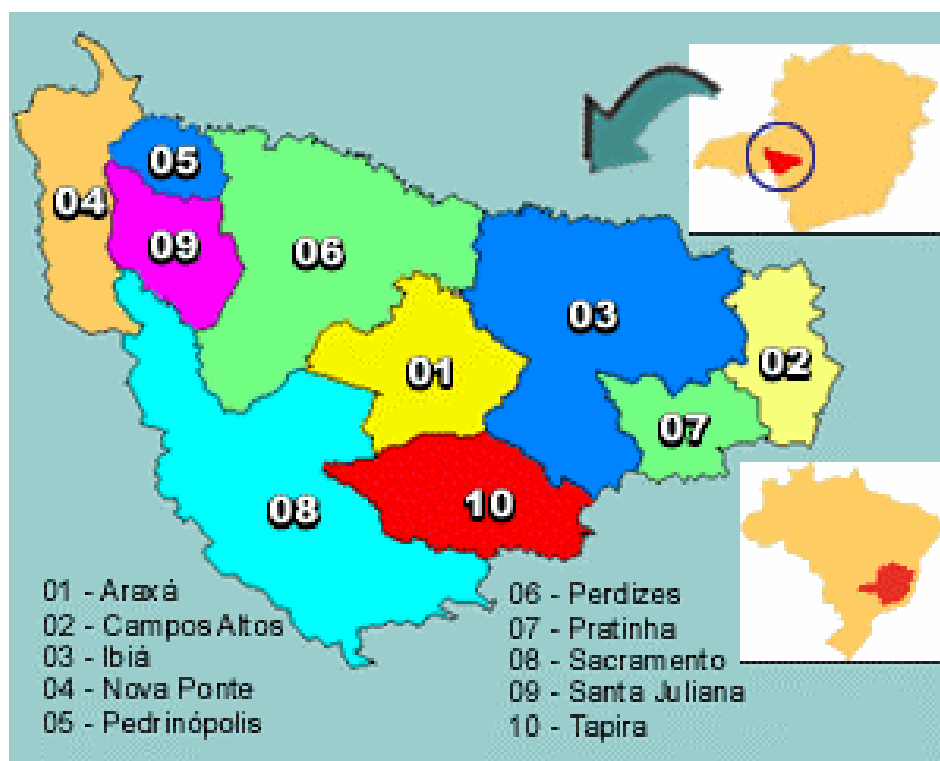
Do ponto de vista geológico:

O município é constituído de terras planas e colinas, a altitude máxima é de 1.359 metros e a mínima de 910 metros. O relevo do município mostra variações entre situações geológicas típicas do cerrado e de serras. Sendo que sua vegetação intercala campos de pastagens com pequenas matas naturais (PMA, 2006, s/p.).

Reconhecida pelas propriedades terapêuticas diversificadas de suas águas medicinais e pelo clima agradável o ano todo, com temperatura média de 21,4 C, Araxá integra o Circuito das Águas de Minas Gerais e da Serra da Canastra. O município possui uma área de proteção especial para fins de preservação, e também uma fauna diversificada onde é fácil encontrar-se tatu, tamanduá, macaco-prego e o sagüi, o veado campeiro e o catingueiro, lobo –guará, onça e nadadores como a capivara, paca e aves como perdiz, ema e seriema.

Araxá possui uma população de 80.000 mil habitantes, a quem atende em 98% com serviços de urbanização, energia elétrica, água tratada e saneamento básico. Os seus municípios limítrofes, conforme podemos observar no Mapa 2, são:

- Noroeste: Perdizes
- Sudoeste: Sacramento
- Sul: Tapira
- Oeste e Noroeste: Ibiá



Mapa 2: Mapa dos Municípios Limítrofes de Araxá (Fonte: Prefeitura Municipal de Araxá - PMA (2005) Informativo sócio-econômico 2004.

Esse mapa é importante na medida em que mostra, não apenas a localização de Minas Gerais, como de Araxá dentro do Estado, que está numa área central do país, considerando sobretudo as regiões mais desenvolvidas economicamente, como São Paulo e Rio de Janeiro. Isso favorece o turismo interno em direção à cidade de Araxá, o que também influenciou a sua escolha na década de 1940, para a construção do Grande Hotel. Esse não foi o único fator, pois foi aproveitado ainda o seu potencial natural – as águas - o que justificaria o fluxo de pessoas para a cidade. No caso específico da construção do Grande Hotel, outros dois fatores devem ser considerados: primeiro, na época do governo Vargas, havia uma preocupação de ocupar o interior do país e, segundo, com a legalidade do jogo no período, a criação de um hotel-cassino no interior do Brasil seria relevante para atrair as pessoas ao interior.

Atualmente, Araxá possui acesso por meio terrestre (ver Figura 2) e aéreo a todo território nacional. A companhia TOTAL Linhas aéreas opera com vôos diários para a cidade, partindo de Belo Horizonte. No período de férias e feriados prolongados, algumas companhias realizam vôos fretados, partindo também de São Paulo.



Mapa 3: Mapa das Rodovias de acesso de Araxá. (Fonte: Prefeitura Municipal de Araxá - PMA (2005) Informativo sócio-econômico 2004.

Quanto ao transporte rodoviário, poderíamos relacionar as principais distâncias a partir de Araxá;

- Belo Horizonte: 370 km
- Brasília: 600 km
- São Paulo: 549 km
- Uberaba: 108 km
- Uberlândia: 165 km
- Ribeirão Preto: 270 km
- Franca: 170 km
- Campinas: 440 km
- Rio de Janeiro: 849 km

As empresas que atendem a este tipo de transporte são: Continental, Gontijo, Real Expresso, entre outras. Infelizmente, nos últimos anos, as condições de acesso rodoviário foram prejudicadas pela falta de manutenção das estradas de Minas Gerais, principalmente do trecho que liga Araxá a Belo Horizonte e Uberaba.

Outro problema diz respeito ao transporte aéreo, pois a cidade não conta mais com vôos regulares para São Paulo, o que dificulta o desenvolvimento do turismo local. O viajante que quiser ir para a cidade de avião, deve descer em Uberaba ou Uberlândia, e ir para Araxá via transporte rodoviário. Apesar de Uberaba ser mais próxima de Araxá, as péssimas condições das rodovias neste trecho, obrigam as pessoas a descerem em Uberlândia, para depois seguirem para o seu destino final. Naturalmente, os problemas de infra-estrutura de acesso atuais prejudicam bastante o desenvolvimento do turismo araxaense.

Araxá é reconhecida pelas propriedades terapêuticas diversificadas de suas águas medicinais e pelo clima agradável. Contudo, a sua economia não ficou restrita a esta potencialidade – que, aliás, foi utilizada para o desenvolvimento do turismo na cidade. A exploração da mineração no município começou na década de 1950, com a instalação da COMIG – Companhia Mineradora de Minas Gerais, hoje CODEMIG – Companhia Mineradora do Desenvolvimento de Minas Gerais, -, da CAMIG – Companhia Agrícola de Minas Gerais - e da CBMM – Companhia Brasileira de Metalurgia e Mineração. Com a instalação dessas empresas, a cidade ganhou uma maior sustentação econômica (PMA, 2005, s/p.), fazendo surgir novas indústrias, gerando fluxo migratório para Araxá.

Para entender melhor as potencialidades do município, seria importante retomar algumas questões históricas. COSTA, 1987 destaca que a ocupação da região, sobretudo a partir do século XVIII, não foi um processo simples. Havia o quilombo do *Tengo-Tengo*, chefiado por Ambrósio e que contava com 200 homens, além das mulheres e crianças. Os

sertões do Oeste e Sul de Minas estavam repletos de negros formando dezenas de quilombos, em que se destacavam os do Ambrósio, do Zandu, do Careca e do Calaboca juntamente com a tribo dos índios *Arachas*, grupo desmembrado dos antigos *catu-auá* do ramo Trememés, tribo existente no território neste período.

Ainda de acordo com Costa (1987), como vingança por serem perseguidos pelos brancos, os negros invadiram as fazendas e os povoados para roubar e matar. Em represália, o governo de Minas enviou várias expedições para destruir os quilombos na região. Contudo, o êxito das expedições ocorreria somente em 1756, com a destruição de todos os quilombos nesta área. De acordo com Silva e Machado Filho (1946), a última expedição foi “chefiada pelo Capitão-Mor Bartolomeu Bueno do Prado, neto do famoso Anhanguera.” A seguir podemos ver, na Figura 3, um mapa da cidade no período – 1811 –, que demonstrava os “limites traçados de acordo com o Registro da Criação do Julgado de São Domingos do Araxá.” O que chama atenção é que, nesta época, a *São Domingos de Araxá* pertencia a Goiás e não a Minas Gerais.



Mapa 4: Mapa de Araxá em 1811 (Fonte: LIMA, 2003, p. 40)

Com o fim dos quilombos, a ocupação da região deu-se com a criação de gado e da plantação de subsistência, sendo que os principais produtos eram: milho, feijão e arroz. Com a prosperidade da região, os fazendeiros conseguiram aumentar significativamente seus rebanhos, causando conflitos na utilização das fontes sulfurosas e minerais enquanto recurso na alimentação dos rebanhos.

Em 1814, o governo teve de intervir, organizando uma escala dos interessados, em todos os dias do mês, com o fim explícito de ordenar e sistematizar o uso das fontes para o uso do sal na alimentação do gado (SILVA, 1946, p.15).

Tabela 1: Periodização da cidade segundo categoria (conforme Silva, 1946)

CATEGORIA	PERÍODO
Arraial	1782
Freguesia	1791
Julgado	1811
Vila	1831
Cidade	1865

FONTE: a autora (2006)

Em suma, podemos dizer que as condições naturais determinaram a constituição do núcleo de povoado onde é hoje a cidade de Araxá. Entretanto, a economia da cidade não ficou restrita aos criadores de gado. Na verdade, as potencialidades naturais de Araxá foram utilizadas também pelas mineradoras e pelo turismo, o que levou ao desenvolvimento da hotelaria no município. Essas considerações são básicas para o entendimento do desenvolvimento da identidade de Araxá, tanto do ponto de vista social e econômico, como do ponto de vista que nos interessa mais de perto, que é o processo de identidade turística local e o desenvolvimento da hotelaria.

Para analisar os aspectos sócio-econômicos, seria interessante destacar, primeiramente, a infra-estrutura desenvolvida na cidade. Um ponto relevante foi a criação do Distrito Industrial,

(...)que compreende uma área de 1.462.380 metros quadrados e fica apenas a 6 km do centro do município. Situado em área de fácil acesso, a 300 metros do trevo que interliga as principais rodovias do município: BR 452 e BR 262. Possui, hoje, 26 empresas instaladas e 10 em fase de implantação. Seu parque é diversificado, destacando laticínios, beneficiamento de grãos, adubos e artefatos de couro, estruturas metálicas, rações, móveis, transportes de cargas, cerâmica, precisão mecânica, confecção etc (PMA, 2005, s/p.).

O município possui ainda duas unidades de microdistritos Industriais, localizadas estrategicamente em seus bairros, que atendem micros e pequenas empresas, dentro de um Plano Estratégico de Desenvolvimento Econômico do Município. Existe, neste plano, um financiamento de lotes subsidiados em longo prazo. Já foram beneficiadas 17 empresas, com lotes de 420 a 530 metros quadrados. Todos estes micro-distritos são controlados e administrados por uma cooperativa, a COIND - Cooperativa Integral do Desenvolvimento do Planalto de Araxá.

A seguir, encontra-se uma tabela divulgada pelo COMTUR com dados econômicos sobre Araxá. Apesar de a cidade ser tratada como destino turístico, os dados não deixam claro os índices deste setor, pois o turismo pode ser encontrado tanto no item “comércio de mercadorias” como “outros serviços”, o que torna a tabela ambígua, dificultando a análise dos dados do ponto de vista do turismo.

Tabela 2: População economicamente ativa

SETOR	N. DE PESSOAS.					
	1991	%	1996	%	2000	%
Agropecuária	3.844	12,74	4.281	11,59	4.247	10,22
Indústria	9.761	32,62	11.380	30,81	10.816	26,03
Comércio de Mercadorias	3.114	10,41	4.801	13,00	6.096	14,67
Transporte, Comunicação e Armazenagem	1.295	4,33	1.661	4,50	2.938	7,07
Outros Serviços	11.908	39,80	14.810	40,10	17.455	42,01
TOTAL	29.922	100	36.933	100	41.552	100

Fonte: Fundação João Pinheiro – 2000. Apud, COMTUR.

As atividades econômicas predominantes na região estão ligadas à indústria de Mineração, Agropecuária e Turismo, seguidos pelo Comércio e Serviços. O segmento da agropecuária possui cerca de 960 propriedades rurais, ocupando uma área de aproximadamente 103.000ha., sendo que 71 % são pequenas propriedades com área até 100 ha. Cerca de 10.850 ha do município são utilizados pelas lavouras, com predominância da cultura de milho que ocupa uma área de aproximadamente 5.500 ha.

A Bovinocultura, com um rebanho misto, direcionado mais para a produção de leite, é a principal atividade do município, explorada em quase 100 % das propriedades o que facilita a fabricação de doces artesanais com o leite tirado no próprio município. O plantio de soja e batata teve um crescimento significativo na região. Produtores paulistas migram para a região devido às condições climáticas e topográficas propícias a esses tipos de lavouras. A

produtividade, nas mesmas condições técnicas, atinge o dobro da paulista, atualmente com um rebanho de aproximadamente 70.000 cabeças, ocupando uma área de pastagens de 85.000 ha, a atividade se desenvolve com uma tecnologia considerada regular.

Tabela 3: Principais produtos cultivados no município

Produto	2000/01		2003/04	
	TON.	ÁREA HÁ	TON.	ÁREA HÁ
FEIJAO	135	150	225	250
CAFÉ	3.276	2.730	3.600	2.400
MILHO	19.320	4.600	2.300	5.000
ARROZ	520	400	390	300
BATATA	4.500	150	52.500	1.750
SOJA	1.680	600	8.960	3.200
TOTAL	29.431	8.630	88.675	12.900

Fonte: Secretaria Municipal de Desenvolvimento Rural

Recentemente, está sendo realizado pelo poder público e privado um trabalho de conscientização com os proprietários de áreas rurais, no que diz respeito ao turismo rural, bastante procurado por visitantes que buscam fugir do cotidiano das grandes cidades. Na região de Araxá, já podemos contar com duas propriedades que se estruturaram para receber visitantes e se transformaram em hotéis-fazenda.

Além do setor da agropecuária, Araxá possui um rico patrimônio mineral, de seu subsolo, a extração de minérios, o seu beneficiamento e transformação é uma importante atividade econômica de Araxá. Oferece mais de 5 mil empregos diretos e indiretos, gerando riquezas para o município. O minério de apatita é extraído na região, com o uso de tecnologia de beneficiamento da BUNGE Fertilizantes.

A cidade possui, também, a maior reserva de nióbio conhecida do mundo. A extração e metalurgia são realizadas pela CBMM – Companhia Brasileira de Metalurgia e Mineração. O nióbio resulta do aproveitamento do mineral denominado pirocloro, empregado na produção de alguns tipos de aços especiais, principalmente microligados e inoxidáveis, presentes nas indústrias de ponta de diversos países. Seus produtos são exportados para todos os continentes, colocando-a como a maior fornecedora mundial de nióbio.

A indústria de processamento de alimentos também é significativa, envolvendo laticínios e doces, e tende a crescer com o aumento relevante que a produção de frutas, batatas e outros legumes vêm apresentando. O setor de laticínios amplia-se, com o acelerado crescimento de moderna indústria deste gênero no Distrito Industrial.

No que diz respeito à educação, trata-se de um dos aspectos de maior importância para o desenvolvimento sustentável do município. Araxá é servida por escolas públicas (municipais, estaduais e federais) e privadas.

A estrutura de ensino é suficiente para a demanda atual, atendendo no ano de 2004 um total de 30.300 alunos que deixa a cidade numa situação privilegiada por não ter nenhuma criança fora da escola (PMA, 2005, s/p.).

Com a criação do curso de graduação de Turismo e o de pós-graduação em Administração Hoteleira, em 2004, a cidade passou a ganhar profissionais interessados em melhorar a capacitação da mão de obra da região do Alto Paranaíba e Triângulo Mineiro. A maioria dos estudantes do curso de Turismo já se encontra no mercado de trabalho, e a implantação da faculdade abriu maiores possibilidades de reflexão sobre as potencialidades turísticas do município e região.

Com relação ao patrimônio cultural, alguns momentos históricos do município de Araxá podem ser resgatados através de seu acervo histórico arquitetônico. A Igreja de São Sebastião personifica o início do povoamento, o Museu Municipal Dona Beja apresenta a história da figura mística de Beja.

Ana Jacinta de São José – Dona Beja – nasceu de pais pobres na Fazenda de Piratininga, no Mourão Rachado, em 1800. Foi capaz de desembaraçar as *velhas tricas* de limites entre Minas e Goiás. Pois o ouvidor real Joaquim Inácio Silveira Motta, encantado com a sua beleza, mandou seqüestrar a moça, na época com 15 anos, escandalizados a pequena cidade. Para acalmar a revolta dos moradores de Araxá, o príncipe D. Pedro I, muito amigo do ouvidor, convenceu seu pai, o imperador D. João VI, a incorporar a região à província de Minas Gerais (SILVA e MACHADO FILHO, 1946, p.15).

Segundo lendas, foi devido à figura mística de Dona Beja que São Domingos de Araxá deixou de pertencer a Goiás e voltou a fazer parte de Minas Gerais. No Museu Municipal de Dona Beja, pode-se ter acesso à história e ao encanto de Beja.

A Fundação Cultural Calmon Barreto é responsável pelo fomento e pela organização de muitas manifestações culturais da cidade. Funciona no prédio da antiga Estação Ferroviária, um dos mais belos da cidade, tombado pelo Patrimônio Histórico de Minas Gerais, encontrando-se em processo de restauração.

O potencial turístico da cidade foi utilizado a partir dos recursos naturais. Inicialmente, os criadores de gado tinham descoberto a riqueza das águas para a saúde dos gados. Isso foi

importante como fator de povoamento da região. Posteriormente, percebeu-se que esses recursos naturais poderiam ser usados também para os seres humanos, o que levou a criação das hospedarias associadas às potencialidades medicinais das águas araxaenses. A monumental construção do Grande Hotel de Araxá / Termas representa um importante momento do desenvolvimento turístico da região.

Enfim, a cidade apresenta uma infra-estrutura adequada para atender a sua população e aos turistas. O que mais chama atenção é que Araxá mantém os ares de um município do interior de Minas Gerais, com pessoas simples e, muito importante, com baixíssimos índices de violência. “Todos estes fatores contribuem para transformar a cidade em um dos principais destinos turísticos do país” (PMA, 2005, s/p.). Contudo, apesar desta potencialidade, o município não tem, no turismo, a sua principal atividade econômica.

HALL (2002, p. 24) em outro contexto, nos lembra que:

As diferenças regionais e étnicas foram gradualmente sendo colocadas, de forma subordinada, sob o ‘teto-político’ do estado-nação, fonte poderosa de significados para as identidades culturais modernas.

Entretanto, nem sempre estas diferenças regionais eram suprimidas. Mesmo no caso de Minas Gerais, quando os “seus valores” foram disponibilizados para a construção da identidade nacional brasileira – com o mito de Tiradentes -, havia atritos políticos e diferenças culturais relevantes, o que alimentava, de certa forma, os movimentos separatistas do Triângulo e do Sul de Minas.

No Triângulo Mineiro, as suas três principais cidades ainda apresentam identidades distintas: Uberaba sempre esteve ligada à tradicional agropecuária, enquanto Uberlândia se tornou um estratégico centro de negócios da região, Araxá ficava associada ao turismo por causa das águas, do Grande Hotel e Termas e de sua gastronomia artesanal. O que todas tinham em comum era o fato de suas lideranças não se identificarem com o governo mineiro e lutarem para a emancipação da região. Nos casos de Ouro Preto, Mariana e Tiradentes, podemos dizer que elas se encaixam no que se convencionou chamar de “cidade mineira”, ou seja, as suas montanhas, a arquitetura, a história e mesmo as características das pessoas desta região que, com seu jeito simples, acabam reforçando a “*figura*” do mineiro.

Desta forma, desenvolveremos a seguir, uma reflexão sobre essas considerações, a identidade e a diversidade mineira, do ponto de vista das condições de hospitalidade e as relações com a gastronomia.

2.2 A Hospitalidade e a relação com a gastronomia

Quando falamos em hospitalidade, precisamos de cuidados. Dias (1990), quando relata a evolução da hospitalidade e da hotelaria nacional, explicita este processo, ilustrando como os ranchos e as influências estrangeiras foram relevantes e, citando Souza (1978), coloca que tratando da gênese das cidades mineiras, 9% delas tiveram início a partir dos caminhos de buscas das riquezas minerais.

Vale lembrar que os araxaenses (COSTA, 1987) souberam usar muito bem a chamada *mineiridade*. Minas, neste discurso, aparece como um lugar único no Brasil, com características próprias, inclusive quando se fala em hospitalidade, pois o mineiro é identificado como aquela pessoa simples do interior que sempre recebe bem o forasteiro. Deve ser lembrado, contudo, que o estudo clássico sobre *mineiridade*, de Maria Arminda Arruda, não se aplica ao Triângulo Mineiro, na medida em que esta região destacou-se pelo desejo de emancipar-se do Estado.

A hospitalidade está associada não apenas à hospedagem, aos negócios e à restauração, mas também ao próprio campo do turismo. No caso de Araxá, esta hospitalidade foi sempre importante, desde os primeiros visitantes até as modernas concepções colocadas pela atividade turística. A criação do Grande Hotel foi fundamental nesse processo, na medida em que uniu o potencial natural da região (as águas), a atuação do Estado (o Governo Vargas estava interessado na interiorização do país), os valores históricos e a própria hospitalidade da população local.

Deve ser lembrado que no período em que o Grande Hotel foi inaugurado, havia uma ditadura política no país – o Estado Novo de Getúlio Vargas -, o que indicava uma ação direta do executivo federal num projeto desta amplitude. Apesar de as águas araxaenses e o projeto de interiorização do Brasil contribuírem para a escolha de Araxá, isso não significou que houve uma consulta maior para a realização ou não desse projeto. A decisão cabia ao presidente Getúlio Vargas.

Outra questão relevante para a cidade esteve associada à gastronomia, que, sempre foi um dos atrativos mais procurados por aqueles que visitam o município. Em Araxá, podemos encontrar quatro fábricas de doces artesanais, como: *Doces Arachas*; *Doces Cecília*; *Doces Joaquina* e *Doces Vó Lurdes*. São confeccionados de maneira artesanal, e alguns comercializados para diversas regiões do Brasil.

Dona Lurdes Moneda, proprietária dos *Doces Vó Lurdes* desde 1960, afirmou que a sua produção foi inspirada nos doces que sua avó fazia na fazenda. As frutas usadas eram adquiridas com pequenos produtores da região, sem agrotóxicos.

Não seria possível dissociar a gastronomia mineira, os seus “causos”, da própria hospitalidade local. Aliás, esse último, em nossa visão, deve ser entendido como uma atividade que possibilita abrigo e acolhimento, que promove trocas entre hóspedes e anfitriões. Isso significa que a hospitalidade implica práticas de sociabilidade (WALKER, 2002), parcerias e serviços que facilitam o acesso a recursos locais e proporciona relações que vão além da interação imediata.

A hospitalidade é signo de civilização; é um modo de viver com outros, regido por regras, ritos e leis. A noção de hospitalidade, portanto, emprega-se em diferentes contextos: desde a hospitalidade familiar, a esfera do Estado, passando pela hospitalidade “comercial”, que foge à regra da gratuidade e da reciprocidade, até um novo modo urbano de hospitalidade (DIAS, 2002, p.18).

Mas a questão da convivência entre o turista e o habitante e as demais relações derivadas do *trade* turístico são extremamente complexas e vêm sendo objeto de estudo por diversos campos teóricos.

O turismo permite contatos, requer mais tempo em cada lugar, portanto implica a substituição do turismo estável, que é o turismo que se mantém em determinada área com os insumos específicos fornecidos ali por uma postura mais alocêntrica ou experiencial por parte do turista, ou seja, um turista que experimenta novas possibilidades, fugindo do circuito pré-estabelecido pelos manuais e guias turísticos.

Do ponto de vista da comunidade receptora, o relacionamento desta com o turismo transforma-se conforme o passar do tempo. A princípio, os estudiosos como Ruschmann (1994) têm observado um estágio inicial de euforia, seguido de uma etapa de apatia na qual o turista é visto como objeto de lucro e, finalmente, as etapas de irritação e de antagonismo, em que o turista e o turismo são culpados por todos os problemas da comunidade (poluição, carestia, decadência social e moral, conflitos sociais).

Hoje, quando se trabalha para reunir os recursos financeiros que irão pagar as férias, inverte-se a lógica, e trabalha-se para poder viajar e o viajante parece retomar uma predileção pelos destinos urbanos.

Os turistas percorrem as cidades em busca de um produto muito especial, a cultura, formando, a partir deste momento, um trinômio que coloca, lado a lado, a cultura, a cidade e o turista. (OLIVEIRA, 2002)

2.3. As potencialidades medicinais das águas araxaenses

A importância terapêutica de Araxá reside no valor e diversidade dos elementos crenoterápicos – o tratamento de enfermidades por meio das águas mineromedicinais –, associados a um clima de montanha, ameno e temperado, a uma altitude de 920 metros.

As águas mineromedicinais são medicamentos naturais, com eficácia comprovada durante séculos, o que justifica o seu estudo. Cada estância hidromineral tem a sua individualidade, características próprias e métodos especiais de tratamento. Por sua vez, cada água, possui a sua aplicação específica, as sulfurosas agem como anti-sépticas e cicatrizantes, e, geralmente, aceleram as trocas nutritivas. São aplicadas em banhos de imersão, reconhecidos como a sua principal modalidade de uso, bastante indicadas no tratamento da diabetes.

As águas radioativas são aconselháveis para o tratamento de infecções dos rins e fígado, possuindo uma ação eminentemente diurética, já os banhos gerais da lama, também encontrados na Estância Hidromineral de Araxá, são eficientemente empregados no tratamento do reumatismo crônico, artrites e certas dermatoses. (MAGALHÃES, 1945, p.15)

Na Estância de Araxá, as águas são formadas por uma composição química de fonte carbonatada sódica, sulfurosa sódica, alcalina, termal e radioativa, segundo análise realizada pela Dra. Eugene Rugovine, em 1929, e segundo Dr. Melo Brandão, em seu estudo sobre as águas de Araxá, conclui-se que são radioativas, ligeiramente termais, fortemente alcalinas, sulfurosas e sulfatadas (MAGALHÃES, 1945, p.12).

Tabela 4: Resultado das análises da água

Fonte Andrade Junior	
Densidade.....	1,0041
Temperatura.....	34° 1
Resíduo seco a 180°.....	3,8545
Teor em corpos dissolvidos.....	4,3355
Fonte Radioativa – Fonte Dona Beja	
Densidade.....	1,00063
Temperatura.....	21°7
Resíduo seco a 180°.....	0,0730
Teor em corpos dissolvidos.....	0,15615
Radioatividade.....	58,58 milimicrocuries ou 146,5 manches.

Fonte: Magalhães (1945, p.13).

Magalhães apresentou um cronograma interessante sobre o potencial das águas alcalino-sulfurosas de araxaenses:

1816 – O Barão de Eschwege leva pela primeira vez ao conhecimento do Governo a existência dessas águas minerais, considerando-as de grande e notável valor.

1886 – O Dr. Orville Derby faz o primeiro estudo geológico da região.

1890 – O Conselho Caminhoá apresenta à Academia Nacional de Medicina um estudo das águas minerais de Araxá, comparadas às congêneres de outras procedências.

1917 – O Dr. Alfred Schaeffer, comissionado pelo Governo de Minas, faz a primeira análise química completa.

1924 – O Dr. Andrade Júnior, com o concurso do petrógrafo Djalma Guimarães, procede ao reconhecimento geológico da região da ocorrência das águas.

1926 – O Dr. Otavio de Magalhães, comissionado pelo Governo de Minas, faz o estudo bacteriológico das águas minerais e da água potável.

1927 – O Dr. Andrade Júnior projeta e inicia a captação das Águas Sulfurosas, sendo auxiliado pelo Dr. Carvalho Lopes.

1929 – A Dra. Eugene Rugovine, assistente do Prof. Du Park, de Genebra, procede a análise química completa das Águas Sulfurosas e da Água Radioativa.

1939 – O Governador Benedito Valadares inicia as suas obras em Araxá (MAGALHÃES, 1945, p. 8).

Em suma, conclui-se que a Estância Hidromineral de Araxá possui um real valor terapêutico das suas águas radioativas e sulfurosas e de seus famosos banhos de lama.

2.4. A hotelaria araxaense: contexto e histórico

A influência das águas minerais na alimentação do gado e o interesse provocado pelo diamante no município de *Bagagem* (atual cidade de Estrela do Sul), próxima a Araxá, levaram, em 1840, a um movimento migratório importante para a região. Isso facilitou o processo de elevação do *julgado* de Araxá à condição de *vila*, que, neste ano, já contava com uma população de 1.400 habitantes, distribuídos na sua sede e na área rural. (Montandon, 1986).

Com o desenvolvimento econômico e político de Araxá, juntamente com a divulgação de estudos sobre a qualidade das águas minerais, houve uma procura crescente pelos benefícios dos banhos e pela qualidade do clima da cidade. Podemos observar estas temáticas no depoimento de Zema (1988 p. 11-14):

Em 1903, chega a Araxá um jovem advogado, Dr. Américo Abreu que, necessitando de tratamento pelas águas, intercede ao Sr. José Rufino Borges e a sua esposa Dona Tiola, proprietários de uma fazenda nas cercanias, para receberem-no como hóspede. Atendendo ao seu pedido, o Sr. José Rufino o acolheu e ainda a todos que necessitaram do uso das águas.

Raro era o dia em que não aparecesse alguém de fora no Barreiro. Muitas vezes de botas de cano alto e chapéus de abas largas.

Desde então, a fazenda transformou-se em hospedaria, recebendo o nome de “Pensão da Dona Tiola”.

Para o atendimento dos banhos, o proprietário aproveitou as bacias de águas, singularmente formadas entre as pedras do chão que se mostravam quase sempre cobertas de sal. Ao redor destas, construiu um muro de pedras, de um metro de altura, com um pequeno portão. Sobre quatro estacas colocou um teto de sapê. Algum tempo depois, foram feitas sob as bacias d'água que corriam das rochas, cabanas de madeira, para atendimento do banho de cascata.

É interessante perceber como a criação das *hospedarias* esteve associada às potencialidades medicinais das *águas* araxaenses. Mesmo atualmente, quando se fala em turismo na cidade, sempre são lembrados os *banhos* e seu valor para a melhoria da saúde. O próprio Grande Hotel utiliza esse discurso em seu material de divulgação, anexo, ressaltando que existem no Complexo do Barreiro, as fontes *Dona Beja* – água mineral – e *Andrade Júnior* – águas sulfurosas.

No que diz respeito a estas potencialidades naturais, seria relevante destacar que a primeira comunicação oficial da existência de águas minerais foi em seis de outubro de 1816, pelo Barão de Eschwege, mineralogista, em carta endereçada ao governo:

Visitei o arraial de São Domingos de Araxá, distante três léguas do Córrego Fundo e situado em meio a campos cobertos de capim, numa região parte plana, parte montanhosa. Só ao sul é que se encontram algumas mais altas.

Um pequeno córrego irriga a região, e o lugar é de aparência convidativa.

(...) Os bebedouros, fontes de águas minerais, que brotam na serra dos Agudos, distante uma légua de Araxá, já fazia tempo que haviam despertado a minha curiosidade.

(...) Mais adiante tratarei das propriedades da água. Por exemplo, basta dizer que ela poderá ser empregada com êxito na cura de várias doenças, como a sarna. No local, dizem mesmo que um leproso foi curado por ela completamente (SILVA e MACHADO FILHO, 1946, 12).

Apesar dos exageros no depoimento do Barão de Eschwege da cura do leproso, não há como negar que este tipo de discurso reforçava a imagem da cidade e das águas associada à cura de várias doenças. Isso, naturalmente, foi usado para garantir a atratividade de Araxá e desenvolver o seu turismo. Aliás, a região onde se encontram as fontes de água mineral era conhecida como “barreiro”, devido justamente à existência de lamaçais dotados de propriedades medicinais, o que acabou tornando-se características da identidade turística do local.

Outro viajante, o biólogo francês Auguste de Saint-Hilaire, descreveu, de uma forma menos entusiasmada, a sua chegada ao Barreiro em 1819:

(...) depois de ter caminhado uma légua e meia mais ou menos por uma trilha bem batida, cheguei finalmente ao local onde se encontram as águas minerais e que, ali, é chamado Barreiro. Num ponto da mata, onde as árvores são mais juntas e mais folhadas, há um espaço com cerca de 600 passos de circunferência, cercado por um muro de arrimo e inteiramente tomado por uma lama negra e compacta. É do meio dessa lama, em cinco ou seis pontos diferentes, que brotam as fontes de águas minerais. (ZEMA, 1998, p.21).

Apesar da descrição do local ser feita de uma maneira mais “fria”, o discurso de Auguste de Saint-Hilaire não chegava a comprometer a imagem que se estava criando para Araxá. Ao contrário, a sua descrição apresentava ares de “imparcialidade científica”, o que reforçaria o “poder medicinal” das águas minerais.

Em 1903, com a aprovação pela Câmara Municipal de Araxá, o Dr. João Teixeira começa a exploração sistemática das fontes minerais e a conseqüente ampliação da utilização dos benefícios do uso destas “águas para efeitos de cura e usos vários”, ou seja, a sua indicação “como elemento para a terapêutica dos males.” (COSTA, 1987) Outros autores reforçariam estas idéias.

Silva e Machado Filho (1946, p. 16):

Cedo as águas do Araxá começaram a ser procuradas por pessoas enfermas que alcançavam resultados de aplicações empíricas. Procurou-as, em 1886, o Dr. Melo Brandão, Clínico em Juiz de Fora. Colheu feliz resultado. Analisou as águas e impôs nomes às fontes.

Em suma, ainda de acordo com Silva e Machado Filho (1946), o uso das águas e do clima da região para o turismo, tendo como recurso o fato das águas serem “proveitosas a homens e animais”, ocasionam a expansão da pecuária em detrimento da siderurgia em reduzida escala. Assim, a criação de gado tornou-se a grande riqueza da localidade. Isso ocorreu devido às condições naturais que predispuseram os campos do Araxá para a pecuária. Como já destacado, a facilidade para salitrar o gado constituiu importante fator no povoamento da região.

Araxá já contava, em 1909, com aproximadamente cinco mil habitantes, que possuíam conforto e alguma infra-estrutura básica. O teatro São Domingos foi criado em 1891, foi implantado o serviço de telefonia em 1906 e, em 1911, foi aberto o primeiro grupo escolar de Araxá, o Delfim Moreira. Em 1912, foi construído o primeiro balneário de Araxá pela Empresa das Águas, com seis balneários de cimento, o que promoveu um conforto maior a já recorrente recreação existente no Barreiro. (ZEMA, 1998). Waldir Costa reforçou essa idéia, destacando:

Outro aspecto, que sempre coloriu a vida histórica do Barreiro, é a recreação, para não dizer o turismo. Nos tempos antigos, era aqui que a rapaziada troceira da cidade vinha fazer seus piqueniques, (...) à beira das fontes. Os bandos de moças vinham em revoadas domingueiras para o Barreiro, antecipando na história, os grupos de turistas que vêm passar sua estação, neste centro de cura e repouso (COSTA, 1987, p.17).

Em 1914, com a implantação do serviço de fornecimento de luz elétrica, iniciaram-se as negociações da Firma Botelho e Magalhães para arrendamento das fontes e construção de uma estrada para automóveis ligando o Barreiro à cidade de Araxá, o que foi realizado em

1915. Com o seu desenvolvimento econômico, o município passou a contar, em 1916, com 18 mil habitantes, distribuídos entre o perímetro urbano, rural e os demais distritos.

Neste período, as fontes minerais do Barreiro foram doadas pelo município ao Governo Estadual. Encontramos, neste momento, alguns registros para a ampliação da estrutura de atendimento aos turistas e aos “enfermos”, que para ali se dirigiam, evidenciando a nova feição da “fama dos banhos de Araxá” (COSTA, 1987, p.23).

O Governo do Estado iniciou, em 1922, o melhoramento e a ampliação do balneário de Araxá, dotando-o de trinta e duas cabines de banhos sulfurosos e duas cabines de banhos de lama ocasionando um aumento no fluxo de turistas. A partir desta época, foi realizado um reconhecimento geológico da região e um estudo petrográfico das rochas relacionadas com as fontes minerais, inclusive, procurando melhorar a vasão das águas para ampliação das fontes sulfurosas e minerais.

Os demais aspectos da área do Barreiro permaneceram inalterados até 1927, quando o Governo do Estado projetou e iniciou a construção do Balneário do Barreiro, que mais tarde, após 1944, passou a ser conhecido como *Estância Hidromineral de Araxá*, que, por diversas ocasiões, foi retratada de forma poética e pitoresca, muitas vezes romanceada, evidenciando um cuidado com a história das representações sociais. (COSTA, 1987, p.19)

Costa (1987, p. 11) ressalta mais uma vez as qualidades inigualáveis das águas curativas de Araxá:

Araxá é, na realidade, um ponto inigualável de cura e de repouso, uma estação que, dia a dia, vai se afirmando na preferência dos turistas e, mais do que nenhuma outra, disputado por milhares de veranistas que aqui vem passar os seus ócios.

Por outro lado, Oliveira afirma que:

Entre os anos de 1927 e 1942, a cidade e o balneário passaram por diversas interferências como a adoção de uma nova administração do poder público quanto à vocação turística propiciada pelas águas, a capacitação das fontes sulfurosas com o aumento da vasão, o início da construção e aparelhamento da estância, a chegada da Estrada de Ferro Oeste de Minas e a construção de estradas de rodagem na região - sobretudo por empresas particulares, como a Companhia Mineira de Auto Viação (OLIVEIRA, 2002, p. 26-28).

Embora não se possa afirmar que, neste período, os meios de hospedagem atendiam exclusivamente ao turismo, não há como negar que muitos hotéis foram construídos para atender a crescente demanda do município. A geração de empregos diretos e indiretos veio com a ampliação do número de turistas, principalmente com a tentativa de se organizar o sistema turístico na cidade, o que proporcionaria um desenvolvimento econômico, cultural e político de grande relevância para Araxá.

É fundamental ressaltar ainda que, muitas vezes, a importância do turismo está associada à ampliação e à abertura de novos setores, de novas possibilidades que reforçariam o fluxo turístico e, sobretudo, o desenvolvimento da cidade, associada aos seus principais

potenciais, como no caso específico de Araxá: a estância hidromineral, a gastronomia artesanal, a pecuária, as mineradoras, a vida tranqüila do campo e, mais recentemente, o crescimento do turismo de negócios no município.

Podemos dizer que, de fato, a realidade araxaense começou a mudar na década de 1930. A construção do Grande Hotel (ver Figura 4), neste período, causou um grande impacto no desenvolvimento local. Foi, ao mesmo tempo, sinônimo de solução e problema para a população de Araxá. Uma ambigüidade que perdura até hoje. Em suma, não seria possível discutir o próprio crescimento de Araxá sem analisar o papel do Grande Hotel. Isso será feito mais profundamente no próximo capítulo.



Ilustração 8: Vista Geral do Grande Hotel na Década de 1930 (Fonte: MAGALHÃES, 1945, p. 30).

Os primeiros empreendimentos de hospedagem que apareceram em Araxá eram em grande maioria, pequenas pensões (ZEMA, 1998) que começaram a funcionar por necessidade dos que procuravam tratamento nas fontes. Assim, os estabelecimentos que apresentaremos foram sendo criados de acordo o desenvolvimento da própria história da cidade e do Barreiro.

Apesar de não ser claro o processo de ampliação da rede de hospedagem de Araxá e do Barreiro, é sabido que, entre 1917 e 1937, o balneário contava com o Hotel Rádio, o Hotel de Cura e Repouso (hoje, Hotel da Previdência, fechado para reforma) e o Hotel Colombo, sendo que esse último foi sucessor do hotel de mesmo nome construído, em 1910, no centro da cidade de Araxá. Foi o Grande Hotel Colombo, construído por Luiz Colombo, seu proprietário, localizava-se na Avenida da Abadia – hoje, Antônio Carlos, esquina com antiga e ainda conhecida por Rua Boa Vista. Depois, foi transformado em Hotel Cassino Colombo, podendo ser considerado o nosso primeiro hotel de lazer, segundo depoimento e acervo de Yolanda Colombo. Mais tarde, em 1929- 1932, veio o Hotel Colombo, do Barreiro.

Com frequência, Luiz Colombo ouvia sugestões de hóspedes para expandir-se no ramo da hotelaria e solicitações para instalar um hotel nas proximidades das fontes do Barreiro.

Passagens como essas são reconstituídas por Yolanda Colombo em depoimento. A filha mais nova de Virgínia e Luiz Colombo conhece a história de cada aposento e dos seus ocupantes mais frequentes e célebres.

O quarto de número 21 destinava-se, diz a depoente, preferencialmente, ao ex-presidente Getúlio Vargas, e seu preparo dava-se sob as vistas dos seus seguranças. Vargas foi hóspede durante o lançamento da pedra fundamental para a construção do Complexo Turístico instalado na década de 40.

Luiz Colombo não temeu a concorrência do “Grande Hotel” que se projetava. Costumava citar o ditado popular: “o céu nasceu para todos”. Durante as obras do “Grande Hotel”, o seu hotel foi referência para hospedagem de engenheiros, arquitetos e políticos.

A partir de 1984, a terceira geração dos Colombo assumiu o empreendimento empenhada em modernizar e, sobretudo, preservar as suas características originais, havendo um retorno razoável da ocupação hoteleira. Houve reforma dos apartamentos e dos espaços de lazer. A partir de 1998 até os dias de hoje a segunda filha de Iracema, Adriana, e o marido Walter Ogawa Silva, atual Secretário de Turismo, são responsáveis pelo hotel.

Em 1917, foi construído o Hotel Rádio, situado num local, cercado por um bosque ameno com doze apartamentos e quarenta quartos em três pavimentos (COSTA, 1987).

As ruínas do hotel, destruído por volta de 1950 por um incêndio, ainda hoje podem ser visitadas, e ele é um dos atrativos do Barreiro.



Ilustração 9: Ruínas do Hotel Rádio (Fonte: MAGALHÃES, 1945, p. 23).

O nosso objetivo, neste momento, é o de apresentar como eram as primeiros meios de hospedagem - pensões de Araxá e não a sua capacidade técnica. O que existe de comum em quase todos eles é que eram de pequeno porte e de administração familiar. Esse era o caso da Pensão das Águas, construída em 1917, sob a direção de Mariquinha Montandon e que passou, em 1928, à direção do italiano Demétrio Zema e família. A pensão encontrava-se entre bosques e uma vegetação descrita como fascinante:

A pensão era conhecida pelos seus sons primaveris, com o constante tamborilar dos grilos, os gritos rítmicos do quero-quero e do bem-te-vi, num quadro formado pelos pessegueiros floridos, de troncos grossos. No quintal existiam grandes canteiros de alface, couve, tomate e outros vegetais (...). As iguarias servidas pela “Nona”, Dona Dirce, eram preparadas no fogão à lenha. O frango ao molho pardo, era a atração culinária (ZEMA, 1998, p. 26).

Em suma, pode-se afirmar que já, naquela época, as *hospedarias* possuíam atrações paralelas à hospedagem, como a culinária típica da região, preparada pela própria proprietária da pensão, com ingredientes plantados e colhidos no próprio estabelecimento.

A Pensão Santa Terezinha teve como fundador o Sr. Zequinha Borges, que ali residiu por longos anos, em companhia de sua esposa e filhos. Como um dos primeiros estabelecimentos de hospedagem da cidade, localizava-se nas proximidades do Barreiro, utilizando a vegetação rica do local como fator de atratividade.

O hotel Paulista ficava no alto do morro, constituindo-se de uma casa branca com alpendre de colunas e janelas envidraçadas que se abria para deixar entrar o sol e o ar à vontade, das quais se podia vislumbrar o topo das árvores cujas sombras espalhavam-lhe em direção às fontes. O hotel foi construído pelo Sr. Adalargo Borges, que o gerenciava auxiliado pela sua esposa Dona Candinha que:

(...) era uma dona de casa sensata e econômica e dava maior rendimento aos figos, do que qualquer outro residente do Barreiro que tivesse pomar. Seus figos cristalizados, que duravam o ano todo, eram admirados por todos aqueles que os saboreavam (ZEMA, 1998 p. 39).

Já nessa época, os hóspedes eram atraídos pelos doces cristalizados da região do Barreiro, como os *figos cristalizados*. A hospitalidade e o bem receber o estranho sempre

estiveram presentes em Araxá, inclusive essas características eram ressaltadas em seus meios de hospedagem.

O Hotel das Fontes possuía apenas um pavimento, sobre alto alicerce. No meio, um alpendre de madeira, com motivos ornamentais, as paredes pintadas de cor rosa, as janelas grandes envidraçadas com tom vermelho escuro e, na frente, dois grandes seculares eucaliptos.

(...) Construído pelo Dr. João Jacques Montandon, em 1920, foi dirigido por Ernani Barbosa e em 1930 por Mário Marques.

Dada à importância que o sistema de comunicação teve na promoção turística, levando-se em conta as exigências do turismo, instalou-se numa dependência externa do Hotel, o Correio e telégrafos.

(...) À noite, os hóspedes reunidos em volta das mesas de pano verde, entregavam-se ao jogo de cartas.

(...) Pessoas daquele tempo lembram-se do Chico Pastel, o mestre cozinheiro do Hotel das Fontes, um sujeito que, segundo dizia o dono da casa, havia servido muitas personalidades (ZEMA, 1998 p. 39).

Em 1920, os meios de hospedagem buscavam agregar serviços para uma melhor satisfação de seus hóspedes, como por exemplo, o serviço de correio e telégrafos e, na área de lazer para divertimento dos visitantes, eram criados espaços para os jogos de cartas. Desta forma, nesta época, com estes serviços, a hospedagem não ficava restrita apenas à gastronomia e ao dormitório.

Com o desenvolvimento do turismo em torno do Barreiro, foram surgindo hotéis mais amplos, como foi o caso do Hotel Cavallini – cuja data de construção permanece desconhecida -, que se preparou para receber uma clientela mais exigente, preocupando-se com a melhor qualidade do atendimento.

Na parte principal estava um amplo refeitório e a cozinha. A comida era boa e abundante. Logo o telefone e outros elementos de conforto surgiram para tornar mais cômoda a vida de quem pagasse bem.

O hotel, edificado numa elevação do parque das águas, era dotado de um grande pomar. Foi criado em um ambiente que conduziu realmente o processo de um trabalho coordenado em promover e organizar estreito contato com o hóspede (ZEMA, 1998 p. 39).

Com o desenvolvimento econômico de Araxá, os serviços melhoraram e houve o incentivo para a criação de hotéis mais sofisticados, o que demonstrava uma transformação, saindo de um atendimento *amador* para um atendimento *capacitado e profissional*.

A hotelaria da cidade de Araxá foi diretamente impactada pelo uso do transporte ferroviário, que chegou ao município na primeira metade do século XX. Foi esse o caso do Hotel Rádio:

Bem situado, entre bosques, com uma espaçosa entrada, quartos amplos, bem distribuídos, banheiros com água quente. Dotado de um vasto jardim, uma área esportiva, colocando ao cliente um conjunto de serviços coordenados.

Inaugurado em 1928, manteve-se em funcionamento por muitos anos, modificando-se a cada novo dirigente, mas sempre imponente no alto do morro, numa belíssima visão panorâmica.

(...) Ali Santos Dumont procurou o seu descanso. Com a saúde debilitada, chegou à Estância do Barreiro em 1931, à procura de tranqüilidade e paz para seus tormentos. A utilização do avião na primeira guerra deixou em seu espírito traços de amargura, o que muito o abalou (ZEMA, 1998 p.47).

A hotelaria começou a se preparar para receber uma clientela mais exigente, formada por ricas e grandes personalidades, como por exemplo, Santos Dumont, que procurou o seu descanso na Estância do Barreiro. Na cidade, a hotelaria passou a representar um conjunto de serviços coordenados, e não isolados como acontecia anteriormente. Os hóspedes poderiam encontrar serviços como lazer, alimentos & bebidas, recursos de comunicação (correio, telefones), de forma bem estruturada.

A casa onde funcionou o Hotel Rádio tornou-se ruína com o passar dos anos, transformando-se em atração turística do Complexo do Barreiro.

O Hotel Colombo surgiu no ano de 1929 e trouxe, para a cidade, um novo conceito de hospedagem, seguindo os padrões europeus, vigentes à época.

Luiz Colombo, italiano, construtor de casa, chegou a Araxá e ali se estabeleceu. Nas imediações do parque, sobre um elevado, construiu um prédio para o funcionamento de um hotel procurando responder e adaptar-se aos gostos de uma clientela exigente do servir bem. O Hotel Colombo nos dá uma visão da hotelaria de 1929, até os dias de hoje, servindo uma clientela seleta, convenientemente adaptada às exigências do nosso tempo (ZEMA, 1998, p. 49).

O hotel recebeu visitas ilustres, como Benedito Valadares, governador de Minas Gerais, e Getúlio Vargas, presidente da república. Era oferecido, neste estabelecimento, o que existia de melhor na hotelaria para os seus hóspedes, afinal, tratava-se de uma clientela bastante exigente e conhecedora dos serviços hoteleiros do Brasil e da Europa.

Um dos aspectos mais interessantes do Hotel Colombo, é que este hotel se encontra exatamente igual ao que era nos anos de sua inauguração, em 1929.

Hoje, o hotel ainda é mantido em perfeito estado de conservação. É bastante procurado não só por sua localização dentro do Complexo do Barreiro, mas também pelo seu atendimento personalizado e por sua gastronomia, que é toda preparada na própria cozinha do hotel, com produtos da horta.



Ilustração 10: Hotel Colombo – em 1929 (Fonte: LIMA, 2003, p. 32).

Segundo os números de 1 a 31 de *O Trem da História*, uma publicação da Fundação Cultural Calmon Barreto (1991-2000), o Grande Hotel do Barreiro teve a sua construção iniciada na década de 1930. Veio com o desejo da ampliação das instalações do balneário e com a perspectiva do turismo de jogos no Brasil. De fato, ele fortaleceu a imagem do Estado diante dos seus cidadãos. A sua construção esteve inserida nas propostas políticas adotadas na Era Vargas, como o processo de interiorização do país e a busca de alternativas econômicas para o Brasil. O governo precisava tomar iniciativas que fortalecessem a ocupação do interior. Tratava-se de uma questão da geopolítica nacional, cuja mudança da capital federal - do Rio de Janeiro para Brasília em 1960 – foi, sem dúvida, um dos momentos mais marcantes deste processo.

O projeto de construção do Grande Hotel em Araxá esteve associado ao potencial natural da região. Podemos dizer que, se por um lado, as águas minerais contribuíram para a qualidade das pastagens na região, por outro, não há como negar que, posteriormente, elas determinaram o surgimento do turismo como uma das principais atividades econômicas do município, sobretudo após a divulgação de suas propriedades terapêuticas.

O conjunto das obras de todo o Parque do Barreiro, tendo à frente o Grande Hotel e as Termas, foi realizado durante o governo estadual de Benedito Valadares (1933-1945). Foram seis anos de trabalho ininterrupto que começou efetivamente em 1938. Após a cerimônia inaugural das Termas, do parque e dos jardins, da piscina e da Fonte Dona Beja, em 1944, as obras prosseguiram com a posterior conclusão do Grande Hotel (1945) e da Fonte Andrade Junior (1947).

Com essas obras, Araxá viveu um novo momento na sua modernização. As estradas da zona rural receberam maiores benefícios das administrações públicas do município e do Estado e o espaço urbano sofreu novas transformações. As redes de esgoto e de distribuição de água foram ampliadas, assim como os serviços de luz elétrica e de telefonia. Ruas, avenidas, praças e jardins (do centro da cidade) foram reconstruídos. Aviões da *Panair* podiam descer diariamente no campo de aviação do Barreiro, a partir de 1930. Alguns anos

depois, o *Aero Clube* de Araxá instalou-se no novo aeroporto (Campo dos Caetitus), hoje denominado *Romeu Zema*.

Com os atrativos turísticos centrados no lazer e na exploração das águas minerais e do futuro hotel cassino, o objetivo, naquele momento, foi tornar o Parque do Barreiro conhecido internacionalmente.

A sua sofisticação era visível. Revelava, aliás, o intenso desejo de fazer desta obra a maior e mais bela estância hidromineral do continente. Explicitava, de certa forma, a política do momento, no sentido de estimular o nacionalismo e despertar os valores próprios do país.

O hotel sediou inúmeras festas, congressos, feiras e encontros nacionais e internacionais. Por muitas vezes, atraiu para si o centro do mundo político, social, empresarial e científico.

O cassino revestiu-se de luxo e poder nos dois primeiros anos até ser decretada a sua ilegalidade em 1946. Este fato representou uma grande transformação não apenas para o Grande Hotel do Barreiro, mas também para o turismo da cidade e mesmo para o setor hoteleiro no Brasil.

De fato, a proibição do jogo, através do Decreto-Lei 9.215/46, que impediu o funcionamento dos cassinos e também a *revolução* provocada por causa da descoberta e da massificação do uso do antibiótico, após a Segunda Guerra Mundial, foram fatores que provocaram um impacto negativo para o turismo nas cidades com estâncias hidrominerais. Com o antibiótico, o *banho curativo* deixou de ser a maneira mais eficaz de se tratar as doenças para as quais era indicado (COSTA, 1987, p. 19).

Ao longo de sua história, todo o Complexo Turístico do Barreiro alternou momentos de esplendor com períodos de decadência (ver Tabela 4). Foi somente na década de noventa, especificamente em 1994, que o governo municipal decidiu solicitar a interdição do hotel, uma vez que o estado calamitoso de suas instalações representava um perigo para os usuários. Três anos depois, iniciaram os trabalhos de restauração sob supervisão do IEPHA/MG (Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado de Minas Gerais), órgão responsável pelo complexo tombado do Estado.

Em suma, podemos dizer que, atualmente, Araxá conta com uma vasta rede hoteleira – ver tabela a seguir -, possuindo desde hotéis de administração familiar de pequeno porte até hotéis que fazem parte de grandes redes nacionais como o caso do *Flat- Plaza Inn* (que é o único apart-hotel da cidade).

Existe um total de 2.708 leitos, cujo principal foco é o Turismo de Negócios. Podemos citar, como exceções, os hotéis-fazenda, que focam mais o turismo e as excursões.

Tabela 5: Meios de Hospedagens da Cidade de Araxá

REDE HOTELEIRA			
ESTABELECIMENTOS	TIPO	LEITOS	PERFIL
Grande Hotel	Hotel	678	Turismo/Negócios/Excursões
Virgilius Palace	Hotel	200	Turismo/Negócios/Excursões
Dona Beja Park Hotel	Hotel/Pousada	170	Turismo/Negócios/Excursões
Hotel Colombo	Hotel de Lazer	165	Turismo/Negócios/Excursões
Plaza Inn	Flat	40	Turismo/Negócios/Excursões
Hotel Tururu	Hotel	138	Turismo/Negócios/Excursões
*Hotel da Previdência	Hotel de Lazer	107	Turismo
Marques Hotel	Hotel	26	Negócios/Turismo
Hotel El Shaday	Hotel	22	Negócios/Turismo
Morada do Sol	Hotel	26	Negócios/Turismo
Catuirá Hotel	Hotel	80	Negócios/Turismo
Imbiara Hotel	Hotel	60	Negócios / Turismo
Ribeiro Palace Hotel	Hotel	40	Negócios / Turismo
Araxá Palace Hotel	Hotel	100	Turismo/Negócios/Excursões
Hotel da Torre	Hotel	68	Turismo/Negócios/Excursões
Pousada do Avestruz	Pousada	24	Turismo/Excursões/Negócios
SESC Pousada de Araxá	Pousada	504	Turismo/Negócios
Cesar Palace Hotel	Hotel	50	Negócios
Pousada Medalha Milagrosa	Pousada	50	Negócios
Hotel Takanota	Hotel	30	Negócios
Cidade do Sol	Hotel	40	Negócios
Míni Hotel Comercial	Hotel	10	Negócios
Pensão Tormin	Pensão	27	Negócios
Hotel Fazenda Portal do Sol	Hotel Fazenda	28	Turismo/Excursões
Hotel Fazenda Santa Luzia	Hotel Fazenda	45	Turismo/Excursões

Total de leitos: 2.708–

(*) Fechado para reforma.

Fonte: COMTUR.

A rede hoteleira é adequada, atualmente, para atender o fluxo de turistas da região. O problema está relacionado à falta, por parte das lideranças de Araxá, de uma definição e compreensão de sua identidade turística. Certamente a referência ao Grande Hotel pode ser colocada como um ponto de partida, mas não basta para representar o potencial do turismo araxaense, pois devemos enfatizar a importância da hospitalidade em Araxá pelas

interferências causadas pelo mito de Dona Beja , gastronomia artesanal e pelo Grande Hotel e Termas do Barreiro.

Devem ainda ser lembradas, na construção desta identidade, questões como o turismo rural, visitação as grandes mineradoras, turismo de aventura, destacando ainda que Araxá faça parte do *Circuito da Canastra*, o que acaba associando a imagem da cidade ao ecoturismo e as belas cachoeiras da região.

A nova imagem ou não do município ainda deve ser definida. Existem muitos projetos e debates. Contudo, para se colocar o *produto Araxá* no mercado brasileiro, deve existir um foco para diferenciá-lo dos demais atrativos turísticos nacionais. Segundo Leandro Hadd – Secretário do Desenvolvimento Econômico e Parcerias de Araxá, o que não parece ser aceito, no momento, é a identidade associada somente ao termalismo, ao turismo da terceira idade, pois Araxá apresenta muito mais atrativo do que a riqueza de suas águas. Portanto a identidade turística da cidade deve passar por um novo estudo procurando compreendê-la diante da abertura de um dos seus símbolos de turismo pela representação social de seus habitantes, o Grande Hotel do Barreiro (PMA, 2005, s/p.).

O hotel, aberto em 19 de dezembro de 2001, depois da reforma, passou a ser administrador pela Rede Tropical de Hotéis, o que causou adversidades e polêmicas na cidade. De fato, foram criados sérios obstáculos entre a interação dos moradores e turistas, com a identidade do morador representada pelo símbolo de magnitude do complexo na história do município, dificultando o desenvolvimento do turismo na cidade. Afinal, como um município pode ser sinônimo de hospitalidade se os seus próprios moradores não são bem tratados? Esse problema foi resolvido em 2005, com a mudança da empresa que administrava o hotel. A nova administração retirou as guaritas e procurou estabelecer uma nova relação com a população local, agora sim, baseada na cordialidade.

O Complexo da Estância do Barreiro atual, principalmente o Grande Hotel, sua descrição minuciosa e o seu significado para os moradores e para a própria história da cidade, será discutido detalhadamente no próximo capítulo, quando serão analisados os depoimentos e sua relação com outras fontes de pesquisa, percebendo a importância do processo de representação na constituição da população desta cidade.

3. O GRANDE HOTEL E TERMAS DE ARAXÁ – HISTÓRICO NO CONTEXTO DE ARAXÁ

O objetivo deste capítulo é mostrar a formação do Complexo do Barreiro e a importância deste para a cidade e seus moradores. Será discutido o encerramento das atividades do Grande Hotel, analisando o longo e turbulento processo de restauração, que sofreu muitas paralisações, devido ao fracasso dos primeiros processos de licitação, discutindo as mudanças de administração por que passou o hotel, sua situação hoje, o papel do complexo do barreiro no cotidiano da comunidade araxaense.

Além disso, serão apresentados os resultados da pesquisa com a análise dos dados coletados nas entrevistas realizadas com lideranças significativas do poder local e com as associações mais representativas do município, objetivando compreender as representações sobre a importância do complexo no processo mais amplo de turistificação e identidade da população, além de moradores antigos e recentes da cidade. Tais dados servirão como termo de comparação para diagnosticar a situação atual do desenvolvimento do turismo e identidade do município e os períodos anteriores discutidos nos outros capítulos. Serão apontadas as avaliações gerais da coleta de dados recolhidos nas entrevistas, associando-os ao problema e às hipóteses elaborados no projeto de pesquisa.

Construído no Parque do Barreiro, o Grande Hotel de Araxá está situado a nove quilômetros da cidade. Além da beleza e suntuosidade arquitetônica, apresenta-se num local extremamente sossegado e bucólico. Por apresentar um conjunto arquitetônico de rara beleza, foi comparado aos hotéis Waldorf Astoria, de Nova Iorque, Savoy de Londres, Ritz, de Paris e City Hotel, de Buenos Aires.

3.1 Projeto arquitetônico

O Projeto arquitetônico do Grande Hotel é de Signorelli. Considerado eclético, o projeto foi executado em 1937, com uma linguagem decorativa, adaptada ao nacionalismo de Getúlio, entremeado com elementos neocoloniais e nacionais.

Signorelli foi um arquiteto, por isso, mereceu destaque no Dicionário Biográfico de Construtores e Artistas de Belo Horizonte (1987, s/p):

Luiz Signorelli, arquiteto e pintor, diplomou-se pela Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro em 1925; foi premiado por diversos trabalhos. Realizou estudos prévios onde o discurso eclético neoclássico, da maioria de sua obra e o estilo Art Decó, buscando inovação, já que a linguagem acadêmica das artes e da arquitetura era ortodoxa aos novos conceitos do modernismo que começavam a surgir com grande força na época da concepção do projeto do Grande Hotel (DICIONÁRIO BIBLIOGRÁFICO DE CONSTRUTORES E ARTISTAS DE BELO HORIZONTE, 1997, s/p.).

Sabe-se, ainda que, no período de 1930 a 1938, assinou projetos de autoria de seu sócio e amigo Raffaello Berti, que se encontrava impedido de assiná-los, devido a sua condição de imigrante não naturalizado (FUNARI, 2001).

O conjunto Grande Hotel/Termas, sem dúvida, forma uma imponente figura arquitetônica, cujo principal edifício possui uma área de 34.000m², com ambientes decorados por azulejos portugueses e mármore de Carrara.

Dada a sua imponência e majestosa arquitetura, o próprio Grande Hotel constitui-se numa atração turística. A decoração interior prima pelo bom gosto. Lustres da Boêmia, peças e metais sanitários importados da Inglaterra, compõem generosamente o interior do Hotel. Na pavimentação dos pisos, foram utilizadas pedras de mármore, vindas de Sete Lagoas (MG) e pedras italianas revestem as paredes do hall de entrada e, na recepção, mármore travertino. A explicação para a importação de tantos elementos decorativos deve-se ao fato de que àquela época, o Brasil ainda era um país dependente das importações, ou seja, não era nada auto-suficiente (COSTA, 1987).

A amplitude dos espaços destaca-se também, pela sobriedade e, na decoração, podemos reconhecer diversas influências: neoclássica, neo-romântica, neogótica e neocolonial.

Ressalta-se na construção dos edifícios o equilíbrio dos mesmos, compactos em diversas partes, porém harmonizados em suas proporções, resultando em elegância e sofisticação. Aliás, esta última foi privilegiada durante todo o tempo da edificação do hotel. Sofisticação percebida até hoje e notada em todos os elementos da construção e nos detalhes decorativos (ZEMA, p. 12). Em Araxá, comentava-se que houve um movimento apadrinhado pelos jornais para que o Hotel se tornasse o símbolo da mudança que ocorria no país, além, é claro, de estimular o nacionalismo e valorizar a cidade de Araxá.

E por falar em nacionalismo e espírito nacionalista, é possível perceber claramente essa tendência nas pinturas e vitrais das áreas nobres do hotel. Registram-se, com primor, a atividade extrativista (mineradoras), as estâncias hidrominerais, as usinas siderúrgicas e hidrelétricas de Minas, bem como as lendas, a origem indígena de Araxá.

3.2 A execução das obras

A grande quantidade de água encontrada no subsolo do complexo e a variedade topográfica do terreno tornaram-se grandes obstáculos para a construção e execução do projeto, entregue à empresa Alfredo Carneiro Santiago e Cia Ltda que construiu apenas o complexo termal.

O projeto elétrico e a execução das instalações e da subestação do Barreiro ficaram a cargo da SIT Ltda – Sociedade de Instalação Técnica. Os “acabamentos” ficaram por conta da Cia Alcatran Construtora e Freire Sodré.

O equipamento de som das Termas foi projetado, construído e instalado pela seção técnica da Rádio Inconfidência, sob a orientação do técnico Antônio Praça.

Sob a perspectiva moderna, Roberto Burle Marx idealizou os parques e jardins com a colaboração do botânico Henrique Melo Barreto. O famoso paisagista Burle Marx revelou que em:

Araxá não havia árvores. Eu tive um amigo, que trouxe uma grande colaboração, que foi Henrique La Maia de Melo Barreto, um homem extremamente inteligente, e com grande saber botânico – este homem me ajudou imensamente a princípio; foi o Governador Benedito Valadares, que me apresentou, eu fiquei muito contente, porque conhecia profundamente a flora sul americana. O Melo Barreto ficou de tal maneira entusiasmado com idéias de plantarmos árvores, arbustos e ervas brasileiras, que ele deu todo o esforço dele, foi um colaborador extremado, é quando falei, em criar um parque dividido em seções que houvesse representantes de diversas zonas botânicas do Brasil, sobretudo de Minas Gerais, como o serrado, caatinga, plantas de basalto, do calcário (JORNAL ESTADO DE MINAS, 1982, s/p.).

O pavilhão Andrade Júnior surge inserido aos parques em frente ao hotel. Com Construção moderna, o pavilhão recolhe a fonte de água alcalino-sulfurosa. O nome, uma homenagem ao engenheiro pelos “relevantes” serviços prestados desde à pesquisa até a construção.

Segundo ele, as águas de Araxá são manifestações últimas dos antigos fenômenos vulcânicos. A conclusão deu-se por conta de seus elementos mineralizadores com elementos constituídos de rochas. Dentro do pavilhão estão conservados fósseis de grandes dimensões.

As pinturas embelezadoras das paredes do hotel e das termas foram realizadas por Joaquim da Rocha Ferreira e Genesco Murta.

O Projeto do vitral da rotunda, nas Termas, foi realizado por Frank Urban e executado pela Casa Conrado.

3.3 A infra-estrutura do Grande Hotel

Já foi dito que o Grande Hotel de Araxá nascera numa época nacionalista extremamente exacerbada. Nessa época, criaram-se obras grandiosas, mas também belíssimas. Tanto feito tivera como objetivo mostrar ao mundo, a capacidade do Brasil de construir tão bem e com tanta beleza como outros países.

Assim, sendo, o hotel representa um grande empreendimento da engenharia brasileira. Segundo depoimento de José Abdanur que assistiu de perto a todo o processo de construção do hotel, os engenheiros de hoje não acreditam em como foi construída a estrutura do hotel, tal a sua resistência, precisão e funcionalidade.

Dividido em três blocos ligados por dois corpos laterais, o hotel guarda, nos seus traços, uma nota estética que agrada a todos que o vêem e observam-no com atenção.

O estilo foi inspirado em missões espanholas e acomoda-se num equilíbrio entre a topografia e o ambiente, dando a impressão serena e segura de muita comodidade.

Esse equilíbrio é visível e acentuado nas cores e nas proporções em que o projeto original fora concebido. Pedrarias, cristaleiras e vidrarias são detalhes suntuosos que vêm dar mais valor ao Complexo, onde um ambiente é distinto do outro, por força dos detalhes: sejam eles pelo colorido, tipo de madeira, colunas, gravuras e iluminação, privilegiando, sempre, o equilíbrio e a simetria. A simetria é tamanha que o Hotel poder ser considerado uma bússola. Em relação ao Sol, a indicação dos pontos cardeais é inequívoca (COSTA, 1987)

O hotel, na sua concepção original, foi distribuído em espaços designados.(descrição feita por José Abdanur, funcionário do Grande Hotel na década de 40)

Solarium

O Solarium trata-se de um salão de inverno situado num plano mais alto que a recepção e, mais ao fundo, pode-se encontrar um prazeroso local para um chá da tarde. Antes, servia de sala de repouso e para se ouvir programas de rádio, com o feitiço de uma redoma, com paredes de vidro, que permitiam a visão global do parque.

O que, de uma forma certa, cumpre o objetivo para o qual foi projetado e desenvolvido: para dar sensação de bem-estar aos hóspedes, principalmente para aqueles em tratamento de saúde.

Sala de leitura

Revestida em madeira imbuia e couro, equipada com móveis italianos e confortáveis, a sala de leitura tem frequência garantida. O ambiente é decorado com obras do expressionista Rocha Ferreira – “Os Sacis” e “Amazonas” –, ambos retratando mitos do folclore brasileiro. Além disso, era possível encantar-se com os ares selvagens atribuídos às garras dos belíssimos lustres em estilo “chippendale”.

Cassino

Foi no cassino que o luxo atingiu seu clímax. Essa, a frase preferida por todos que passavam pelo Grande Hotel de Araxá. Sem dúvida, o salão de maior beleza e riqueza de detalhes. O ambiente dos tapetes e das colunas coríntias, dos cristais pendentes, vindos da Boêmia, do luxo dos candelabros e dos janelões com vidros bisotados franceses tornava-o o mais atraente e o mais belo.

Teatro

Instalado em sala de cerejeira talhada, com espelhos de cristais da Boêmia, o local destinava-se às peças de teatro, saraus e concertos de piano. Além disso, o teatro abrigava a diversão e agitação não somente para hóspedes, como também para as pessoas da cidade de Araxá. A decoração, os móveis, as cortinas, as orquestras, o palco e a pista de dança formavam um conjunto procurado por todos.

Cinema

O cinema do Grande Hotel de Araxá nada ficava a dever aos mais luxuosos do Rio de Janeiro e de São Paulo. Espaçoso, com quatrocentas poltronas almofadadas, em um ambiente acolhedor, distinto e com moldes de anfiteatro. Impressionava pela riqueza de suas cortinas em veludo francês que cobriam o vão das portas e janelas. O aparelho de som e a tela acompanhavam todo o requinte, no que dizia respeito aos dotes técnicos. O conforto da sala que acolhia seus espectadores agitava a vida social de muitos na década de 40, já que o cinema era mais bem equipado para entretenimento na cidade e no complexo.

A recepção

Em todo o hotel, o maior fluxo de pessoas acontece na recepção. No Grande Hotel de Araxá, a recepção sempre fora de uma sutileza ímpar, sem, no entanto, perder a imponência.; assim é a portaria do Grande Hotel: suntuosíssima. À entrada, fica um abrigo com uma plataforma de embarque e desembarque, diante de uma sala grande, bem montada com poltronas riquíssimas em couro. A recepção é ornamentada em ferro, mármore e pedras italianas. Serve, ainda, como local para observação da movimentação e leitura.

Salão de jogos e *scotch bar*

O salão de jogos dava a todos que ali freqüentavam, uma impressão de liberdade e descontração. Sem dúvida, o salão mais procurado no período noturno. Acompanhado de um interessante bar, era requisitado somente por pessoas adultas. O bar, em madeira trabalhada e couro, remontando um agradável pub inglês, possuía um pianista, sempre a postos, animando o ambiente.

Cozinha e restaurante

A cozinha, entre o refeitório e o salão de festas, sempre esteve aparelhada para atender os gostos dos mais exigentes e amigos dos prazeres gastronômicos.

A cozinha, em seu projeto original, já previa a necessidade de um estabelecimento culinário que atendesse não só àqueles que estavam à procura de uma boa gastronomia, como àqueles que queriam um regime alimentar ou dele precisasse. Conforme o ditado popular, comum em Araxá, mas de origem desconhecida, “é na cozinha que reside o penhor de um descanso proveitoso, de uma desintoxicação completa e de uma renovação das funções gástricas.”

O salão de refeições, por sua vez, era uma das dependências principais do hotel. No que tange ao Grande Hotel de Araxá, era um ambiente afável, hospitaleiro, espaçoso e podia receber até quatrocentos comensais a um só tempo. O salão assumia ares de recanto, mas esbanjava elegância, fineza no trato, desde os pequenos detalhes até as generalidades do serviço de restaurante.

O repórter Wilkie Rodrigues analisou os serviços de alimentação do hotel e afirmou que:

A comida do Grande Hotel de Araxá é deliciosa. O cardápio oferece quatro alternativas. No “Mestre Cuca” – o principal restaurante – conheça o “Buffet” de frios, que já tem marca e fama nacional, além dos pratos típicos do paladar mineiro e da cozinha internacional. Na “Comidinha”, você fica a vontade com as crianças: o cardápio é feito sob medida para a gurizada, incluindo refeições dietéticas e para bebê. O café da manhã é farto, colorido e generoso. Ele pode ser servido no próprio apartamento, ou no “restaurante esportivo” onde o turista poderá ir em traje de banho, é composto de frutas de estação – mamão, melancia, banana, laranja, o famoso queijo de Araxá, leite, café, pão de queijo e biscoitos. A noite, prove a culinária requintada do Status, um minirrestaurante, onde você janta a luz de velas, numa atmosfera de estilo provençal bem a maneira Francesa (JORNAL ESTADO DE MINAS GERAIS, 1979, s/p.).

Durante as refeições, havia apresentação de orquestras que alegravam os hóspedes.

Apartamentos e andares

Os andares, todos iguais e distribuídos com o mesmo critério, têm ao seu meio, uma sacada, com vista para todo o parque e lago. Em cada pavimento, uma rouparia e uma copa, existentes para atender às emergências e às necessidades de serviço.

As acomodações receberam classificações: quarto simples sem banheiro, apartamento com banheiro, apartamento de luxo e apartamento superluxo, que se constituíam de dois apartamentos, compostos por oito cômodos. Neles, uma porta de comunicação.

A criação desses apartamentos superluxo tinha uma razão de ser: abrigar autoridades que visitavam o hotel, em férias ou visitas de caráter oficial. Daí, a preocupação com o conforto, nos banheiros, havia instalação para banhos sulfurosos e duchas. As paredes dos gabinetes de banho eram de ônix legítimo. Requintou-se tanto, o conceito de conforto que os interceptores elétricos eram silenciosos, com dispositivos anti-ruídos.

Lojas e serviços

No subsolo, havia uma galeria comercial, onde se instalaram bazares e magazines, lojas e bares em que se comercializavam, principalmente, produtos da cozinha mineira e artesanato.

Áreas de serviço

No porão do primeiro corpo do edifício, ficava, pelo lado da frente, a rouparia geral, com centro de comando das rouparias dos andares. Pelo fundo, ficava a portaria de serviços:

padaria, *patisserie* e almoxarifado, além da instalação de um grande armazém para atendimento de outras necessidades.

As termas

Interligadas ao Hotel por corredores de acesso, as termas podiam e podem ser consideradas “a menina dos olhos” do Complexo Balneário de Araxá. Afirmção referendada por Costa (1987, s/p) em:

O edifício das Termas possui dezessete mil metros quadrados de piso, sendo cento e vinte e quatro metros de frente, e sessenta e sete de fundo. Apresenta um conjunto arquitetônico de linhas sóbrias, em estilo missões, leve mas consiste, bem posto no conjunto ornamental de toda a Estância.

A entrada é suntuosa, engrandecida na sua beleza por um renque de colunas, que suportam toda arte avançada do terceiro pavimento central, com oito entradas para as áreas de banho.

Logo na entrada das termas, após a passagem pelo hall, deparamo-nos com a Rotunda – construção em forma de círculo, terminando em cúpula, com uma mandala de oito pontas, construída em mármore Carrara. Ao centro da mandala, está enterrado um cabo de cobre de 30 metros, permitindo a quem ali permaneça, um reequilíbrio do campo magnético. Composto de oito vitrais, o teto forma uma cúpula gigantesca e translúcida. Na sucessão dessas peças de colorido vivo, passa a história geo-antropológica de Araxá.

Nas paredes do andar superior, podemos ver oito pinturas de Rocha Ferreira ilustrando a história dos banhos. Coincidência ou não, a construção no número oito, que na astrologia é o número do infinito, é a razão pela qual místicos e esotéricos atribuem ao local, a emanção de uma energia especial.

Piscina Emanatória

Da rotunda tem-se acesso à Piscina Emanatória, em cujo ambiente se encontram ilustrações que retratam a lenda de Perseu que, segundo a mitologia grega, foi colocado por seu avô – sabedor de sua morte – numa caixa, juntamente com sua mãe, e atirados ao mar, mas salvos pelo rei de Seriphos. Perseu casou-se com Andrômeda, filha do rei da Etiópia. A ilustração mostra a submissão da mulher ao seu defensor, bem como a cura que se deve às potencialidades miraculosas das águas, consideradas como o momento de renascer e da defesa natural.

A piscina é o único local onde há banhos coletivos nas termas. Mede nove metros de comprimento por seis metros de largura. As águas são minero-radioativas e aquecidas a uma temperatura de 37°C, o que justifica o relaxamento e a indicação para a fisioterapia. O local, circundado por espreguiçadeiras, acolhia banhistas que descansavam.

Banho de lama

O banho de lama é detentor de várias prescrições médicas: artrite, artrose, bursite, acne e outros problemas da pele. Daí, o título de “o banho mais completo das termas”. Ingredientes: lama (composto orgânico – mineral constituído de argila, água sulfurosa e algas termoestáveis) a 37°C de temperatura durante 20 minutos. Após, uma chuveirada, relaxamento com cobertor, processo de sudção – e, finalmente a volta à temperatura corporal (COSTA, 1987, s/p).

Banhos individuais

Esses banhos podem ser radioativos ou sulfurosos, de pérola espumante ou aromáticos, hidromassagem ou hidromassagem espumante. Todos têm caráter muito simples. E por falar em simples, os banhos simples são: banhos de imersão, sem agitação ou aromatização de água. Pérola é o processo de borbulhamento da água. A hidromassagem proporciona massagem por jatos d’água direcionados. Os banhos espumantes têm acréscimo de espuma de banho com leve hidratação, e os aromáticos têm essência de alecrim, proporcionando, por consequência, relaxamento pela aromaterapia.

A execução dos painéis e obras de arte

O artista Rocha Ferreira executou os painéis “Roteiros dos Caminhos das Águas e da Mineração” e “Saci Pererê e As Amazonas”, que ficam, respectivamente, na recepção e na sala de leitura do hotel.

No edifício das termas, encontram-se as cenas da história dos banhos nos tempos bíblicos, na civilização egípcia, assírio-caldaica, hindu, grega, romana e a do século XVII, além das cenas da atualidade como as praias de Copacabana, do Hawai, Punta del Leste, que se encontram no andar superior. A esse respeito COSTA (1987, p.71-73) tem a nos dizer:

1. Tempos Bíblicos: a gravura representa o homem dos tempos pré-históricos, o primitivo habitante das cavernas, tomando o seu banho em queda d'água corrente contra o corpo, provocando massagem.
2. Civilização Egípcia: reproduz o banho egípcio, os primeiros banhos térmicos. É sabido que os banhos quentes entre os egípcios e os persas, os gregos e os romanos eram um sinal de distinção, de apuro social, e uma prática de cunho nobre-religioso. O ambiente retratado dá uma idéia disso, lembra o hipostilo (teto sustentado por colunas), ou sala das colunas dos templos gregos, na vizinhança da qual ficava a sala de banho; uma piscina que se alimenta com água transportada em cântaros pelas escravas que perfumavam o recinto, com sândalos, flores e essências.
3. Civilização Assírio-Caldaica: difere das outras duas, com os banhos em água corrente, com o simbolismo religioso antigo.
4. Civilização Hindu: novamente o rio sagrado é o motivo da limpeza do corpo e conseqüente purificação da lama, no que despertam os princípios da psicoterapia, como elemento coadjuvante da cura pelo banho. A figura da Buda aparece sorrindo entre a mística de bênçãos, demonstrando inclusive que os banhos eram uma prática piedosa.
5. Civilização Grega: como os outros povos, os gregos usavam os banhos quentes e frios. Onde quer que houvesse um braço de mar, como em Salamina, aí o grego sob a guarda de sacerdotisas, punha a arderem as arômatas, aromatizando assim as águas. Instituíram os helenos as suas termas, com requinte de luxo. A princípio elas não passavam de quarto de banho, a calefação, onde os borrifamentos eram sempre acompanhados com essências, aplicadas por mulheres, que se davam esse trabalho. a figuração pintada nesta série, lembra o esplendor da Grécia, numa cena do banho público de piscina, no interior de um "gymnasium", sob a cúpula de rotunda, cercada de pórticos, derivando para as dependências diversas, distribuídas pelas salas de banhos aromáticos.
6. Civilização Romana: a partir dos últimos tempos da República, até a queda do Império, quando o luxo em Roma não conheceu limites e o povo excedia nas orgias, enquanto Heliogábalo, Paulo Emílio, Caracala e outros romperam por completo os últimos ritos da moral, e Roma se desbaratou na luxúria, enquanto a invasão dos vícios minava os alicerces da grande civilização romana, o uso do banho foi tomando vulto, menos como elemento de cura do que como meio de lascivos prazeres. Os banhos públicos disseminaram-se de tal modo que, no tempo de Constantino, o número de termas chegava a novecentas em santuários. As termas em Roma se projetaram tão imperiosamente na vida social do povo que passaram a fazer parte da história desse povo.
7. Século XVII: nessa época, o banho assume uma feição condizente com os costumes de então. A sociedade converteu os balneários numa praça de exibição. Este painel retrata a função social do balneário, do trato social, vibrando nas conversas, da mesma forma como os dias de hoje.
8. Atualidade: por último, o que se evoca é o estágio atual desse hábito do banho, que se caminhou por todas as épocas sem perder a voga. Atraindo todas as classes. Aí se vê revivido, a vibração que se alardeia por entre as ondas espumosas das praias e das piscinas.

No *foyer* das termas, Rocha Ferreira conta a história da conquista e da formação de Araxá, com o descobrimento da águas. A narração dá-se em oito cenas distintas. Na Piscina emanatória das termas e na Fonte Dona Beja, ainda se vêem painéis idealizados e executados pelo autor. Na administração das termas, ainda é possível ver retratos de Getúlio Vargas e Governador Valadares executados pelo mesmo autor.

Nas paredes do andar térreo, foi pintada a história de Araxá, a chegada dos bandeirantes até a vinda dos primeiros crenologistas (estudiosos que acreditavam na cura pelo uso das águas). Como vemos a seguir:

No primeiro painel, rememora-se a primeira existência dos índios arachás e das expedições de exploração e da ânsia de se encontrarem as riquezas.

Os vitrais constituem-se noutra encantamento. Frank Urban projetou o vitral da cobertura da rotunda das termas, desenvolvendo oito cenas periféricas e uma central. O vulcanismo a pré-história, a vida religiosa dos índios arachás, a ocupação do território pelos brancos, a descoberta das águas e seu uso pelo invasor primitivo na criação e engorda dos gados. No centro, os meios de comunicação e transporte, os pontos cardeais e a situação de Araxá no Mapa de Minas Gerais.

Os vitrais, assim, representam (COSTA, 1987):

1º vitral: a ilustração de um vulcão. Acreditava-se antigamente que a região se encontrava sobre um vulcão extinto. Após várias pesquisas geológicas, descobriu-se que o local foi cenário de vários encontros de placas tectônicas, possibilitando o aparecimento das águas.

2º vitral: a ilustração de animais mamíferos pré-históricos que viveram na região do Barreiro, inclusive, os fósseis encontrados durante a construção do Grande Hotel estão expostos na Fonte Andrade Júnior.

3º vitral: mostra uma cena religiosa dos índios de Araxá. Os primeiros habitantes deste planalto.

4º vitral: retrata a chegada dos bandeirantes que massacraram parte dos índios, enquanto outros foram escravizados.

5º vitral: demonstra a descoberta das águas pelos bandeirantes e seu primeiro consumo *in natura*.

6º vitral: fala dos primeiros banhos. Os bandeirantes já acreditavam que as águas tinham alguma propriedade benéfica.

7º vitral: mostra a desavença entre fazendeiros locais pela propriedade da área do Barreiro, já que naturalmente, o gado se encaminhava à áreas de águas sulfurosas para se beneficiar do sal que elas têm, complemento de alimentação dos mamíferos.

8º vitral: representa os especialistas que vieram a Araxá para estudar as propriedades terapêuticas das águas.

Ao centro, pode-se ver o mapa de Minas Gerais com as principais Estâncias Hidrominerais. Em torno, os meios acessíveis a estas cidades. Ressalte-se, ainda, que o artista plástico, Genesco Murta, criou para os corredores do 2º pavimento, 24 pinturas sobre tela, coladas às paredes, representando os diversos lugares de Minas Gerais. Executou, também,

seis pinturas – mural com cenas bucólicas como mãe e filho na cachoeira, paisagem campestre, saudação, índios, pescadores, crianças, velhos e banhistas.

A inauguração e a vida social no Grande Hotel

Os relatos de quem presenciou tudo, no calor dos acontecimentos, são unânimes ao salientar o estilo monumental da construção. É possível imaginarmos o seu impacto sobre os habitantes de Araxá na década de 40, pois, ainda hoje, essa admiração permanece (LIMA, 2003, p. 66).

As obras concluídas da estância balneária de Araxá só foram entregues, oficialmente, ao uso público em 23 de abril de 1944. A solenidade aconteceu à tarde e desfrutou de presenças de autoridades e celebridades, como o Presidente da república, Governador do Estado de Minas Gerais, do Bispo de Uberaba, Secretários da Aviação e Agricultura, autoridades da Casa Civil e Militar, além do Prefeito de Araxá e de outras cidades circunvizinhas.

O jornal “A Folha de Minas Gerais” (1944 s/p.), em artigo do dia da inauguração do Hotel, mostrou, de maneira fiel, o sentimento de expectativa da sociedade mineira:

Hotel de Araxá com capacidade para 800 hóspedes é a última palavra do gênero em toda a América do Sul. Seus salões deslumbrantes, a vastidão e o conforto de seus apartamentos, a classe de seu serviço o tornará orgulho da hotelaria nacional.

A história da humanidade sempre será marcada por eventos sociais. Afinal, o homem é um ser social. Assim, os eventos ocorridos no Grande Hotel de Araxá formaram verdadeiros retratos dos acontecimentos da sociedade araxaense. Os eventos como Carnaval e reveillon eram reconhecidos nacional e internacionalmente, dada a sua grandiosidade e ao seu luxo.

O Grande Hotel de Araxá sempre fora, depois de sua inauguração, o frisson da sociedade brasileira. Muitas eram as personalidades que o visitavam para desfrutar férias ou promover eventos grandiosos, como o casamento de Júlia Santos, de tradicional família araxaense, com o deputado federal Ovídio de Abreu. A cerimônia, celebrada pelo cardeal Vasconcellos Motta, arcebispo de São Paulo, foi especialmente prestigiada e festejada. Políticos e celebridades circulavam entre os convidados. Ressalte-se a figura do jornalista Assis Chateaubriand.

Destaque, também, para a embaixatriz da Índia que se hospedou no Grande Hotel de Araxá, com o objetivo de descansar e de fazer uso das águas. Como não podia ser de outra forma, era alvo de atenção, principalmente pelas roupas tradicionais de seu país, coloridas com detalhes dourados, que faziam realçar mais o porte elegante, sua pele morena e cabelos negros.

Há ainda de se ressaltar figuras como Oswaldo Aranha, Alberto Coccozza, Lygia Fagundes Telles – renomada escritora –, Madalena Tagliaferro – pianista e professora do Conservatório de Paris. Sem falar, é claro, no visitante mais ilustre: D. Pedro de Orleans e Bragança. Gostava de dançar e era comum encontrá-lo, à noite, na boate, onde se distraía ao lado de sua esposa, ouvindo Orlando Silva.

Araxá sempre mostrou potencial turístico. Na tentativa de conhecer mais sobre a vida efervescente do Grande Hotel, algumas entrevistas foram feitas pela pesquisadora com pessoas que viveram nessa época em que o Hotel encontrava-se no seu apogeu. Destas entrevistas, depreendeu-se que a história político-social se mistura com a mentalidade das pessoas contemporâneas dessa época.

A entrevista realizada em Araxá com a Sra. Elza Del Sarto¹, dá-nos uma retrospectiva da vida no hotel, revelando-nos a importância do mesmo para Araxá e a sociedade brasileira da época.

Senhor Mário Del Sarto, marido de D. Elza transferido de Poços de caldas para Araxá, trabalhou na recepção do hotel desde 1950 até 1970, ano em que se tornou gerente geral, exercendo o cargo até 1973.

Segundo a entrevistada, o hotel era freqüentado e prestigiado por escritores, políticos, industriais, empresários como Assis Chateaubriand, Jorge Amado, Yolanda Penteado, Calfat, Conde Matarazzo, família de Santos Fumont, família Collor de Mello, Margô de Lopes Cançado (artista plástica), Agripa Vasconcelos (escritor). Além de brasileiros, havia muitos hóspedes argentinos e norte-americanos.

A temporada era de 21 dias, conhecida como “estação de águas”. Havia três vãos diários que chegavam até a cidade de Araxá, sendo o avião o meio mais escolhido para chegar, pois a malha rodoviária era muito precária. Para iniciar o tratamento, os hóspedes passavam, rigorosamente por uma triagem médica, feita pelas mãos do cuidadoso Dr. Milton Tomaschovic, para prescrição correta do tratamento a ser feito.

A rotina dos hóspedes, nestes 21 dias, começava com banhos nas termas, após o café da manhã. Depois, caminhadas. No almoço, traje esportivo, ao som de uma orquestra. À tarde, as pessoas tomavam água nas fontes, faziam pequenas caminhadas, jogavam cartas, faziam passeios de charrete, a cavalo ou de bicicleta. Liam ou ficavam nas dependências sociais do hotel, conversando.

¹ SARTO, Elza Del. Depoimento concedido em 04 de abril de 2006.

As mulheres sempre despendiam de um bom tempo no final da tarde para se aprontarem. Afinal, o jantar era sempre um acontecimento. Esbanjavam-se elegância, luxo, bom gosto e muitas jóias. Circulavam para ver e serem vistas. Tudo ao som de uma orquestra. Depois do jantar, sessão de cinema, boate e jogos de cartas.

As festas eram suntuosas sempre com a presença de “um cozinheiro de fora”. O cardápio oferecia comida internacional, como a francesa, por exemplo. Havia a participação da sociedade e também de vários artistas. Os bailes de carnaval eram tradicionalíssimos: havia desfiles de fantasias, com a presença de Clóvis Bornay e Evandro Lins, dois carnavalescos famosos pelas fantasias suntuosas com as quais desfilavam.

Os serviços do hotel eram de tamanha qualidade, que muitos hóspedes freqüentavam-no em 2 estações do ano: fevereiro ou março e em outubro, sendo que a primeira temporada atraía os turistas pelo clima ameno da região, diferentemente do restante do país, em extremo calor; outubro destacava-se pela perfeita combinação do vigor da primavera com a umidade ideal, provocada por chuvas providenciais, que diferenciavam Araxá das demais cidades mineiras.

Segundo D. Elza, Sr. Mário era regamente recompensado pela cordialidade e bons serviços prestados. Dos hóspedes, recebia “gordas gorjetas”. Um dos inconvenientes do hotel era a comunicação por telefone, haja vista o sistema de telefonia, àquela época, ainda ser muito precário.

Ainda, conforme o relato de D. Elza, o hotel em tempo algum deu lucro. Era freqüentado por políticos e suas comitivas – que por costume vigente no país – eram isentos do pagamento, ou seja, tudo era custeado pelo estado.

A ocupação era sempre, aproximadamente de 70% em alta temporada, nos meses de janeiro, fevereiro, março, período de verão, julho, período de férias, setembro e outubro, primavera e período de clima perfeito para fins terapêuticos. No carnaval e nos congressos, a ocupação chegava a 100%. O perfil dos hóspedes era predominantemente familiar e de idosos em tratamento.

Durante 10 anos, o Grande Hotel foi arrendado pelo Senhor Rocha, proprietário do Quitandinha, na expectativa da permissão para explorar o jogo. Pode-se dizer que a decadência do Hotel começou nessa mesma época, pois o arrendamento não disponibilizava tempo para supervisionar e servir, e assim, aos poucos, o hotel fora perdendo seu “glamour”. Um fato delicado também acontecera: muitos objetos de valor, como talheres de prata, foram sumindo, não se sabendo ao certo quem seriam os responsáveis por tal destruição do patrimônio do hotel.

3.4. O processo de decadência

A magnificência das instalações físicas do Grande Hotel de Araxá ancorava-se em suas atividades termais e no funcionamento do cassino, além de ter sido gerado e concebido numa época em que o Estado colocava-se como intervencionista e fomentador de todas as atividades de desenvolvimento econômico.

Pode-se dizer que o declínio nasceu com o fechamento do cassino em todo território nacional. Araxá sofreu o impacto, desde 1º de maio de 1946, quando foi dada, oficialmente a notícia. O Diário Oficial de Minas Gerais (1946, s/p) reproduziu, na íntegra, o decreto-lei. E, ao analisar o fato, o órgão tece os seguintes comentários:

REPERCUSSÃO SIMPÁTICA

Rio, 30 (S.E.) – vem causando a mais simpática repercussão o decreto de proibição de todos os jogos de azar em todo o território nacional, medida que sem dúvida, consagra o governo que o põe em prática.

Já hoje se fecharam nesta Capital, em Niterói e Petrópolis, todas as casas desse gênero, pois o decreto tem efeitos imediatos, após sua publicação. Essa publicação se fez às 18 horas de hoje no “Diário Oficial”, ou seja, 3 horas depois de ter sido dada ao conhecimento do público.

Mesmo assim, o hotel ainda manteve-se “auto-suficiente” nas décadas de 40 e 50, dada à magnitude de suas instalações e à exploração do termalismo muito difundido entre a elite do país.

Construído com recursos públicos, o hotel tornou-se patrimônio do Estado, e seus funcionários eram considerados funcionários públicos. De acordo com a tradição de administração estatal, o Estado nunca se comprometeu em ter lucros, muito menos em manter as instalações e o padrão de atendimento. Isso, somado à proibição do jogo, formulou uma equação perigosa, cujo resultado passou a ser negativo, tornando o Grande Hotel de Araxá uma atividade inviável. Já em 1958, são evidentes os sinais de declínio, noticiados até pela imprensa. (LIMA, 2003)

Dois interessantes editoriais do Jornal Correio de Araxá datados de 1959 fazem uma abordagem lúcida sobre a situação do Grande Hotel. Vejamos:

Turismo: uma indústria rendosa

(...) O Barreiro é uma jóia guardada num cofre de colinas, que o araxaense se contenta em olhar de vez em quando, sem a preocupação de conservá-la, apenas confiante em que ela não sairá de seu engaste. Basta dizer que é a mais bela estância do continente, e tudo está resolvido. Se bem que muitos procuram dar-lhe a relevância que merece, há acentuada displicência no seu trato e aproveitamento.

Quando o Estado arrendou o Grande Hotel ao Sr. Joaquim Rola, ficamos entusiasmados e esperançosos de dias melhores para a estância. Com seu inegável espírito administrativo, ele saberia incrementar o turismo, revivendo os áureos tempos do Barreiro. Mas, parece que o Sr. Joaquim Rola jamais bebeu daquelas águas preciosas, pois não o seduziu o encanto do Barreiro. A estância continuou esquecida. E o Governo Estadual? Ah! O governo Estadual...

Em várias épocas do ano, centenas de turistas brasileiros recorrem à Argentina, o Uruguai, e outros países da América Latina, em viagem de recreio. A importância gasta pelos nossos patrícios atingem cifras elevadíssimas. Argentinos e uruguaios fazem do turismo, excelente fonte de renda. Nós, não. Ignoramos, ou fingimos ignorar, as inexploradas possibilidades, econômicas de um Barreiro transformado em “Éden” para a alta burguesia internacional.

Os mosquitos adoram as termas. Ensinou-lhes algum instinto misterioso que a plicada em veranistas, principalmente os de São Paulo, e milionários, tem um sabor todo especial.

Pequenos estragos, telhas, vidros, ladrilhos partidos, já estão fazendo parte da tradição. Quanta coisa errada.

Pode-se, constatar, portanto, que a decadência do Grande Hotel de Araxá fora um processo lento e sofrido tanto para a cidade, quanto para aqueles que nele trabalhavam. Em vão, várias ações foram direcionadas para o restabelecimento do prestígio do hotel, bem como do resgate dos hóspedes. “Era somente dinheiro ralo abaixo”. Em outra reportagem do ano de 1972, o editor do Correio de Araxá, relata as péssimas condições no entorno do Barreiro. Em relação às termas, freqüentada por hóspedes de outros hotéis, críticas, muitas críticas.

Ainda uma pequena parte do grupo, talvez a mais erudita, lembrou com saudades os bons tempos em que a mocinha controladora dos horários de banho cumprimentava os que iniciavam a temporada, dizendo: “Atenção, senhor Dr. Alfredinho, as Termas de Araxá cumprimentam V. Exa. E desejam uma feliz estadia”. Ao terminar o banho, voltava a voz maravilhosa e doce da mocinha: “Atenção, Dr. Alfredinho, o seu banho já terminou” – “Obrigado”. Só isto já era metade da cura. “mas esta época já se foi e não volta mais”, finalizaram lamentando. (CORREIO DE ARAXÁ, 1972, p.2)

Este trecho abre brecha para uma reflexão relacionada com todos aqueles comprometidos com o processo da hospitalidade. Nem sempre o luxo ou a opulência das instalações é que ficam registrados na memória das pessoas. O cliente é implacável, quando é perceptível a queda de qualidade de atenção nos pratos diários. Com certeza, esses foram fatores preponderantes para a falência vertiginosa do empreendimento do Grande Hotel de Araxá.

Nos anos 80, o cenário já era desolador. Todos os recintos apresentavam sinais do tempo, sem manutenção. Diversos equipamentos já não funcionavam mais ou estavam em precárias condições de uso. Louças e talheres longe de terem sido aqueles dos tempos áureos. Mobiliário, também. Funcionários desgostosos, sem nenhum orgulho em trabalhar no Grande Hotel de Araxá. Tudo parecia... Até o glamour.

No ano de 1989, o conjunto arquitetônico do Grande Hotel foi tombado pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais. Em maio de 1991, o hotel recebeu seu último e ilustre hóspede: o então Presidente da República, Fernando Collor de Mello, saudosista dos tempos em que vinha ao Hotel, na sua infância e juventude.

À época dessa visita, reacendeu nos araxaenses a esperança de ver o Grande Hotel restaurado. É o que constata a reportagem publicada no “Jornal do Brasil” no ano de 1991:

A visita do presidente Fernando Collor e sua mulher, Roseane, a esta estância hidromineral para descansar no fim de semana, reacendeu as esperanças dos moradores de salvação do outrora luxuoso e imponente Grande Hotel do Barreiro, o maior da América Latina em área plana, inaugurado em 1944 para abrigar um cassino e que já viveu dias de glória. Manifestações neste sentido, como faixas espalhadas pela cidade, têm razão de ser: na campanha presidencial em 1989, Fernando Collor prometeu recuperá-lo. Conseguiu o apoio do prefeito Waldir Ávila, do PFL, e venceu a eleição na cidade. Agora Araxá aguarda o resgate da dívida eleitoral. (JORNAL DO BRASIL, 1991, s/p.)

A reportagem aponta ainda: 80% do Hotel estão ociosos, o custo da restauração é estimado em US\$10 milhões. Além disso, a reportagem é enfática em relação à precariedade do Hotel:

Dos cinco elevadores instalados no hotel e no prédio apenas dois funcionam. Os outros tem que ser inteiramente trocados. As paredes estão sujas, os carpetes e tapetes manchados, as louças inglesas dos banheiros encardidas e os quartos exalam cheiro de mofo (JORNAL DO BRASIL, 1991, s/p.).

Nesse mesmo ano, foram feitos levantamento de dados e a elaboração de um projeto feito pelo IEPHA, a pedido do Presidente Collor. Com o *Impeachment*, houve a paralisação de tudo.

Independentemente do ocorrido, estudos foram feitos com o hotel funcionando. Foram consideradas obras emergenciais e por isso, feitas com o hotel em funcionamento. Para os levantamentos realizados, equipes diferentes. Por exemplo: trabalho de arquitetura, vitrais, murais, pinturas, mobiliário, luminárias. Sem o computador, as fotografias e os desenhos foram os grandes protagonistas.

Fechamento do hotel

Constatada a situação de verdadeira penúria do hotel, o fechamento foi inevitável, decidida por uma Comissão Especial da Assembléia Legislativa do Estado de Minas Gerais, após visitas e estudos sobre a viabilidade de funcionamento, sem nunca esquecer do valor inestimável do patrimônio. Para realizar o ato de encerramento das atividades hoteleiras, foi eleito um funcionário da empresa Hidrominas, de Belo Horizonte. Tarefa difícil e constrangedora. De posse de documento para o fechamento do Grande Hotel de Araxá, o funcionário não teve escolha: decretou a saída de hóspedes e funcionários que lá se encontravam.

A repercussão do fechamento repentino do hotel dividiu a opinião pública e provocou atos e manifestações a favor da manutenção das atividades que ocorreriam com a reforma em paralelo. Entretanto, o contra-argumento deu conta de que o ato deu-se por conta do medo que havia do desaparecimento do restante do mobiliário e enxoval do hotel, bem como da mobilização dos funcionários. No dia de seu fechamento, havia cerca de 10 hóspedes e 235 funcionários.

Em comunicação à população, feita através do Correio de Araxá, o Governo de Minas justifica a medida como absolutamente necessária em razão da falta de segurança na infraestrutura do prédio, bem como do alto custo para mantê-lo em funcionamento. Na matéria há, ainda, a promessa de revitalização do complexo arquitetônico, eis a íntegra do comunicado:

O governo do Estado de Minas Gerais comunica que, atendendo às legítimas reivindicações e exigências de mercado e da nova realidade mundial, determinou, hoje, o fechamento do Grande Hotel de Araxá que, ultimamente vinha funcionando fora dos padrões mínimos de segurança, sobrecarregando intensamente o Tesouro de Estado e contrariando as determinações da sociedade, que exigia maior presença do Governo em áreas sociais críticas, e não como hoteleiro, área tipicamente reservada ao empresário privado nacional.

Imediatamente após o encerramento de suas atividades, o Grande Hotel de Araxá será submetido a uma ampla reforma, para que possa ser oferecido à licitação pública e arrendado, portanto, com sua gestão privatizada.

Com essas medidas, o Governo mineiro está preservando o patrimônio do Parque de Araxá, inestimável e caro às tradições e ao povo de Minas Gerais, mantendo a história do Grande Hotel e garantindo que ele passe a representar receita para os cofres estaduais, e não mais despesas cada vez maiores.

Paralelamente, a Hidrominas está comunicando aos 235 empregados do Grande Hotel que todos foram dispensados, mas terão resguardados os seus inalienáveis direitos trabalhistas, o que lhes garantirá indenizações nos termos da legislação em vigor. No entanto, quando privatizado, o hotel poderá recontratar esses empregados, obviamente dentro das necessidades da época.

Consciente de que, com esta medida, o Grande Hotel de Araxá estará sendo devolvido ao mercado hoteleiro e passará a ser administrado por empresários e profissionais do próprio setor de hotelaria, inclusive gerando impostos e empregos, o Governo mineiro acredita que o Brasil que vivemos, hoje, estava a exigir a decisão que, agora é levada ao povo e às Autoridades de Araxá, a todos os mineiros e ao país.

Em breve, todos os brasileiros terão à sua disposição o Grande Hotel de Araxá que todos desejamos e exigimos, eficiente e confortável.

Belo Horizonte, aos 25 de fevereiro de 1994.

GOVERNO DO ESTADO DE MINAS (CORREIO DE ARAXÁ, 1994, p.09)

Encerradas as atividades do Complexo Balneário do Barreiro, vários segmentos da economia do município foram afetados. O clima vivido na cidade era um misto de aprovação e reprovação pela atitude repentina. A esperança era de que tudo se resolvesse em poucos meses.

Também uma nota oficial, o Prefeito de Araxá, manifestou-se:

Senhor Governador

No momento em que Vossa Excelência vem a nossa região pela primeira vez após anunciar as formas medidas que estão sendo tomadas para solucionar de vez os

antigos problemas do Grande Hotel do Barreiro, Araxá não poderia deixar de novamente saudá-lo.

Assim como o povo de Nova Ponte está na expectativa de que o progresso chegue com a nova cidade, o povo de Araxá espera que a revitalização do Grande Hotel impulse o desenvolvimento de nosso turismo.

A esperança de dias melhores acalenta o sonho dos araxaenses que acreditam na redenção desta que já foi uma das mais procuradas estações de termalismo do país. Dentro de uma nova perspectiva, o turismo voltará a ser a principal fonte de economia do município.

Esperamos que o encaminhamento de solução pela via de privatização do complexo do Barreiro de Araxá aconteça o mais rápido possível. Aguardamos com ansiedade não só a retomada do nível de emprego existente antes do fechamento do hotel, mas o que a cidade leve nos anos de pujança de atividade turística.

Os araxaenses, bem como todos aqueles que vivem e desfrutam do turismo, haverão sempre lembrar o nome do Governador de Minas Gerais; Dr. Hélio Garcia, que teve a grandeza do gesto de salvar o Grande Hotel do Barreiro do descaso e do abandono.

A comunidade de Araxá deposita no Governador de Minas toda sua confiança na recuperação de um dos mais importantes patrimônios do Brasil.

Araxá, 05 de março de 1994

Jeová Moreira da Costa

Prefeito Municipal de Araxá (CORREIO DE ARAXÁ, 1994, p. 6).

Portanto, o encerramento das atividades do hotel no seu conjunto não foi recebido negativamente pela maioria da população, pois era do conhecimento de todos, o estado precário do edifício e dependências. Uma coisa era certa: o hotel não seria mais público, depois da reforma seria arrendado por empresa do ramo que fosse de caráter privado. Ficou então a COMIG – Companhia Mineradora de Minas Gerais, hoje CODEMIG – Companhia Mineradora de Desenvolvimento de Minas Gerais responsável – gestora do processo de arrendamento.

Durante este período, a comunidade trabalhadora informal que explorava o turismo no Barreiro, viu-se de uma hora para outra, totalmente desamparada. Em reportagem publicada no periódico “Estado de Minas”, a jornalista Helena Barcelos sintetiza o clima de absoluta incerteza e apreensão. Assim:

Cerca de mil pessoas que dependem direta ou indiretamente do comércio que circula em torno do Grande Hotel de Araxá temem um futuro próximo sombrio, se este permanecer fechado durante muitos meses (...).

Para os comerciantes que sobrevivem do movimento turístico do Grande Hotel, uma das alternativas para reduzir os prejuízos seria a abertura, mesmo que provisória, das termas durante a Semana Santa, período considerado por eles de alta temporada. O presidente da Associação Comercial e Industrial de Araxá, Ângelo Maneira, reconhece que a restauração do Grande Hotel era uma necessidade inadiável (ESTADO DE MINAS GERAIS, 1994, s/p).

Além da conseqüência econômica, pôde-se perceber o aspecto emocional abalado com o fechamento do Grande Hotel. Encontra-se no Jornal “O Estado de Minas”, uma reportagem que trata da penúria dos pequenos comerciantes que ainda continuavam a trabalhar nas

galerias do hotel, embora fechado e acumulando prejuízos. Várias reportagens do Jornal “O Estado de Minas” chamavam a atenção para tanto desolamento.

A galeria de compras que funciona no interior do Grande Hotel, onde 13 comerciantes expõem seus produtos – sabonetes de lama negra, crochê, doces típicos, água mineral engarrafada – não está desativada. Mesmo trabalhando no vermelho, os comerciantes persistem no local, na esperança de uma breve reabertura das termas e, posteriormente, do hotel.

(...) José Carlos está há 19 anos na galeria. Dono de um bar/lanchonete, já chegou a morar nas termas, em quartos que antigamente eram reservados aos funcionários. Hoje, seu estabelecimento tem as paredes marcadas pela infiltração, ele dispensou todos os seus funcionários e o movimento caiu em 70%. Há cinco meses, José Carlos e outros locatários não pagam a taxa de aluguel e ainda recebem ajuda da prefeitura de Araxá para custear a energia elétrica. Ele propôs este acordo à Comig e à prefeitura para que os comerciantes, sem rendimentos, ficassem liberados de um ônus.

O bar do “Seu Zé” só abre aos sábados e domingos. Nos outros dias da semana, o movimento da galeria é insignificante. Já, Dona Maria José, 62 anos de idade e há 39 na galeria, insiste em abrir diariamente sua loja, uma espécie de armarinho, desde o início da reforma “Tem dia que o lucro não dá pra pagar a passagem de ônibus de ida e volta (ESTADO DE MINAS GERAIS, 1995, p.39)”.

Mesma indignação têm os artesões e os doceiros de Araxá, cujas condições de vida sempre estiveram atreladas ao movimento turístico. O padrão de vida da gente caiu muito. Perdemos contas bancárias, carros e outros bens para sobreviver, conta a presidente da Associação dos Artesões de Araxá, Belchiolina das Graças Barretos. A indenização coloca os artesões em uma situação delicada. Eles temem perder o espaço de venda ao lado da Fonte Dona Beja caso busquem outras atividades e por isso continuam expondo seus produtos, apesar do movimento fraco (ESTADO DE MINAS GERAIS, 2000, p.34).

Manifestações e protesto não paravam. Doceiros, artesões, pequenos comerciantes, todos à mercê da reabertura do Grande Hotel. Afinal, ele sempre fora o “aquecimento” da economia araxaense, que também decidiu optar pela atividade mineradora.

Coincidência ou não, Araxá só teve a sua Secretaria de Turismo em 1994, ano do fechamento do hotel.

Junto a essa criação, veio a tomada de consciência de que não basta apenas ter potencial turístico, é necessário, também, vocação turística. A cidade e seus municípios devem de estar imbuídos desse sentimento e desenvolvê-lo.

Com a reabertura das Termas, no ano de 1997, a cidade consegue um ótimo destaque na mídia e, com isso, um efetivo e grande impulso na atividade turística. A população local passou a acreditar na força do turismo e os comerciantes apostaram mais em suas atividades.

3.5 A restauração e a reabertura das Termas e do Grande Hotel

A restauração do Grande Hotel deu-se através de um processo longo e difícil. Várias paralisações aconteceram motivadas pelo fracasso dos primeiros processos de licitação, disputas políticas e divergências entre as partes envolvidas.

No ano de 1990, foi criada a COMIG, empresa de economia mista, que passou a “proprietária” do Grande Hotel de Araxá. Já em 1994, a empresa inicia algumas reformas emergenciais, principalmente na cozinha, elevadores e a caldeira, nas termas. Reformas custeadas pelos cofres públicos. Além dessas reformas, promoveu-se o acerto das indenizações trabalhistas pela dispensa dos funcionários, resultado do fechamento do hotel.

A idéia original do projeto preconizava que todo custo da reforma fosse feito pelo arrendatário. Sem dúvida, uma solução vantajosa para a COMIG. Publicado o primeiro edital de licitação versando que ônus da obra ficaria a cargo do arrendatário, a primeira frustração: não houve nenhum licitante. Em 20.07.94, fora publicado o segundo edital, em que as custas da reforma passaram a ser do Estado, estimadas em 5 milhões de dólares. Mesmo assim, não se apresentaram licitantes.

Em 1995, é lançado o terceiro edital, que traz, como principal modificação, a prorrogação do prazo de arrendamento: de cinco para trinta anos. Paralela à movimentação de arrendamento, acontecia a reforma das Termas e da fonte Andrade Júnior. O estágio das obras das termas foi assim descrito:

As termas tornaram-se um verdadeiro canteiro de obras. Todos os azulejos foram arrancados, para serem raspados e novamente assentados. Buracos foram abertos nas paredes, para dar passagem aos carrinhos de mão. A galeria de arte está tamponada para testes de infiltração. As banheiras de porcelana, de fabricação inglesa, estão protegidas para evitar danos. A casa das caldeiras será destruída para a retirada das máquinas inutilizadas e reconstruída nos mesmos moldes.

A reforma das termas, cujo término está previsto para abril deste ano, ainda está por volta de 40% do cronograma físico e 35% do financeiro. O provável atraso na entrega se deve ao fato de que qualquer intervenção na estrutura das termas tem que passar antes pelo crivo de representantes da COMIG estatal proprietária do Complexo, da Arquel, responsável pelas obras; da Paulo Adib, fiscalizadora das obras, e do IEPHA, responsável pela conservação dos patrimônios históricos (ESTADO DE MINAS, 1995, p.39).

O grupo Maran Empreendimentos/SP ganhou a concorrência pública. Essa vitória passou a ser questionada na justiça pelo Grupo Vilmak, formado por proprietários de outros hotéis em Araxá, que postulavam a anulação do arrendamento, sob a alegação de que o grupo vencedor não teria preenchido exigências do edital.

Decorridos mais de 12 meses, constatava-se, ainda, que nenhuma obra fora iniciada, e o estado de abandono e deteriorização do complexo era visível, total, lembrando o filme de

terror. Com a intervenção do IEPHA, as Termas começaram a ser reformadas, enquanto o prédio do Grande Hotel permanecia fechado. A restauração aconteceu com obediência a todos os detalhes. Nada fora modificado. Concluída a “reforma” aconteceu, em 28 de novembro de 1997, a festa de reinauguração das Termas de Araxá. Os maiores entusiastas eram os comerciantes locais, principalmente os envolvidos com a atividade turística.

Uma vez inaugurada, a administração das Termas de Araxá foi entregue, provisoriamente, para a fundação Educacional Lucas Machado – FELUMA. Nos meses que se seguiram à reinauguração, a cidade recebeu um grande incremento em seu fluxo turístico, o que foi percebido por todos os setores econômicos da cidade.

Restauração e arrendamento do Grande Hotel

Passado o clima de euforia vivido com o reinício das atividades termais, novamente os olhos se voltaram para a continuidade das obras de restauração do Grande Hotel de Araxá, que somavam apenas 30%.

Para dar seqüência às obras, a COMIG firmou parceria com a CBMM – companhia que explora nióbio em Araxá –, empresa privada que passou a investir na reforma do hotel, beneficiando-se pelos incentivos fiscais. Enquanto isso, o Governo do Estado preparava o novo edital de licitação, com novas regras e condições. No projeto de restauração, era clara, a intenção de se criar um audacioso Pólo Turístico, o que não aconteceu até hoje.

Em março de 1998, foi publicado o quarto edital de licitação de arrendamento do Grande Hotel de Araxá. Para participar do novo edital, os concorrentes, encarregados da viabilização do Pólo Turístico, teriam de apresentar um capital social mínimo de R\$ 2 milhões. Na parte técnica, houve a exigência de que o concorrente já estivesse no mercado hoteleiro, administrando, pelo menos, um hotel.

Como resultado da nova licitação, um consórcio formado pela construtora e empreendedora Santa Bárbara, empresa mineira com mais de 30 anos de existência e a Rede Tropical Hotel, ganhou a concorrência pública. O contrato foi assinado em 01.10.98. Nessa época, as obras estavam a todo vapor. Com a eleição do novo governador, em 1999, houve uma significativa queda nos repasses de verbas estaduais, o que tornou as obras mais demoradas.

O atraso no cumprimento do cronograma gera atritos e o Consórcio Santa Bárbara / Tropical Hotel ameaça paralisar as atividades. Mais agonia para a população araxaense. Em junho de 2000, as obras são retomadas, com a contratação das duas empresas vencedoras da

licitação pública realizada: Casa Maior Construção e Infraer Engenharia. Supervisionadas pelo IEPHA, foram retomadas as obras, com várias modificações, inclusive junção de apartamentos, diminuindo, assim a capacidade.

Incorporação de novas tecnologias para controle de consumo de energia elétrica, telefonia e Internet também aconteceu.

Na verdade, a obra de restauração do Grande Hotel de Araxá passou por dois momentos: modernização e preservação do que se concebia como de alto valor histórico. Toda a área comum do hotel, com destaque para seus diversos salões, cinema, teatro e restaurante também passaram por uma completa restauração, com recuperação de afrescos, mobiliário, pintura e tapeçaria.

A restauração envolveu mais de 400 profissionais. No mês de abril de 2001, pouco antes do término das obras, tem fim a renegociação entre a COMIG e o grupo Santa Bárbara e Rede Tropical. Com a assinatura desse novo contrato, resolvem-se as divergências que vinham se arrastando desde 1999.

A reinauguração

Em 17 de agosto do ano de 2001, as obras se concluíram. Com a entrega do hotel ao grupo arrendatário, o mesmo, a partir de então, pôde equipar o hotel, contratar funcionários e preparar a reinauguração, que aconteceu em 19 de dezembro de 2001, sob a bandeira da Tropical Hotels Brasil.

Aconteceram missa e um jantar para 400 pessoas. Como parte das festividades, aconteceu a entrega da Medalha Dom José Gaspar, cidadão benemérito de Araxá.

A reinauguração do hotel foi recebida por todos com grande entusiasmo. Sentimento de reconquista, de resgate.

Nos meses subsequentes à volta das atividades do Grande Hotel de Araxá, percebeu-se a prosperidade dos negócios e a alegria do povo, segundo José Abdanur.

Todos os segmentos ligados à hotelaria e ao turismo também foram resgatados. Mesmo com a economia em baixa, crise nacional, foi constatado um incremento, após a reinauguração do Grande Hotel de Araxá. Vejamos:

Tabela 6 – Ocupação Média Hoteleira

Ano	2000	2001	2002	2003
Taxa de Ocupação	42%	46,9%	57,76%	53,16%
Crescimento em relação ao ano anterior	-	12%	19%	-

Fonte: COMTUR.

Tabela 7 – Número Estimado de Hóspedes nos Hotéis

Ano	2000	2001	2002	2003
Número de Hóspedes	18.000	22.000	44.000	83.200
Crescimento em relação ao ano anterior	-	22%	100%	89%

Fonte: Hoteleiros.

A administração do hotel pela rede Tropical causou adversidades e polêmicas na cidade. O que era um símbolo do turismo araxaense tornou-se o oposto de hospitalidade, com a construção de grades e guaritas, o que constrangia os moradores que quisessem visitar o complexo. De fato, foram criados sérios obstáculos entre a relação do complexo com a cidade. Afinal, como um município pode ser sinônimo de hospitalidade se os seus próprios moradores não são bem tratados?

Com o passar de algum tempo, veio a notícia de que o contrato de arrendamento que duraria 25 anos, foi rompido, sendo alegado o alto valor das taxas cobradas pelo CODEMIG. Então veio uma nova licitação. Quatorze empresas, todas administradoras de resorts e inclusive a Tropical, se inscreveram para participar da licitação. “Pelo contrato anterior, havia desequilíbrio financeiro e alta taxa, sendo que a proposta é preservação do hotel e a manutenção de Araxá como pólo turístico” afirma Arlindo Porto, vice-presidente da Companhia de Desenvolvimento Econômico de Minas Gerais – CODEMIG.

A partir de 1º de junho de 2005, o grupo Maquiné Empreendimentos S/A assume a direção do Grande Hotel, em Araxá, MG. A empresa, proprietária do Ouro Minas Palace Hotel, em Belo Horizonte, ganhou a concorrência realizada pela CODEMIG para a escolha da nova administradora. O contrato de arrendamento tem validade de 15 anos.

O hotel passa a se chamar Ouro Minas Grande Hotel e Termas de Araxá.

Segundo o diretor de Marketing do grupo Maquine, Alexandre Drumond, o investimento inicial na reposição do empreendimento será de aproximadamente R\$ 3 milhões.

Desde 1944, o hotel vem passando por modificações tanto na área administrativa, quanto em suas diversas fases – hotel cassino, fechamento, restauração, reinauguração.

Após ser arrendada para o Grupo Maquine, a área externa do complexo foi mantida, porém com um considerável aumento de suas atrações.

Abaixo será apresentado o mapa atualizado de todas as atrações encontradas no Complexo do Barreiro. Algumas destas atrações se encontram em manutenção como será apresentado na legenda.

O mapa a seguir pode ser encontrado através de placas de sinalização, em diversos pontos estratégicos no Complexo. Através dele, o visitante pode se localizar com facilidade em todo parque.



Mapa 5 – Área do Complexo do Barreiro

Fonte: Folder do Material de Divulgação do Grande Hotel Ouro Minas de Araxá

Legenda:

- 1) Piscina - situada dentro das instalações do Grande Hotel, acesso restrito aos hóspedes.
- 2) Equipamentos para alongamento – situado dentro das instalações do hotel, miniacademia, restrita aos hóspedes.

- 3) Quadra de futebol de campo – situada na área externa do hotel, pode ser alugada por moradores durante a baixa temporada.
- 4) Pedalinhos – são encontrados na lagoa do complexo, podem ser alugados por hóspedes e visitantes do parque.
- 5) Piscina Praça de Esportes – esta piscina encontra-se fechada para reforma.
- 6) Quadras de Tênis - situada na área externa do hotel, pode ser alugada por moradores durante a baixa temporada.
- 7) Playground – localizado na área externa do hotel, aberto a todos os visitantes do parque, sem nenhum custo.
- 8) Passeio a cavalo – este serviço é cobrado por hora tanto para os hóspedes, como para os visitantes do parque.
- 9) Vôlei de praia/Peteca – localizadas na área externa do hotel, não têm nenhum custo para os hóspedes, mas pode ser alugada por visitantes.
- 10) Vestiários – fechados para reforma.
- 11) Bicicletas – localizadas na área externa do hotel, podem ser alugadas tanto para o hóspede, quanto para o visitante, sem distinção.
- 12) Quadra Poliesportiva - localizada na área externa do hotel, não tem nenhum custo para os hóspedes, mas pode ser alugada por visitantes.
- 13) Ilha dos Amores – situada no lago artificial do Barreiro, é ligada por uma ponte para pedestres. Os visitantes possuem livre acesso.
- 14) Caiaque – equipamento restrito aos hóspedes do hotel.
- 15) Arco e Flecha – equipamento restrito aos hóspedes do hotel.
- 16) Ruínas do Hotel Rádio: originalmente Hotel dos Estrangeiros, foi construído em 1919, sendo o primeiro hotel de grande porte do Barreiro. Hoje, suas ruínas foram transformadas em um parque de lazer e recreação, com pistas para caminhada e ciclismo, áreas para piqueniques e um mirante.
- 17) Trilhas – as trilhas fazem parte da área de lazer e recreação do complexo, estão por toda parte e são abertas a todos.
- 18) Fonte Dona Beja - fonte de água radioativa, jorra de uma gruta estilizada em forma de emanatória. Suas propriedades ativam o metabolismo e estimulam a assimilação diurética, atuando como desintoxicante do organismo. As águas radioativas brotam entre pedras vulcânicas, distribuídas para bebedouros e para as duchas-cascatas. As paredes da fonte apresentam, em azulejos, a figura de Dona Beja nua, banhando-se nas águas. Uma bela paisagem do Complexo do Barreiro pode ser apreciada de seus mirantes.
- 19) Ducha-Cascata – encontra-se na área externa do hotel, em um prédio de meio-círculo, no plano inferior, quase ao nível do lago. São oito cabines masculinas e quatro femininas. A força da água é controlada por uma alavanca especial que provoca uma massagem saudável e energizante.
- 20) Banheiros: Abertos a todos os visitantes sem nenhum custo.
- 21) Mirante - Aberto a todos os visitantes sem nenhum custo.
- 22) Cascatinha – Fica a 1.800 metros do parque do Barreiro, seguindo por uma trilha. Lá se podem observar áreas mineradas em processo de reabilitação, lagos artificiais e uma pequena cascata natural. Lendas dizem que Dona Beja banhava-se em suas nascentes.
- 23) Bosque Burle Marx – um verdadeiro santuário ecológico, onde podem ser encontradas espécies representativas da flora brasileira e pequenos animais, como micos, esquilos e vários pássaros.
- 24) Centro de Aventuras – fechado para manutenção.
- 25) Termas – local para banhos.
- 26) Fonte Andrade Junior – Fonte de água sulfurosa que possui uma temperatura de 32°C, esta circundada por um lago de lama e água sulfurosa, localizada em frente ao Grande Hotel. No seu prédio de linhas curvas estão expostas réplicas de fósseis de animais pré-históricos encontrados nas escavações da construção do conjunto arquitetônico do Grande Hotel e Termas
- 27) Artesanato – Na área externa do complexo do Barreiro, foi criada uma estrutura de barraquinhas para a comercialização de artesanatos locais.
- 28) Recepção – recepção do hotel.
- 29) Pescaria – aos domingos é vendido um ingresso de pescaria para os visitantes do parque, que recebem uma vara e iscas para pescarem.
- 30) Igreja Nossa Senhora das Graças – localizada fora do complexo do Barreiro, é freqüentada por turistas, mas também por um grande número de pessoas da comunidade nos dias de domingo.
- 31) Quadras de Gate Ball – uma adaptação de futebol com menos jogadores em campo, localizadas na área externa do hotel, não tem nenhum custo para os hóspedes, mas podem ser alugadas por visitantes.
- 32) Heliporto – restrito aos hóspedes.
- 33) Portarias – guaritas instaladas para uma melhor segurança dos hóspedes, somente a portaria central continua ativa, as duas outras foram desativadas. Apesar das portarias, todos possuem livre acesso ao complexo.
- 34) Charretes - localizadas na área externa do hotel, podem ser alugadas tanto para o hóspede, quanto para o visitante, sem distinção.

Após a descrição de todas as atratividades externas encontradas no Complexo do Barreiro, torna-se mais fácil visualizar a dimensão e importância deste complexo para a cidade e grande parte de seus moradores da década de 40 até os dias de hoje. A seguir, analisaremos alguns depoimentos tomados de pessoas moradoras da cidade de Araxá, representativas dos residentes típicos e de classes sociais variadas. Foram realizadas algumas entrevistas com lideranças públicas e privadas para verificar e diagnosticar as representações sobre a cidade e as formas da verdadeira identidade araxaense, verificando como é a relação da comunidade e do complexo do Barreiro ou seja, qual o impacto do complexo no cotidiano dos moradores de Araxá.

3.6 A população em geral e as lideranças públicas e privadas: visões, representações e contradições

Para entender a opinião e as representações dos araxaenses sobre o impacto do Complexo do Barreiro na vida da cidade e em suas vidas, foram realizadas entrevistas com moradores. Apresentamos, a seguir, um resumo das principais informações obtidas.

Moradores

- **Faixa etária:** O entrevistado mais jovem tinha 27 anos e o mais idoso, 74 anos, com idade média de 41 anos e 7 meses.
- **Estado civil:** A maioria dos respondentes é casada (80%).
- **Nível de instrução:** 4 dos entrevistados possuem curso superior completo ou em curso. 2 possuem apenas o ensino fundamental completo. Os outros 4 concluíram o ensino médio.
- **Profissão:** 3 trabalham em atividades ligadas ao comércio local. 1 é agricultor, 1 profissional da saúde, 3 são aposentados e 2 não trabalham.
- **Renda familiar e moradia:** 3 pertencem à classe média, 4, à classe médio-baixa, 1, à classe baixa e 2, à classe médio-alta.
- **Visão sobre as representações do Barreiro em relação à identidade da cidade:** De acordo com os entrevistados, Araxá tem um potencial turístico que pode ser mais bem explorado, mas não o é devido a diversas variáveis. A cidade tira seu maior rendimento das atividades agropecuárias e da mineração e não do turismo, fato conhecido pela maioria dos residentes. Apesar disso, a preocupação com o

desenvolvimento da atividade turística da cidade tem sido constante e as administrações municipais recentes têm procurado desenvolver tal filão.

Os principais elogios dos araxaenses sobre a cidade são: (a) receptividade; (b) a limpeza urbana; (c) a qualidade da comida e, sobretudo dos doces; e (d) a beleza e o luxo do Hotel do Barreiro.

As críticas feitas são: (a) falta de outros atrativos, descentralizando o turismo do Hotel do Barreiro, para aumentar o período de permanência dos turistas na cidade; (b) os altos custos das visitas ao hotel, dos banhos e dos produtos da cidade em geral; e (c) falta de mais opções de lazer e entretenimento, sobretudo para os turistas que não visitam a cidade para tratamento medicinal ou estético.

A seguir, em resumo, os dados mais interessantes de cada morador:

Morador 01A: Nayara, 28 anos, mora em Araxá há 27 anos, no centro da cidade, que é uma área mais antiga, mas bastante valorizada. Trabalha como técnica de enfermagem e estuda na universidade local.

Caracteriza Araxá como uma cidade dominada pelo Barreiro e o Grande Hotel, mesmo sem nunca ter entrado na área interna do hotel. Acha difícil ir ao Barreiro, freqüentando o parque, às vezes, aos domingos, quando utiliza a área de lazer para os filhos andarem de bicicleta. Acredita que o complexo possui pouca interação com a cidade. Acha os araxaenses bem hospitaleiros e preparados para receber turistas. Não apresentou sugestões.

Morador 02B: Paula, 27 anos, nasceu em Araxá e vive no bairro Domingo Zema, afastado do centro da cidade e predominantemente de classe médio-baixa. É balconista e cursa o 7º período de Ciências Biológicas na universidade local.

Caracteriza Araxá como estância hidromineral e cidade turística. Considera o araxaense hospitaleiro e acha importante a presença de turistas na cidade, mas acha que as pessoas da cidade deveriam ser mais treinadas e capacitadas para receber turistas.

Visita o Barreiro todos os domingos, em busca da área de lazer, do verde que o parque oferece. Não consegue ver nenhuma relação do hotel com a cidade, vendo-os muito separados. A sugestão é de que o complexo do hotel envolvesse a cidade, ao realizar eventos, congressos, feiras e outras atividades, com parcerias com a faculdade, por exemplo, pois tais atividades movimentariam toda a cidade.

Morador 03 C: Roberto, 40 anos, médico, mora em Araxá há 14 anos, no bairro Arasol, próximo ao centro, predominado pela classe médio-baixa. Não considera Araxá uma cidade turística, apesar de ser uma cidade agradável para se viver e visitar. *É uma cidade do interior com algumas limitações.* Visita o parque duas vezes ao mês, geralmente aos

domingos. Procura o contato com a natureza, e esportes ao ar livre, mas considera a área de lazer com algumas limitações e falta de estrutura para atender a comunidade e até mesmo os hóspedes, como por exemplo, a falta de iluminação nas pistas de caminhada do parque, um local perigoso durante a noite. O Hotel é muito distante da comunidade. Sua sugestão é criar uma estrutura adequada para as pessoas da cidade frequentarem mais o parque, como por exemplo, iluminação da pista de caminhada à noite, pois sem iluminação falta a segurança no parque.

Morador 04 D: Max, 74 anos, mora em Araxá há 5 anos, mas possui negócios aqui desde 1985. Mora no centro da cidade e é agricultor, possuindo curso superior incompleto. Não considera a cidade turística. Diz que Araxá é muito diferente de outras cidades turísticas, dando o exemplo de Poços de Caldas. Segundo ele, faltam alguns detalhes para Araxá ser uma cidade totalmente turística, pois os turistas chegam no sábado e o comércio, museus e igrejas estão fechados, pois, não costumam abrir nos finais de semana. *As poucas atividades que funcionam nos finais de semana fecham muito cedo para uma cidade que se diz turística, diferente do que acontece em Poços de Caldas e outras cidades.* Mas considera Araxá muito hospitaleira, o povo receptivo, o clima excelente e a água é muito boa. Está muito satisfeito, assim como sua família. Diz ter sido muito bem acolhido na cidade. Visita o Barreiro todos os domingos, mas não conhece o hotel, pois acha que deve ser muito caro.

Morador 05 E: Olívia, 57 anos, mora em Araxá há 30 anos, no bairro Fertiza, próximo ao centro e, caracteristicamente, um bairro para a classe médio-baixa. Doméstica aposentada, possui a 1ª série do ensino fundamental. Considera Araxá como uma cidade turística. Vai ao Barreiro muito pouco, cerca de três vezes ao ano, pois já está acostumada e não vê novidades para ir lá mais vezes por ano. Quando visita o Complexo, sempre vai à igreja. Não conseguiu falar sobre a relação do hotel e da comunidade ou apresentar sugestões.

Morador 06 F: João, de 59 anos, nasceu em Araxá e mora no bairro Fertiza. Trabalha, fazendo limpeza em campos de futebol e possui apenas a 1ª série do ensino fundamental. Considera Araxá uma cidade turística por causa do hotel que é muito visitado por pessoas de vários lugares. Vai ao Barreiro muito pouco, aproximadamente duas vezes ao ano, pois não considera o Barreiro como um lugar atrativo para ele.

Morador 07 G: Joana D'Ark, de 71 anos, nasceu em Araxá. Doceira aposentada, reside no bairro Fertiza. Considera a cidade como turística, mas acha que o complexo do hotel não valoriza as pessoas de Araxá como doceiros e artesãos, pois antigamente costumava vender doces e artesanato no Barreiro, dentro do parque, mas

hoje, não se sente bem vinda, não existe espaço, apenas o espaço fora do parque. Acredita que a estrutura está precária, se comparada com a que existia antigamente. Os banheiros estão sempre sujos e sem papel, há poucos turistas. Sente muita falta do hotel e do parque como eram no passado.

Morador 08 H: Rubens, 36 anos, nascido em Araxá, no bairro Santo Antônio, que mistura as classes médio-baixa e médio-alta. Considera a cidade turística.

Morador 09 I: Cleunice, 54 anos, nascida em Araxá, residindo no centro. Não considera Araxá uma cidade turística.

Morador 10 J: José Abdanur, 70 anos, mora em Araxá há 58 anos, no centro da cidade, em área tradicional e de classe médio-alta. Acha que Araxá perdeu todo o seu glamour junto com o fim dos jogos.

Lideranças públicas e privadas

Foram escolhidos cinco cidadãos que representassem diferentes áreas de destaque da política e economia local. Do universo pesquisado, oito acreditam que Araxá deveria estudar maneiras mais efetivas de investir em atrativos turísticos, pois a contribuição atual é pequena, quando comparada com o potencial oferecido pelas fontes termais. dois afirmam que, ao contrário do que ocorre hoje, no passado, as administrações deram maior incentivo aos micro-empresários e profissionais ligados, de alguma forma, ao complexo turístico, como médicos, esteticistas, hotéis menores e hospedarias e artesãos.

Dos entrevistados, três acreditam que Araxá está preparada para receber mais turistas do que realmente recebe, devido ao complexo hoteleiro, a excelente gastronomia artesanal e vários pontos turísticos em bom estado de conservação. cinco gostariam que as demais atrações turísticas fossem mais bem exploradas, difundindo melhor o potencial da cidade, que perde muitas oportunidades de receber os turistas hospedados no Grande Hotel, pois os mesmos raramente são atraídos para outros pontos da cidade.

Os demais ressaltam o problema trazido pelas mineradoras que dominam financeiramente a cidade e não desenvolvem nenhum projeto que pudesse colaborar com o perfil turístico que a cidade tenta desenvolver.

Quase todos sugerem eventos que atraíam turistas de diferentes faixas etárias, e não somente os da terceira idade, grande maioria atualmente. Sugerem festivais gastronômicos, de artesanato, de doces e de música, que são atrativos fortes na cidade.

A maioria considera a qualidade de vida excelente em Araxá, apesar de alguns restantes queixarem-se dos altos preços praticados devido ao consumidor-alvo que seria o turista com bom poder aquisitivo. Acreditam que isso prejudique o cidadão comum, que muitas vezes é privado de frequentar os restaurantes e locais turísticos com suas famílias.

Apesar das críticas, a maioria se considera otimista quanto ao futuro da cidade como local turístico, pois os investimentos feitos no Grande Hotel foram eficazes e a conservação dos bens que já existem tem sido satisfatória. Acreditam na atual administração da cidade e do hotel, bem como nas autoridades diretamente envolvidas com o turismo local.

Ressalta-se a consciência da posição que a cidade de Araxá tem para os entrevistados como parte ativa do Circuito das Águas e o papel bem definido de cada um dentro da comunidade, além da seriedade com que encaram seu papel como divulgadores do turismo da região.

Seria interessante, neste momento, verificar o depoimento de cada entrevistado individualmente. Vale lembrar que, quando a fala for literal, ela será apresentada em itálico no próprio parágrafo ou virá em destaque.

O dono da Fábrica de Doces Joaninha, Luiz Augusto Nunes de Almeida, destacou que, atualmente, existe um projeto que visa desvincular a COMTUR da prefeitura. Seriam convocados alguns representantes de lojas e fábricas, que estariam vinculados ao turismo e que elegeriam o presidente da COMTUR.

(...) através desse projeto de lei, na câmara municipal, negociarão a taxa de turismo junto aos hotéis. Neste projeto, 50% do valor será repassado aos cofres do Araxá Convention para suas despesas e 50 % para investir no turismo de Araxá, pois, infelizmente o que mais prejudica o turismo na cidade é a falta de recurso, porque a prefeitura não tem como investir tanto nesta área.

Através desse projeto, a Ouro Minas estará divulgando a nossa cidade internacionalmente.

Estou aqui há dezoito anos, e dentro do que eu presenciei, e estou envolvido no turismo (...) o hotel já estava aberto, tanto que chegou a uma época de degradação que já havia há muitos anos. A prefeitura não fazia nada e dizia-se que era responsabilidade do governo. Nos últimos anos do Grande Hotel aberto, a situação já se encontrava precária com o seu turismo. Nas termas não tinha nem água por causa dos problemas com caldeiras e o Hotel estava quase caindo em cima do hospede.

E o município não tomava nenhuma providência. Nesta época, não existia a secretaria de turismo.

Então veio a etapa do fechamento. O nosso prefeito na época era o Dr. Jeová, ele levantou a idéia que a cidade era turística e implantou uma secretaria de turismo. Foi através dele juntamente com o governo estadual que sensibilizou, e uma atitude foi tomada. Nesta época é que criou a COMTUR. Na época ressentimos muito com a fechada do Hotel, mas daquele jeito também, era impossível de continuar. O

turismo que já estava ruim, pior ficou. Infelizmente demorou muito para ser reaberto.

Uma coisa que ajudou muito foi a abertura de associações de artesãos, colônias do SESC, que trazia muitos turistas à nossa cidade, e apesar de tudo a cidade não morreu, até que veio o apogeu da abertura que tanto esperávamos.

A abertura do Hotel foi para nós excelente porque foi uma divulgação nacional e destacou-se. Infelizmente veio o grupo Tropical e não interagiu muito com a nossa cidade. No primeiro momento Araxá recebeu muita gente e hoje apesar do hotel aberto, na mão do Ouro Minas que está empenhando em divulgar Araxá.

Existem algumas dificuldades, talvez pela concorrência, ou pelo estado em que se encontram as estradas, ou talvez por falta de maior divulgação, mas o fato é que há uma queda no que se refere ao turismo. No momento, os turistas aparecem, mas apenas em momentos especiais como Carnaval, ou finais de semana prolongados. As colônias de férias, costumeiras no passado já não existem mais.

Araxá está capacitada para receber turistas, com uma rede de hotéis ótimos, restaurantes excelentes, ou seja, a cidade tem potencial. Araxá possui os seus atrativos, uma história muita bonita de Dona Beja, vários museus, a Árvore dos Enforcados, Filomena, Parque do Cristo, Circuito da Canastra, o Barreiro. É uma cidade hospitaleira, possui ainda um turismo religioso, como a Casa do Caminho ou a Igreja de São Sebastião. Oferece produtos de boa qualidade para as pessoas que a visitam. O que a cidade precisa é só do turista.

Para Luiz Augusto Nunes de Almeida, a gastronomia é tratada como um verdadeiro atrativo no município, pois ela é de excelente qualidade, com um leque variado de opções, seja através de quitandas, doces ou pratos típicos, que são diferenciados dos outros locais. Quando se fala de Uberaba, em importantes jornais e revistas, a idéia que se tem é de gado Zebu, e quando se fala em Araxá, logo se pensa em queijos deliciosos e doces.

Na sua percepção, o visitante é muito receptivo com Araxá, reconhecendo as coisas de qualidade que Araxá oferece. O visitante procura barzinhos com músicas ao vivo, atrações do Barreiro, como as cachoeiras, hotéis-fazenda que são próximos da cidade, enfim, não falta nada do que ele pede. Seria ideal se o turista soubesse melhor das *maravilhas* que Araxá possui, porque, às vezes, ele quer uma coisa que não existe na cidade, mas pode encontrar outras alternativas melhores.

Outro depoimento relevante foi o de Antônio Donizete Trevisan, presidente da Associação dos Artesãos da cidade. Ele disse que não conhecia nenhum tipo de projeto relacionado ao turismo, exceto o plano de retorno para o Barreiro. Dentro desse plano de retorno, haveria alguma coisa relacionada ao turismo, além dos eventos que aconteceriam em Araxá, que trariam as pessoas até a cidade e, se gostassem do local, poderiam levar o nome do município a outras pessoas. Um exemplo deste tipo de evento, é a exposição de carros antigos que acontece uma vez ao ano na cidade. *Esses eventos atraem os turistas, porque, quanto ao turismo natural, não tem sido feito nada.* Ainda de acordo com Antônio Donizete Trevisan:

Na abertura do Grande Hotel o turismo estava, voltado para os jogos por causa dos cassinos. Vinham muitos turistas para a cidade. Essas pessoas que vinham a Araxá usavam a estância hidromineral como uma atividade extra para seu conforto; hoje dificilmente é usada como algo extra, pois as pessoas vêm aqui para se

beneficiarem das águas medicinais. E a estrutura do grande hotel só é utilizada para os eventos do hotel, não envolvendo a cidade. A hidrominas não é usada. As termas são pouco exploradas, mesmo sendo a única atração turística da cidade. Os residentes locais não utilizam as termas, que deveriam ser reformadas, usando uma tecnologia mais moderna; onde pudesse haver banhos chineses, japoneses, aumentando a atração turística.

Com o fechamento do Grande Hotel houve uma decadência no turismo e com a reabertura o efeito foi menor que o esperado. Apenas com a reabertura do Hotel, não esperamos aumentar outras atrações de turismo na cidade. Falta investir no turismo natural.

Araxá tem uma ótima estrutura para receber turistas, possui uma rede hoteleira boa, o comércio é muito bom, a cidade é muito limpa, possui um corpo de bombeiros eficiente, hospitais bons, policiamento, a cidade é bonita, tranqüila, merecendo atenção maior. Só que deveria enfocar mais as termas, modernizá-la para atrair o turista. Araxá é conhecida como a maior estância hidromineral do mundo, porém, não é usada como deveria ser.

Muitas pessoas dizem que a gastronomia é um atrativo para o turismo, mas o presidente da Associação dos Artesãos não concorda. Na sua opinião, trata-se de uma atração para quem sabe ir aos lugares certos. Nos dias atuais, a atração é o Circuito da Canastra ou os hotéis-fazenda, porque a estância hidromineral em si não tem sido focada.

Quando o visitante chega à cidade, ele procura visitar as termas e quer conhecer a estância hidromineral. Não existe nenhuma perspectiva de melhora deste comportamento no momento, pois não divulgamos outras atrações. Talvez deveria ser criado um parque aquático na cidade. Alguma coisa tem que ser feita e proposta para que melhore, mas se não estiver relacionado às águas não adianta, pois a cidade tem que investir no turismo natural.

Cecília Ganzarolli, proprietária da fábrica de doces Cecília, apresentou um visão um pouco diferente. Na sua opinião, existem projetos que estão voltados para as águas minerais e associados à história de Dona Beja. *Um projeto bom é aquele do SESC, onde são trazidos até aqui muitos aposentados que procuram por descanso. Eles procuram o comércio e fazem a cidade se movimentar.* Apesar disto, Cecília acha que, no essencial, nada está sendo feito para consolidar o turismo em Araxá, porque os responsáveis pelo *trade*:

não estão valorizando as águas, nem a bacia do Barreiro, estão valorizando somente as mineradoras. Estão pensando em trazer dinheiro para o município, pois as mineradoras trazem mais dinheiro do que os turistas. Com isso o turismo está sendo deixado de lado.

Da época em que o Hotel foi fechado, com sua reabertura, até agora, não houve nenhum avanço em relação ao Hotel, pois os valores cobrados para frequentar o Hotel e as Termas são muito altos.

Cecília Ganzarolli acha que a potencialidade da cidade é grande, pois existe a estância hidromineral e outros atrativos, como: a história dos quilombos, o mito de Dona Beja, o Circuito da Canastra - que é um lugar bonito, que ainda não foi degradado pelo homem, que o turista merece conhecer.

Quanto à gastronomia, Cecília pode ser considerada uma autoridade ao falar a respeito dos doces araxaenses. Apesar dos doces serem fabricados há anos, atualmente existem

dificuldades no setor, devido ao pequeno número de turistas e a grande concorrência que ocorre entre os fabricantes.

Quando os turistas chegam aqui eles procuram as águas minerais, o museu Dona Beja, a estação antiga, e o parque do Cristo, que são os principais pontos turísticos da cidade. Acho que eles não estão tão ligados a gastronomia não.

Márcia Helena L. Moneda, proprietária da Fábrica de Doces Caseiros Vó Lurdes, destacou o projeto do governo do Estado voltado para todas as estâncias. Contudo, não soube da existência de nenhum projeto da prefeitura, pois

(...) desde que Walter assumiu a secretaria de turismo nada foi feito; nunca mais ficou sabendo de nada, a não ser a amostra dos produtos de Araxá, feita pelo ROTARY.

Os eventos que existem na cidade são eventos antigos, fora isso, não existe um festival gastronômico, um festival de música, festival de doces, nada para divulgar Araxá. Quando viajamos para Belo Horizonte, ao chegarmos vemos a propaganda do Grande Hotel e não de Araxá, isso depois que a Ouro Minas veio para cá.

Para Márcia Helena L. Moneda, a melhor coisa que foi feita aqui foi o Circuito da Canastra, porque ajudou muito a aumentar o turismo. Quanto ao fechamento do Hotel, não soube falar muito, pois, na época, ainda não estava ligada ao comércio e não dava atenção a esse tipo de assunto. Apesar disto, destacou que *ficou muito impressionada com a coragem que o Jeová [prefeito de Araxá na época] teve de fechar o Hotel, pois ele já estava quase caindo em cima dos turistas e estaria até hoje naquelas condições.*

Quando o Hotel foi reaberto, Márcia Helena L. Moneda já estava envolvida com o turismo, na medida em que era dona da fábrica de doces. Percebeu, neste período, que várias pessoas ligadas ao comércio estavam explorando os turistas, tanto que leu uma reportagem, de São Paulo, sobre pessoas que teriam visitado a cidade e pago preços absurdos por passeios, vidros de doces, etc.

Naquela reportagem, Araxá recebia o nome de buraco negro, porque o turista era explorado. Vários empresários não aceitaram a crítica e disseram que a empresa era deles e que poderiam vender ao preço que quisessem. Com isso, hoje estamos colhendo o fruto desse mal comportamento dos empresários, porque o turista vem e passa para outras dez pessoas sobre a exploração e estamos aí em dificuldades.

Hoje a Ouro Minas está acertando, fazendo propostas às agências de turismo, fazendo o nome da cidade lá fora; além disso, estão modernizando as bicicletas, uniformizando os charreteiros, por exemplo. É uma coisa que estão tentando melhorar. Mas eles têm que desprender o Grande Hotel de Araxá. Pois, a cidade não pode viver em função do Grande Hotel.

Deve haver projetos que tragam o turista a Araxá e não ao Grande Hotel, como a Ouro Minas faz. Porque existem lugares bonitos na cidade: o Parque do Cristo, vários museus, cachoeiras próximas. A rede de hotéis não é boa, eles não tem estrutura, são hotéis para viajantes, pois, nem uma piscina, área de lazer, sauna, eles possuem, a não ser o Virgilius Palace Hotel e a Pousada Dona Beja. São hotéis comerciais. E todo mundo tem medo de falar isso. Eles constroem os hotéis confiando nas termas, tudo é focado no Barreiro.

Araxá nunca teve turismo, então não há como resgatar o que nunca se teve, porque já houve turistas de cassinos e não podemos resgatar cassinos. Temos que construir um destino para o turismo.

Araxá é conhecida no Brasil inteiro pelo sua gastronomia, em qualquer lugar que passamos ouvimos falar a respeito dos doces, das comidas caseiras. Quem visita a cidade se encanta, pois, até as comidas a quilo são boas.

Existem quatro empresas de doces, o que é pouco para uma cidade que é conhecida nacionalmente como a capital dos doces. Era preciso ter exposições de doces, onde os fabricantes pudessem expor seus produtos para muitas pessoas. Araxá deveria ter pelo menos cinquenta empresas de doces. Assim, seria possível atrair mais lojistas de outras cidades, produtores de matéria-prima relacionada. A concorrência não é ruim, isso atrai mais pessoas para comprar. Porque é estranho, as pessoas chegam aqui pensam que existem muitas fábricas de doce e encontram apenas quatro. A prefeitura precisava ajudar, criando um festival de doces, além de ajudar outras pessoas a montarem suas fábricas. A concorrência é um fator bom.

(...) quando os turistas chegam na cidade, eles procuram descanso, os banhos, o Grande Hotel, exigindo uma gastronomia de alto nível, e isto é algo que a cidade consegue oferecer. Todas as pessoas que visitam Araxá ficam encantadas com os sabores que são feitos na cidade.

Não se consegue tantas delicias em outros lugares, e isto encanta o turismo.

Uma coisa importante a dizer é que não é um turismo para sete dias; é apenas para três. Pois, depois de visitar o complexo do Barreiro, os museus, o Parque do Cristo e visitar o comércio, não se tem mais nada para fazer. Por isso o Circuito da Canastra é muito importante, assim, teremos um turismo para sete dias. Araxá acaba sendo uma cidade pólo. Então deveriam juntar o útil ao agradável.

(...) o Grande Hotel não vai fechar, pois está indo bem. O turismo local só precisa de uma conscientização do povo em geral. O poder público faz o que pode, pois já têm que se preocupar com muita coisa. O prefeito já faz muito. Cuida muito bem da limpeza da cidade e dos jardins...

É preciso agir e a secretaria de turismo deve se envolver mais, porque o turismo é de todos nós.

O presidente do *Araxá Convention And Visitors Bureau*, Carlos Araújo ressaltou outras ações que foram feitas em prol do desenvolvimento do turismo do município e região:

Primeiramente, devemos entender que a função da *Convention e Visitors Bureau* é diferenciada da ação da Secretaria de Turismo, pois, a mesma não tem nenhuma verba destinada a ela e nem é ligada a nenhuma instituição pública. A função da associação é através de seus associados obter recursos para a divulgação dos potenciais turísticos da cidade visando à consolidação da cidade como pólo turístico apresentado a outras entidades clientes, turistas, todos os recursos e atrativos destinados através de campanhas, principalmente publicitárias.

Os recursos para todas estas ações são obtidos diretamente junto aos associados e plenamente aplicados para estes fins, pois a instituição não tem nenhum fim lucrativo e somente de trabalho de divulgação do turismo em Araxá.

A questão de projetos para melhoria do turismo na cidade é de estrita responsabilidade da Secretaria de Turismo. A função do bureau fica restrita ao trabalho de angariamento de eventos atrativos e divulgação das potencialidades do município.

Várias ações estão sendo desenvolvidas para que haja um incremento turístico na cidade. Eventos são procurados para que venham a ocorrer em Araxá.

Apesar de Araxá ter uma identidade ligada ao termalismo, muitos outros atrativos têm se destacado como fortes potenciais a serem explorados no município. Já existem vários pontos que se destacam como turísticos sem ser o Grande Hotel e a Termas. Hoje já existem várias formas de turismo dentro da cidade como, o turismo religioso, o turismo de aventura e o turismo termal como um todo.

Esta diversificação do turismo foi muito importante para Araxá, pois, até pouco tempo atrás ela era considerada uma cidade somente pelo poder de cura e tratamento de suas águas. Assim sendo, as pessoas que a visitavam procuravam formas de tratamento e não de lazer e entretenimento. Cria-se um rótulo que a cidade somente servia para pessoas doentes se tratar e descansar e isto causava uma má impressão num todo. Como um turista normal iria para um hotel que somente se encontravam pessoas doentes?

Isto não deve significar que haja uma desvalorização das Termas em relação ao turismo em Araxá. O importante é que o turista encontrou outras formas de lazer mesmo quando elas se encontravam fechadas para reforma.

Isto, inclusive, se reflete no potencial de hospedagem em Araxá nos últimos 12 anos, que incluem o período de reforma do Grande Hotel e das Termas, pois, neste período houve um acréscimo em torno de 30% na oferta de vagas no setor hoteleiro, porém, a taxa de ocupação se manteve estável, mostrando que, independente do Grande Hotel, o turismo em Araxá mostrou vigor e diversidade para se manter.

Este fôlego do setor hoteleiro e turístico de Araxá muito se deve também ao turismo de negócios impulsionados pelas mineradoras e pelo comércio. Muitas empresas que prestam serviços e vendem seus produtos deslocam para a cidade funcionários, diretores, representantes que são hoje a maioria da ocupação de nossa rede hoteleira. Isto mostrou que a cidade não dependia única e exclusivamente do Grande Hotel e das Termas e que haviam outros potenciais a serem explorados em Araxá.

Muitas pessoas dentro da comunidade acreditavam que haveria uma forte demanda turística a partir da reinauguração do Grande Hotel. Realmente houve uma ligeira melhora, porém, foi devido ao ótimo trabalho e divulgação executado pelo Grupo Tropical que havia naquele momento assumido as suas atividades no Complexo.

Entretanto, a queda no comércio com o fechamento do Grande Hotel se deve ao fato de que a maioria dos hóspedes que se instalavam não só no Hotel quanto no Hotel da Previdência o faziam sem nenhum custo, pois, na maioria eram funcionários estaduais que gozavam de privilégios e assim não gastavam nada dentro do Hotel e sim no comércio da cidade, o que gerava um grande fluxo de capital para os comerciantes. Entretanto, isto se refletiu de forma negativa para o Hotel, levando-o às sérias dificuldades financeiras e estruturais que terminaram com seu fechamento.

O trabalho de reabertura do Grande Hotel foi muito bem elaborado e executado pelo Grupo Tropical que era apoiado pelo Grupo Santa Bárbara que visava este apoio no alto investimento que decorreria a partir da reabertura do Grande Hotel. Segundo o contrato assinado entre o Estado e o Consórcio Santa Bárbara/Tropical deveriam ser investidos dentro do Complexo do Barreiro R\$ 250.000,00 (duzentos e cinquenta milhões de reais) em um período de 8 (oito) anos na construção de novos hotéis dentro do parque do Barreiro de um Parque Temático que teria várias atrações para o turista e que traria um grande retorno para a cidade. Infelizmente, o acordo entre o Consórcio foi desfeito justamente por falta de investimentos, o que levou o Grupo Tropical também a rescindir prematuramente o seu contrato com o Estado, visto que o royalties cobrados pela Comig eram elevados e que a taxa de ocupação esperada não se apresentava efetivamente, ocorrendo somente quanto ocorriam eventos ligados ao turismo.

Com esta quebra de acordo podemos afirmar que houve uma nova “reabertura” do Grande Hotel, pois, o novo grupo controlador teve que se adequar às novas normas do contrato de arrendamento e da realidade do hotel naquele momento. O grupo Ouro Minas é um grupo muito bem consolidado dentro do ramo hoteleiro e que grande potencial para desenvolver um ótimo trabalho à frente da administração do Grande Hotel do Barreiro. O que devemos ressaltar é que deveria haver um grupo de trabalho mais amplo de divulgação das potencialidades do Hotel e das Termas assim como foi feito pelo Grupo Tropical que se refletiu em uma ótima taxa de ocupação e grande número de turista na sua gestão.

Como já foi dito anteriormente, os potenciais de Araxá são muito grandes. Desde o termalismo, o turismo religioso, o turismo de aventura, que devem ser mais bem exploradas através do Centro de Aventuras que foi instalado no parque do Hotel Rádio. Mas, há de se ressaltar o enorme potencial turístico do Circuito da Serra da Canastra. O turista que vem à Araxá atualmente, consegue em 2 ou 3 dias visitar todos os pontos turísticos da cidade, sendo este é o tempo máximo de estadia em nossos hotéis em média. Porém, hoje o turista procura, em um curto espaço de tempo, aproveitar e conhecer vários pontos turísticos, se aproveitando das proximidades das cidades e suas atrações. Daí a importância do sistema de circuito para a exploração das atividades turísticas. Podemos citar como exemplo o turismo

religioso. Existem hoje várias caravanas que saem, principalmente do Estado de São Paulo, que se deslocam para Uberaba para visitar a Casa e Obra de Chico Xavier, dali vêm a Araxá para conhecer a Casa do Caminho, o Tadeu, vão para Sacramento para visitar uma escola de Alan Kardec e a Gruta dos Palhares.

Mostram-se aí as potencialidades que podem ser exploradas pelos circuitos de turismo e a sua importância e como são importantes para o desenvolvimento do turismo tanto de Araxá quanto de toda a região.

(...) O potencial turístico da cidade ainda tem muito a ser explorado e o Convention e Visitours Bureau juntamente com os órgãos públicos municipais, estaduais e federais procuram executar vários projetos de curto e longo prazo para a incrementação do turismo em Araxá.

Apesar de existir, em alguns momentos, diferenças de opiniões, podemos afirmar que todos os entrevistados deixaram claro que a hospitalidade da cidade é um aspecto de grande relevância para a atividade turística presente e para seu futuro progresso. Os comerciantes acreditam nos turistas como fonte de renda e procuram usar a hospitalidade mineira que acreditam estar arraigada na população araxaense em geral, como um chamariz para o turista. A cidade, segundo eles, foi *abençoada* com riquezas naturais e a criação do Grande Hotel com sua posterior restauração são armas poderosas para o sucesso da região como pólo turístico.

Consideram indiscutível a relevância das águas termais para o desenvolvimento turístico de Araxá, bem como o Grande Hotel, que atraiu para a região investimentos no setor hoteleiro, de alimentação e entretenimento, melhorias na infra-estrutura básica e de acesso à região, além do fluxo de turistas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho objetivou, a princípio, estudar como o Grande Hotel de Araxá influi na economia e no *modus vivendi* da cidade e dos moradores de Araxá. Após a análise de documentos e depoimentos, foram feitas algumas reflexões sobre a restauração do hotel e sua “devolução” aos braços do “povo araxaense”. Percebeu-se que a sua importância vai além de uma simples análise estatística. Por isso, foi necessário, nesta pesquisa, entrevistar alguns membros da população em geral e mesmo profissionais relevantes do turismo na cidade. Para os entrevistados, a reconquista do Grande Hotel devolveu, a todos, mais do que um patrimônio histórico, representou a esperança da cidade voltar a ser um destino turístico conhecido e valorizado nacionalmente.

Em outras palavras, não há como negar que Araxá sofreu uma grande perda no fluxo turístico devido à ilegalidade dos cassinos. Durante muitos anos, os moradores viveram o sonho e a ilusão do retorno do glamour daquela fase, que, apesar de ser breve, marcou a história da hotelaria nacional. Mesmo não ocorrendo dessa maneira, a restauração do Grande Hotel significou o resgate de uma certa “mineiridade”, afinal, para muitos, trata-se de um ícone que representa o universo cultural do povo mineiro. Aliás, deve ser lembrado que a população esteve envolvida diretamente no processo de restauração.

Na época de seu fechamento (fevereiro de 1994), o hotel contava com somente 10% de taxa de ocupação em alta temporada. O problema era grave. Em uma reportagem publicada pelo Jornal O Estado de Minas, no ano de 1994, percebeu-se, claramente a denúncia sobre a precariedade do hotel e as implicações:

A impressão que se tem hoje ao percorrer seus longos e escuros corredores vazios é a de que todos os ocupantes do prédio saíram às pressas para salvar suas próprias vidas. Na cozinha, cujo teto ainda guarda marcas de um pequeno incêndio ocorrido no final do ano passado, quando uma máquina de fritar batatas pegou fogo, tudo ficou fora do lugar. Os refrigeradores permaneceram ligados, comidas que seriam servidas no jantar, como panelas de arroz, feijão, batatas fritas, entre outros alimentos já preparados, apresentam aspectos de deteriorização e forte odor de matéria orgânica fermentado. (O ESTADO DE MINAS, 1994, s/p.)

Os araxaenses sentiram-se incomodados com as críticas e com o encerramento das atividades do hotel e usaram o período de adversidade e crise para encontrar soluções que, hoje, começam a despertar interesse nas autoridades que, de alguma forma, lidam com a

hotelaria brasileira. Para que isso efetivamente ocorra, seria interessante construir uma nova imagem para cidade de Araxá. Existem bons projetos e muitos debates no município. Contudo, para se colocar o *produto Araxá* no mercado, com condições de competitividade, é necessário diferenciá-lo no mercado brasileiro, ou seja, esse destino tem que apresentar a sua própria identidade turística. Para tanto, utilizar apenas a imagem do Grande Hotel, como vem sendo feito até hoje, não seria o caminho mais adequado. O termalismo e o turismo da terceira idade também estão associados ao município de Araxá e poderiam ser melhor trabalhados do ponto de vista do marketing turístico, afinal, vivemos um período de valorização da saúde e do cuidado pessoal.

Outra questão importante seria o resgate da gastronomia como consolidação de um destino turístico, na medida em que a cidade é famosa pela fabricação de seus doces artesanais. Carlos Araújo, presidente do *Araxá Convention And Visitors Bureau*, destacou bem essa temática:

Em relação à gastronomia, podemos dizer que a culinária mineira em si só é uma das melhores do Brasil e com particularidades que somente ela carrega. Em relação a isso, Araxá está muito bem servida. Mas, o que realmente mais chama atenção para Araxá são os doces aqui produzidos, que são muito apreciados pelos turistas. Muito se diz que os doces na cidade produzidos são caros, porém, de incontestável qualidade e que têm o diferencial de serem fabricados localmente. Em Poços de Caldas, por exemplo, os doces ali comercializados são importados de outras regiões do estado além de mais baratos, porém, não carregam a marca e a qualidade que Araxá oferece.

Em suma, a culinária ganha fama e faz surgir novos hábitos e novos quitutes que começam a criar uma história local, saborosa e atraente para os turistas. O debate, o trabalho e o investimento no turismo, na culinária local e na hotelaria certamente poderão representar alternativas significativas para a consolidação de Araxá como um dos principais destinos turísticos do interior do país.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Jornais

O Correio de Araxá (de 1930 a 2005)

O Estado de Minas (de 1930 a 2005)

Artigo:

RODINI, Rosana. Dormindo no aeroporto. **Isto é**, São Paulo, 1895:52, 12 de fevereiro de 2006.

Livros:

ANDRADE, Nelson; BRITO, Paulo Lúcio e JORGE, Wilson Edson Jorge. **Hotel: planejamento e projeto**. 3 ed. São Paulo: SENAC, 2001.

ARRUDA, Maria A. do Nascimento. **Mitologia da mineiridade**. O imaginário mineiro na vida política e cultural do Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1990.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1988.

BOECHAT, Ricardo. **Copacabana Palace** – um Hotel e sua história. 2ª ed. São Paulo: DBA/Melhoramentos, 1998.

CASTELLS, Manuel. **Questão urbana**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1983.

COMUNICADO. **Correio de Araxá**, 05 mar. 1994, p. 6.

COSTA, Waldir. **Araxá da maloca ao palácio**. 2 ed. Araxá: s/e, 1987.

DECISÃO de fechar o hotel repercute positivamente. **Jornal Minas Gerais**, 20 abr. 1994.

DIAS, Celia Maria de Moraes. **“Home away from home”**: Evolução, caracterização e perspectivas da hotelaria: um estudo compreensivo. Dissertação de mestrado. São Paulo: USP/ECA, 1990.

_____. (org.) **Hospitalidade** - Reflexões e perspectivas. Barueri: Manole, 2002.

DUARTE, Vládir V. **Administração de sistemas hoteleiros**: conceitos básicos. São Paulo: SENAC, 1996.

FUNARI, Pedro Paulo e PINSKY, Jaime (orgs.) **Turismo e patrimônio cultural**. São Paulo: Contexto, 2001.

GRANDE HOTEL corre o risco de incêndio. **O Estado de Minas**, 01 mar. 1994. Caderno Cidades.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade**. Rio de Janeiro: DP e A Editora, 2002.

LAGE, Beatriz Helena Gelas e MILONI, Paulo César (orgs.) **Turismo: teoria e prática**. São Paulo: Atlas, 2000.

LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, Maria de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LIMA, Glaura Teixeira Nogueira. **Das águas passadas a terra do sol, ensaio sobre a história de Araxá**. Araxá: Bunge Fertilizantes, 2003.

LOMÔNACO, J. **Valores profissionais para crianças e adolescentes**. Dissertação (Mestrado). São Paulo: USP, 1970.

MAGALHÃES, Mário de Castro. **A Estância de Araxá**. São Paulo: Gonçalves Aquino, 1945.

_____. **As Águas de Araxá: Descrição Geral da Estância**. s/ed. 1945.

MOVIMENTO em torno do Grande Hotel caiu 50% na primeira semana após seu fechamento. **O Estado de Minas Gerais**, 03 mar. 1994. Caderno Cidade.

OLIVEIRA, Selmane Felipe. **Crescimento Urbano & Ideologia Burguesa**. Uberlândia: Rápida, 2002.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAXÁ - PMA (2005) Informativo sócio-econômico 2004. <http://www.araxa.mg.gov.br>

PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAXÁ - PMA (2006) Aspectos regionais. <http://www.araxa.mg.gov.br>

REJOWSKI, Miriam. **Turismo no percurso do tempo**. São Paulo: Aleph, 2002.

RUSCHMANN, Doris. **Turismo e planejamento sustentável**. Campinas: Papyrus, 1987.

SERSON, Fernando M. **Hotelaria – a busca da excelência**. São Paulo: cobra, 2000.

SILVA, Sebastião de A. Fonseca e MACHADO FILHO Aires da Mata. **História do Araxá**. Belo Horizonte, 1946.

WALKER, John R. **Introdução à hospitalidade**. Barueri: Manole, 2002.

WEBER, Eugen. **França, fin-de-siècle**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: Silva, Tomás Tadeu. (org) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 7-71.

ZEMA, Lourdes. **Águas de Araxá**. Belo Horizonte: Bros, 1998.

Revista

Publicação do Setor de Pesquisas e Publicações da Fundação Cultural Calmom Barreto. **O Trem da História**, Araxá. Números 01 a 31, 1991-2000.

Sites

www.araxamg.gov.br

www.copacabana.com/cassino

www.pocosdecaldas.mg.gov/historia

www.clubapostar.com

www.apeoesp.org.br

BIBLIOGRAFIA AMPLIADA

Artigos

AVENA, Biagio M.. Acolhimento de qualidade: fator diferenciador para o incremento do turismo. **Turismo em análise**. São Paulo, v. 12 (1): 20-29, mai, 2001.

BOCCARDO, Fernanda C.. Aspectos Psico/Sociais há hospitalidade. **Turismo Visão e Ação**. Itajaí, ano 3 (7): 31-46, out. 2000 / mar, 2001.

CERRI, Luiz Fernando. Regionalismo e Ensino de História. **Revista de História Regional**. São Paulo, v. 1 (1): Unicamp, fev. 1996.

COLPY, Camila F.. A hospitalidade e as relações de vizinhança. **Boletim de Turismo e Administração Hoteleira**. São Paulo, v. 11 (11): 79-83, mai, 2002.

GODOY, Arilda Schimidt. A pesquisa qualitativa e sua utilização em Administração de Empresas. **Revista de Administração de Empresas – RAE**. São Paulo, v. 35 (4): 65-71, jul/ago, 1995.

GONZÁLEZ, Norma E. K.. Hospitalidade e preconceito no turismo. **Turismo Visão e Ação**. Itajaí, ano 4 (10): 91-100, out. 2001 / mar, 2002.

RYAN, Chris. Equity, management, power sharing and sustainability – issues of the “new tourism”. **Tourism Management**. 23, 17-26, 2002.

Livros

Análise Setorial. A Indústria Hoteleira – Panorama Setorial. **Gazeta Mercantil**. Vol. I, II e III, abril, 1999.

AUGÉ, Marc. **Não Lugares**: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 1994.

BANDUCCI, Álvaro Jr. E BARRETO, Margarita (orgs.) **Turismo e identidade local**: uma visão antropológica. Campinas: Papirus, 2001.

BAPTISTA, I. As cidades e os rostos da hospitalidade. In: **Revista de Educação Social**. Porto: Universidade Portucalense, 1999.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1988.

BARRETO, Margarita. **Turismo e legado cultural**. Campinas: Papirus, 2002.

BENI, Mário Carlos. **Análise estrutural do turismo**. São Paulo: SENAC, 2000.

BOMENY, Helena. **Guardiões da razão**: modernistas mineiros. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

BRASIL, Ministério da Indústria, Cultura e Turismo. **Política Nacional de Turismo**. Mimeo, 1996-1999.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. **Hospitalidade**. São Paulo: Aleph, 2004.

_____. Os domínios da hospitalidade In DIAS, Célia (org). **Hospitalidade: Cenários e oportunidades**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

CANO, Wilson. **Desequilíbrios regionais e concentração industrial no Brasil: 1930-1970**. São Paulo: Global, 1985.

CASTELLI, Geraldo. **Excelência em hotelaria – uma abordagem prática**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2000.

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos. **Turismo urbano**. São Paulo: Contexto, 2002.

CHON, Kye-Sung e SPARROWE, Raymond T. **Hospitalidade**. Conceitos e Aplicações. São Paulo: Pioneira, 2003.

COOPER, Chris et al. **Educando os educadores em turismo: manual de educação em turismo e hospitalidade**. São Paulo: Roca, 2001.

DEMO, Pedro. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2000.

_____. **Metodologia científica em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1995.

DENCKER, Ada de Freitas M. **Métodos e técnicas de Pesquisa em Turismo**. São Paulo: Futura, 1998.

_____ e Bueno, Marielys. **Hospitalidade: cenários e oportunidades**. São Paulo: Pioneira, 2003.

_____ e VIÁ, Sarah Chucid da. **Pesquisa empírica em ciências humanas**. São Paulo: Futura, 2001.

DERRIDA, Jacques. **Manifeste pour l'hospitalité**. Gringy: Paroles d'Aube, 1999.

_____ e DUFOURMANTELLE. **De l'hospitalité**. Paris: Calman-Levy, 1997.

DULCI, Otávio Soares. **Identidade Regional e Ideologia: o caso de Minas Gerais**. Belo Horizonte, UFMG: Mimeo, 1988.

FAISSOL, Speridião (org.) **Urbanização e regionalização: relações com o desenvolvimento econômico**. Rio de Janeiro: IBGE, 1978.

FAYOS-SOLA, Eduardo. **El capital humano en la industria turística del siglo XXXI**. Madri: OMT, 1996.

FREITAS, Paulo Sergio R. e SAMPAIO, Roberto C. (Coords.) **Sinopse do diagnóstico sócio-econômico do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba (1940-1980)**. Uberlândia: UFU/Departamento de Economia, 1985.

HOBSBAWN, Eric J. e RANGER, Terence (org.) **A Invenção das tradições**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.

LASHLEY, Conrad e MORRISON, Alison. **Em busca da hospitalidade**. São Paulo: Manole, 2003.

LEMOS, Maria Teresa T. B.; MORAES, Nilson Alves de e PARENTE, Paulo André L. (orgs.). **Memória e identidade**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

LUCAS, Fábio. **Mineiranças**. Belo Horizonte: Oficina dos Livros, 1991.

MASI, Domenico de. **Desenvolvimento sem Trabalho**. São Paulo: Esfera, 1999.

MATHEUS, Zilda Maria. A idéia de uma cidade hospitaleira. In: DIAS, Celia Maria de Moraes (org.) **Hospitalidade** – Reflexões e Perspectivas. Barueri: Manole, 2002.

MATTAR NETO, J. A. **Metodologia científica na era da informática**. São Paulo: Saraiva, 2002.

MONTANDON, Leonilda S. **Vamos Conhecer Araxá**. Belo Horizonte: Artegrafia, s/d.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

PELLEGRINI FILHO, Américo. **Turismo cultural em Tiradentes**. Estudo de metodologia aplicada. São Paulo: Manole, 2001.

PIRES, Mário Jorge. **Lazer e turismo cultural**. São Paulo: Manole, 2001.

REIS, Fábio José Garcia (org.) **Turismo: uma perspectiva regional**. Taubaté: Cabral, 2003.

RIZZIERI, Juarez A. B. **Desenvolvimento econômico e urbanização**. São Paulo: Instituto de Pesquisas Econômicas, 1982.

RODRIGUES, Adyr Balastri (org.) **Turismo e desenvolvimento local**. São Paulo: Hucitec, 2002.

_____. (org.) **Turismo, Modernidade, Globalização**. São Paulo: Hucitec, 2002.

SAMPAIO, Roberto C. **Migrações no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba**. Dissertação de Mestrado, Belo Horizonte: UFMG, 1990.

SERRANO, Célia et al (org.) **Olhares contemporâneos sobre o turismo**. São Paulo: Papyrus, 2000.

SIMÕES, Maria Cristina. **Preservação do patrimônio cultural em cidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SINGER, Paul. **Desenvolvimento econômico e evolução urbana**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

THEOBALD, William F. (org.) **Turismo global**. São Paulo: SENAC, 2002.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **Turismo e Qualidade**: Tendências contemporâneas. São Paulo: Papirus, 1998.

TYLER, Duncan et al. (org.) **Gestão de Turismo Municipal** – Teoria e prática de planejamento turístico nos centros urbanos. São Paulo: Futura, 2001.

URRY, John. **O Olhar do Turista**. Lazer e viagens na sociedade contemporânea. São Paulo: Studio Nobel, 1996.

VARGAS, Getúlio. **1883-1954 - Getúlio Vargas**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1995.

VASCONCELOS, Sylvio. **Mineiridade**: Ensaio de Caracterização. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1968.

YAZIGI, Eduardo. **Turismo, uma esperança condicional**. São Paulo: Plêiade, 1998.

1. Termo de Consentimento

Autorizo a pesquisadora Alessandra Burger de Aguiar a utilizar os dados da entrevista concedida no mês de abril de 2006 para compor a sua dissertação de Mestrado na Universidade Anhembi Morumbi.

Elza Del Sarto

Autorizo a pesquisadora Alessandra Burger de Aguiar a utilizar os dados da entrevista concedida no mês de abril de 2006 para compor a sua dissertação de Mestrado na Universidade Anhembi Morumbi.

José Abdanur

Autorizo a pesquisadora Alessandra Burger de Aguiar a utilizar os dados da entrevista concedida no mês de abril de 2006 para compor a sua dissertação de Mestrado na Universidade Anhembi Morumbi.

Luiz Augusto Nunes de Almeida

Autorizo a pesquisadora Alessandra Burger de Aguiar a utilizar os dados da entrevista concedida no mês de abril de 2006 para compor a sua dissertação de Mestrado na Universidade Anhembi Morumbi.

Antônio Donizete Trevisan

Autorizo a pesquisadora Alessandra Burger de Aguiar a utilizar os dados da entrevista concedida no mês de abril de 2006 para compor a sua dissertação de Mestrado na Universidade Anhembi Morumbi.

Cecília Gonzaroli

Autorizo a pesquisadora Alessandra Burger de Aguiar a utilizar os dados da entrevista concedida no mês de abril de 2006 para compor a sua dissertação de Mestrado na Universidade Anhembi Morumbi.

Márcia Helena L. Moneda

Autorizo a pesquisadora Alessandra Burger de Aguiar a utilizar os dados da entrevista concedida no mês de abril de 2006 para compor a sua dissertação de Mestrado na Universidade Anhembi Morumbi.

Carlos Araújo

2. Roteiro para entrevista com moradores de Araxá, de diferentes classes sociais, faixa etária e ocupações:

Pesquisa sobre o processo de turistificação de Araxá e a identidade de seus moradores

1. Identificação (nome, sexo, idade);
2. Bairro de residência;
3. Tempo de residência em Araxá;
4. Profissão;
5. Nível de escolaridade;
6. Caracterização da cidade segundo o informante;
7. Considerações sobre a “hospitalidade” e o caráter turístico da cidade;
8. Visita o Parque do Barreiro? Quantas vezes por semana? O que procura ao visitar o parque?
9. Vivenciou outras fases do Parque do Barreiro/Grande Hotel. Comparações. Relação do Complexo do Barreiro com a comunidade,etc.
10. Sugestões.

3. Roteiro de entrevista com representantes do poder público e privado:

Projetos de Turismo, aspectos valorizados nestes projetos;

- 1) O que tem sido feito para consolidar o turismo em Araxá. Impressões sobre sua identidade turística;
- 2) Perguntas sobre a percepção do turismo no município a partir do Grande Hotel, no passado com a implantação, fechamento, reabertura e atualidade;
- 3) Percepção atual das potencialidades turísticas de Araxá – local e regional.
Análise da identidade turística da cidade;
- 4) Gastronomia como atrativo turístico de Araxá;
- 5) O que o visitante procura ao visitar Araxá.

4. Documentação Fotográfica e Cartográfica

Fonte: Fundação Cultural Calmon Barreto